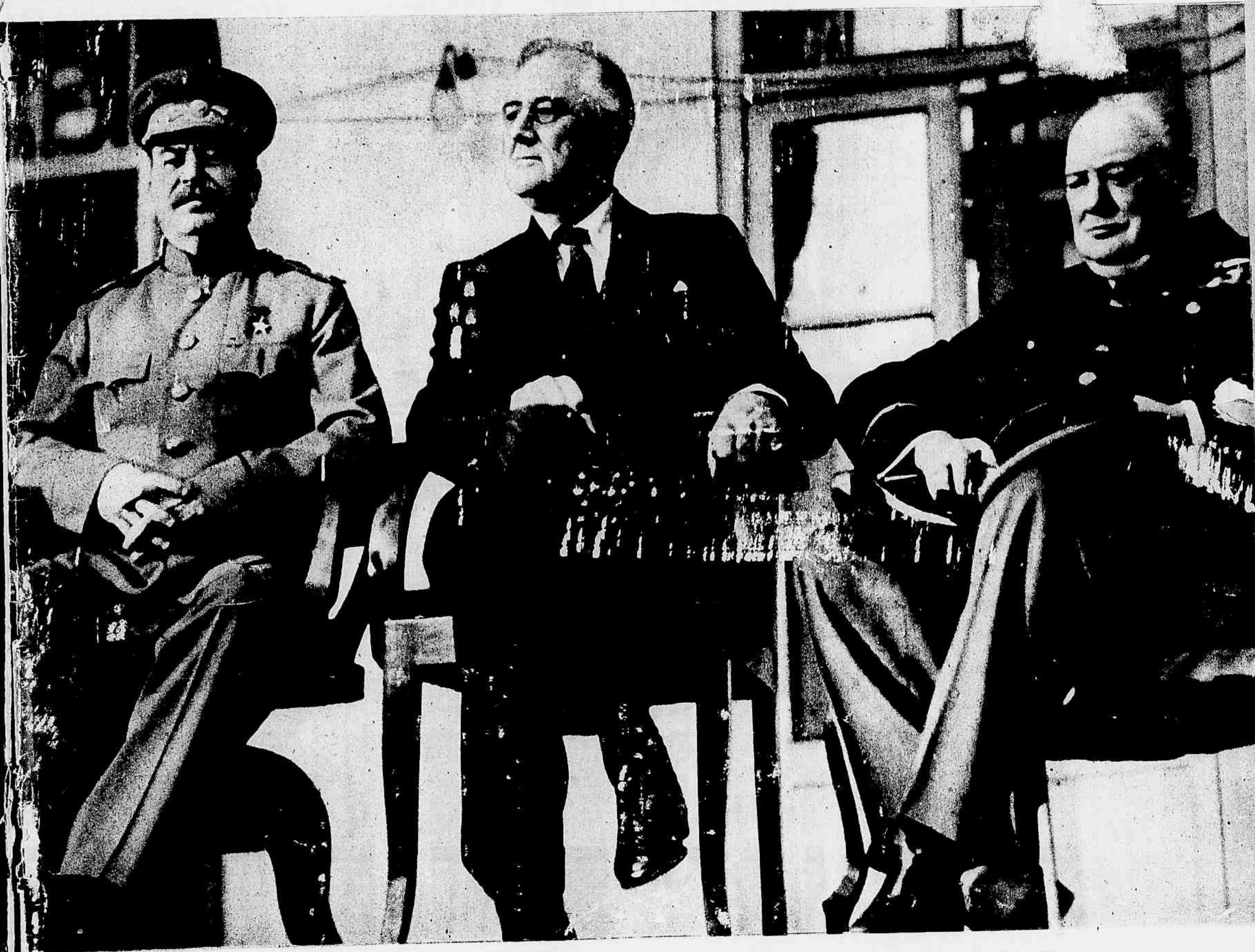


Revista da Semana

ANO XLV -- N.º 1 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 1 de Janeiro de 1944



STALIN

ROOSEVELT

CHURCHILL

Um presente
de Papai Noel



Uma visita à *Casa Lú* facilitará a V. Exa. a escolha de um presente de Natal. A *Casa Lú* se esmerou em proporcionar a V. Exa. o conforto de um ambiente agradável e distinto, onde V. Exa. encontrará sempre bom gosto, qualidade e preço.

VESTIDOS — CHAPÉOS — COSTUMES — LINGERIE — "SPORT" E PRAIA — BOLSAS — LUVAS MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú
Modas

ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS

A NOVA P.R.E.-3, UM EXEMPLO DIGNO DE SER SEGUIDO

O radiouvinte brasileiro tem recebido com aplausos entusiásticos os novos programas lançados ao éter pela Rádio Transmissora desta capital.

Em verdade, é surpreendente o surto de progresso por que passa aquela emissora, apresentando cada dia novos motivos de atração, que plenamente justificam o número sempre crescente de seus "fans".

Sob a orientação direta de seu novo diretor, o dr. Nelson Dantas, a cujo dinamismo progressista se devem as notáveis transformações introduzidas na P. R. E. — 3, a grande estação carioca



O dr. Nelson Dantas, diretor da P. R. E. — 3.

vem agora transmitindo uma série de programas novos, creados e interpretados pelos seus elementos jovens.

A estes artistas nunca faltou o apoio e a colaboração do dr. Nelson Dantas, cuja visão lhes tem facilitado sobremodo a elaboração dos novos programas da P. R. E. — 3.

Homem de negócios, o dr. Nelson Dantas, que é também diretor da empresa Panal S. A., soube, à frente da nova Rádio Transmissora, unir ao seu espírito de "businessman" moderno o seu elevado senso artístico, o que levou a estação a conseguir em pouco tempo o sucesso que tem alcançado.

Contratando para o seu "cast" artistas novos do valor de Moreira da Silva, Alcides Gierard, Luiz de Carvalho e Ique Dolar, a Rádio Transmissora os integrou no elenco de seus programas populares — "Navio da Folia", "Romeu e Julieta", "Clube das Sabidas" — que veem marcando sucesso invulgar nos nossos meios radiofônicos.

Assim, a P. R. E. — 3, dirigida pelo espírito arrojado do dr. Nelson Dantas, dá às demais emissoras do País um exemplo digno de ser seguido.



ARTURO DE CORDOVA — "PARAMOUNT".

TAREFA PARA 1944

Por JUANITA BOREL MACHADO

O ano de 1944 é para todos nós o ano da grande Esperança. A numerologia dá-lhe como característica o n.º 9, e este é o símbolo da atividade universal.

O mundo foi implacavelmente destruído, como uma floresta devastada pelo "machado do lenhador", mas dessa devastação pôde surgir um lar, uma vila, uma cidade, uma civilização...

O numero 9 Kabalisticamente, é o numero da força, da energia motora, que impulsiona o progresso, e entiosa todas as capacidades técnicas, moraes e intelectuaes, para uma obra de reconstrução integral. E' o numero da geração e da transmissão de vida e, indiretamente, é regeneração e rejuvenescimento.

E' o numero do amor à liberdade, da audacia, da coragem e da liberalidade; todas as forças de que o mundo precisará para a nova era de reconstrução e de reajustamento universal. A obra de todos para todos!

Há em cada boca uma pergunta muda:

Serás tu, 1944, porventura igual àquele não distante 1918 que assistiu ao desfilar das bandeiras da Vitória?!

E ao espoucar do champanhe, cada um de nós perguntará no alvoroço do desejo: Dar-me-ás, 1944, aquilo que constitui o meu Sonho de felicidade?

Mulher: susta o galope infrene do corsel da tua fantasia, cujo nitrir alegre enche o ambito verde do Sonho, repara na ruína que os modernos hunos deixaram após si, e pensa que a Vitória não será ainda a ultima palavra.

Homem: olha para trás e pensa que nem sempre o holocausto da vida é o tributo mais pesado.

O ano de 1944, si for o ano da Vitória, deverá encontrar-nos prontos para uma nova e exaustiva luta: a das reconstruções. Em vez de um pedido, devemos fazer-lhe uma oferenda; a doação de nossa energia, de nossa audacia e de nossa coragem, para a obra da geração e da transmissão de vida, que é a força Kabalística do novo ano.

O numero 9 representa também a influencia de Marte, o planeta da luta e da força militar. Será por tanto em todos os setores, o ano da grande batalha.

A mulher esquecida da sua feminilidade, esquece os véus sugestivos, as flores, os perfumes, as joias, tudo isso que formava o seu mundo, atributos do seu reinado de encanto e sedução, e veste o uniforme austero de soldado da retaguarda, ou o "overall" de operaria laboriosa. E' assim que devemos esperar que passe o ano de 1944.

Contudo é preciso reconhecer que tudo quanto chamamos futilidade não deixa de ser util e necessario. As mulheres que continuam a encher os ambientes alegres, com a beleza engalanada, e as risadas cristalinas, também são um sedativo aos que chegam com os olhos cheios de pólvora, as narinas impregnadas do cheiro da morte, a boca cheia de imprecações. Najera escreveu:

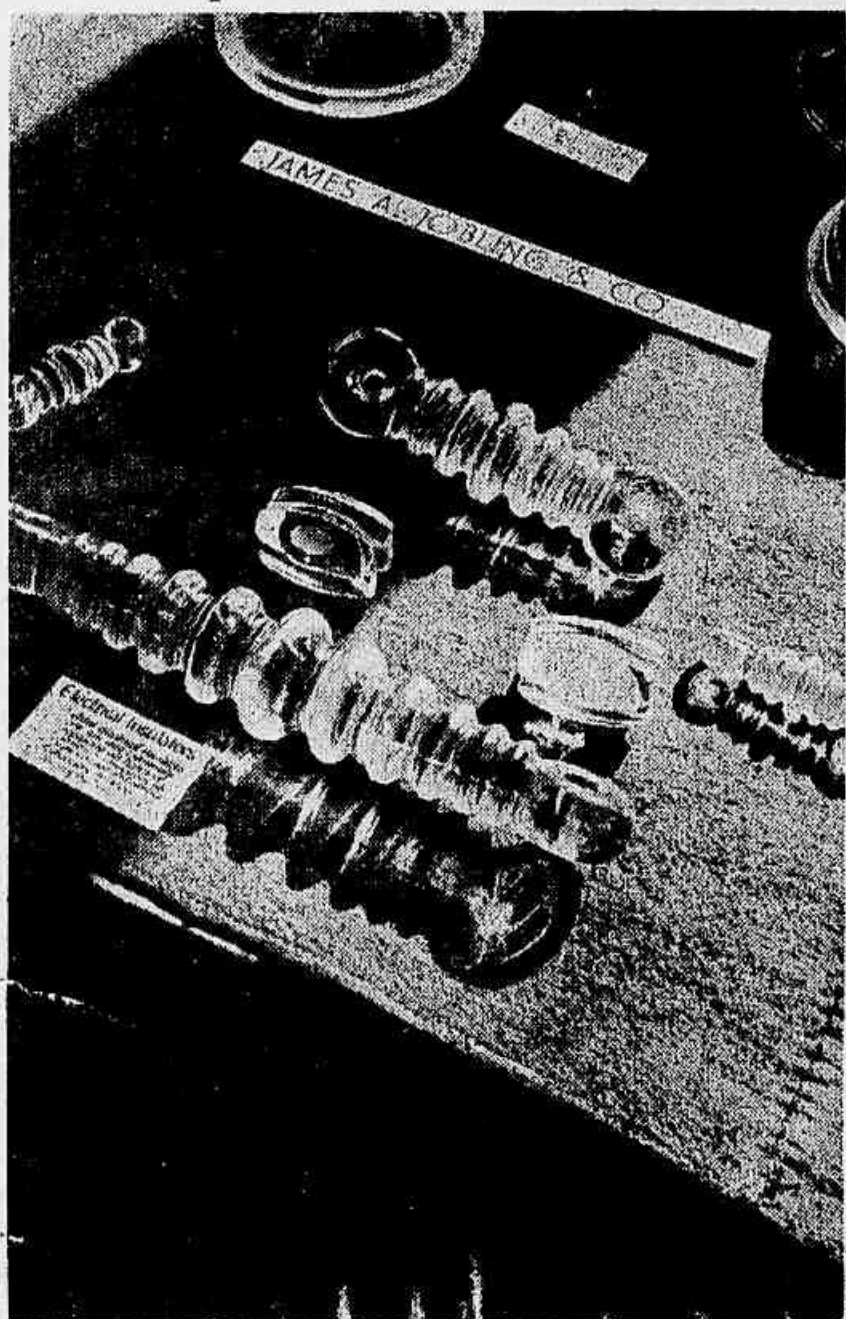
"Para aliviar aqueles que desterra,
E dar-lhes a esperança e o consolo,
Pôs Deus as mulheres cá na terra,
E derramou os astros pelo céu."

O guerreiro que parte para a luta, levando na retina a visão de um jardim de narcisos e de rosas, onde ela encontrou a beleza, a frescura e o sonho, anseia por voltar e luta com ardor para merecer o premio cobiçado.

A criança que esperou o papae Noel, o Ano-Novo e espera também, insaciavelmente, os três Reis Magos, é por sua vez o mais comovedor motivo da luta que seus pais travam por um mundo novo, o mundo que lhe oferecerá amanhã. E quando ele diz num abraço, ao vê-lo partir para o "front": Volta logo papai! O guerreiro sente que é um conquistador e que é também um construtor, que precisa ser um construtor, porque seu filho, e o filho de seu filho, esperam dele como herança, Vitória e Paz.

1944, ano Kabalisticamente forte, ano da atividade universal; da transmissão de vida, da reconstrução, da coragem e da liberdade, que ao clarear de uma aurora nova, o mundo veja, num mês e num dia teu, desfilar em conjunto multicolor as bandeiras da Paz e da Vitória!

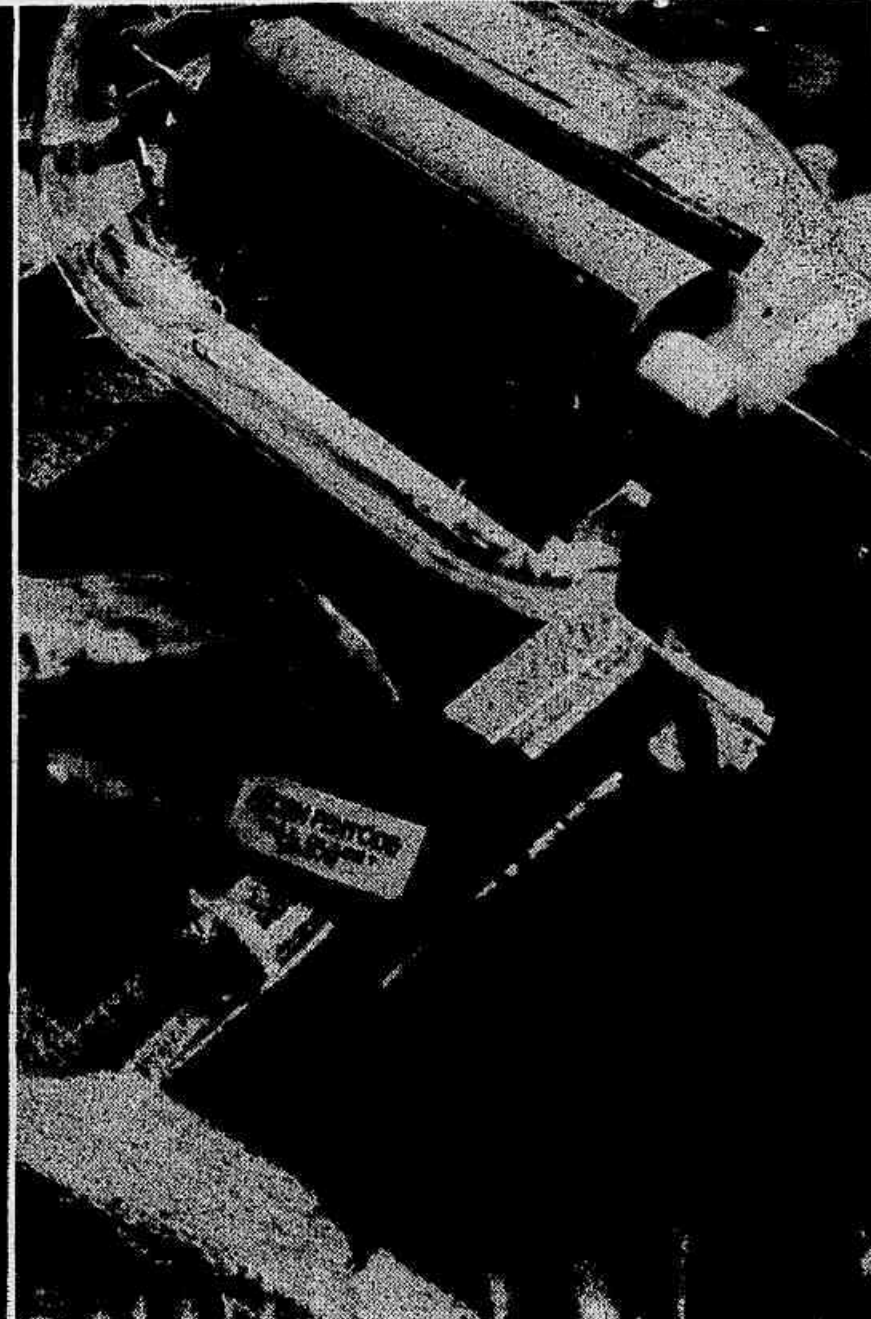
OS MILAGRES DO VIDRO



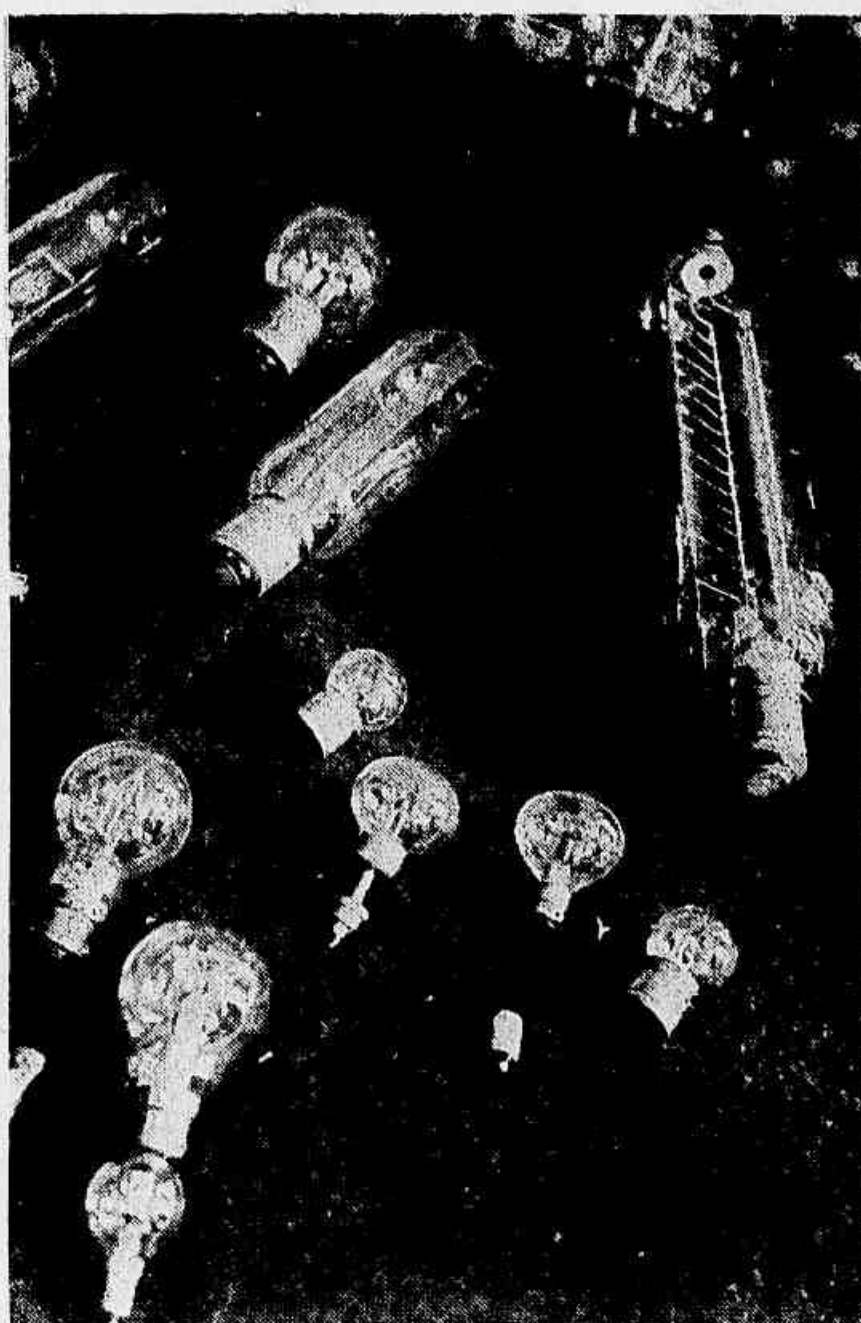
Os isoladores de vidro não reteem gotas de água e a sua resistência é muito maior do que a dos comuns.



Este grande retificador de mercúrio, destinado a converter a corrente alternada em contínua, requer na sua manufatura grande habilidade e cuidado.



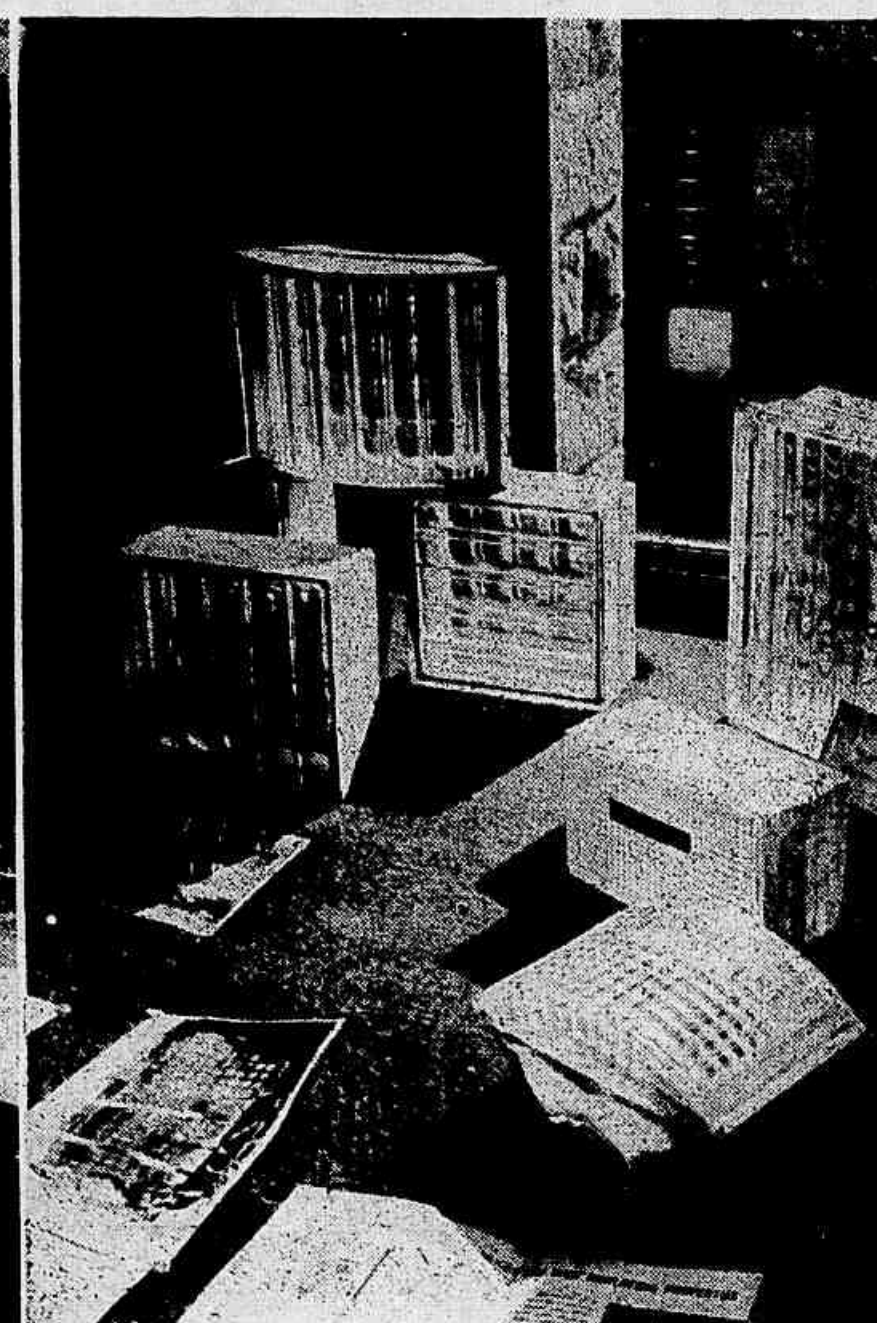
Aqui vemos uma válvula de rádio em cuja confecção o vidro deve ser tratado por processos especiais.



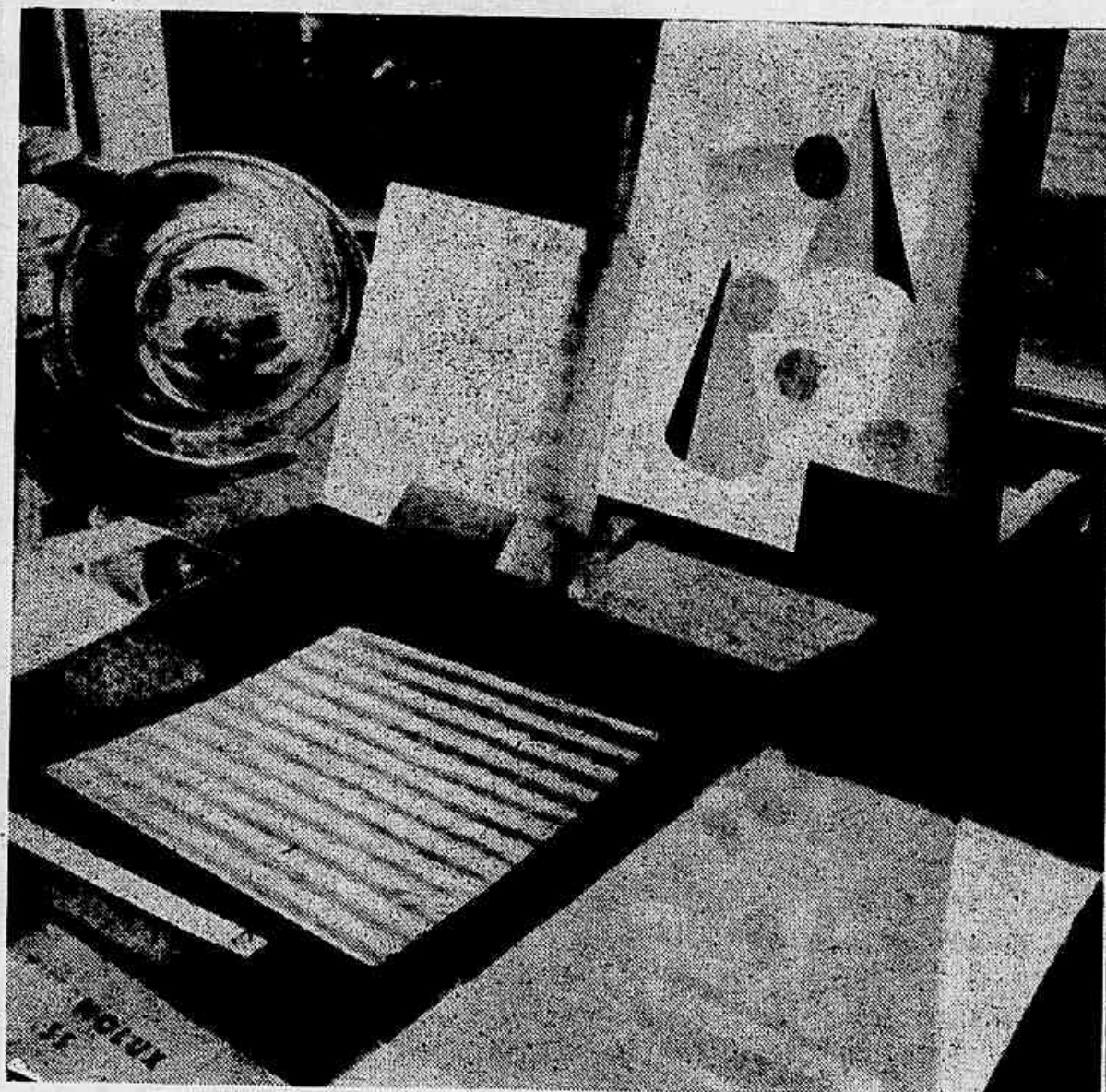
Um conjunto de lâmpadas que não são de uso comum. Cada uma delas é fabricada para um fim determinado, contendo filamentos especiais.



Este tecido de vidro, a par da sua grande resistência, apresenta também vantagens quanto ao peso.

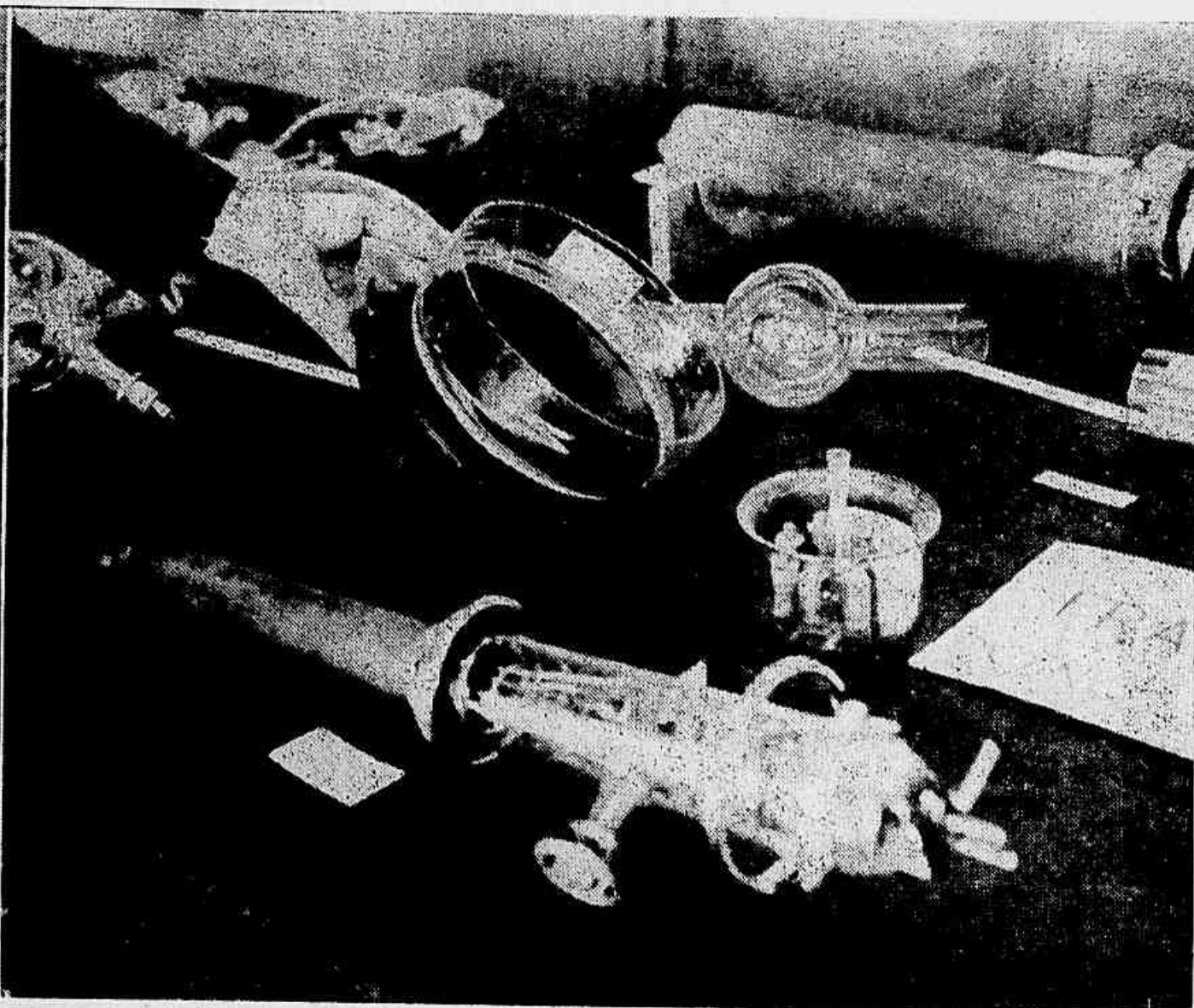


Essas caixas de vidro, destinadas aos mais diversos fins, obedecem a modelos diferentes. Sendo muito resistentes têm ainda a vantagem de deixarem penetrar a luz.



O vidro plastico pode ser usado para fins decorativos. Apresentamos algumas das formas sob as quais pode ser apresentado.

Uma recente exposição do Departamento Técnico da Universidade de Sheffield veio revelar alguns progressos surpreendentes na manufatura do vidro. Os cientistas atingiram incrível mestria na confecção dos mais variados utensílios fabricados com este fragil material. Agora é possível laminar o vidro, torná-lo flexível e mais leve, bem como modelá-lo de acordo com as necessidades. Num futuro próximo as janelas poderão ser inteiramente feitas de vidro. Este material pode tornar-se flexível como a borracha, e as roupas com ele confeccionadas trarão às elegantes do mundo inteiro um novo motivo de encantamento e talvez aos maridos novas dores de cabeça.



Diversos objetos de vidro em que a contextura delicada alia-se a uma grande resistência.

As inovações que poderão ser introduzidas no lar quando essa indústria se desenvolver, permitindo a confecção de um número maior de objetos de uso doméstico fabricados com vidro, teem um campo ilimitado.

A cozinha burguesa tornar-se-á algo semelhante aos mais modernos laboratórios.

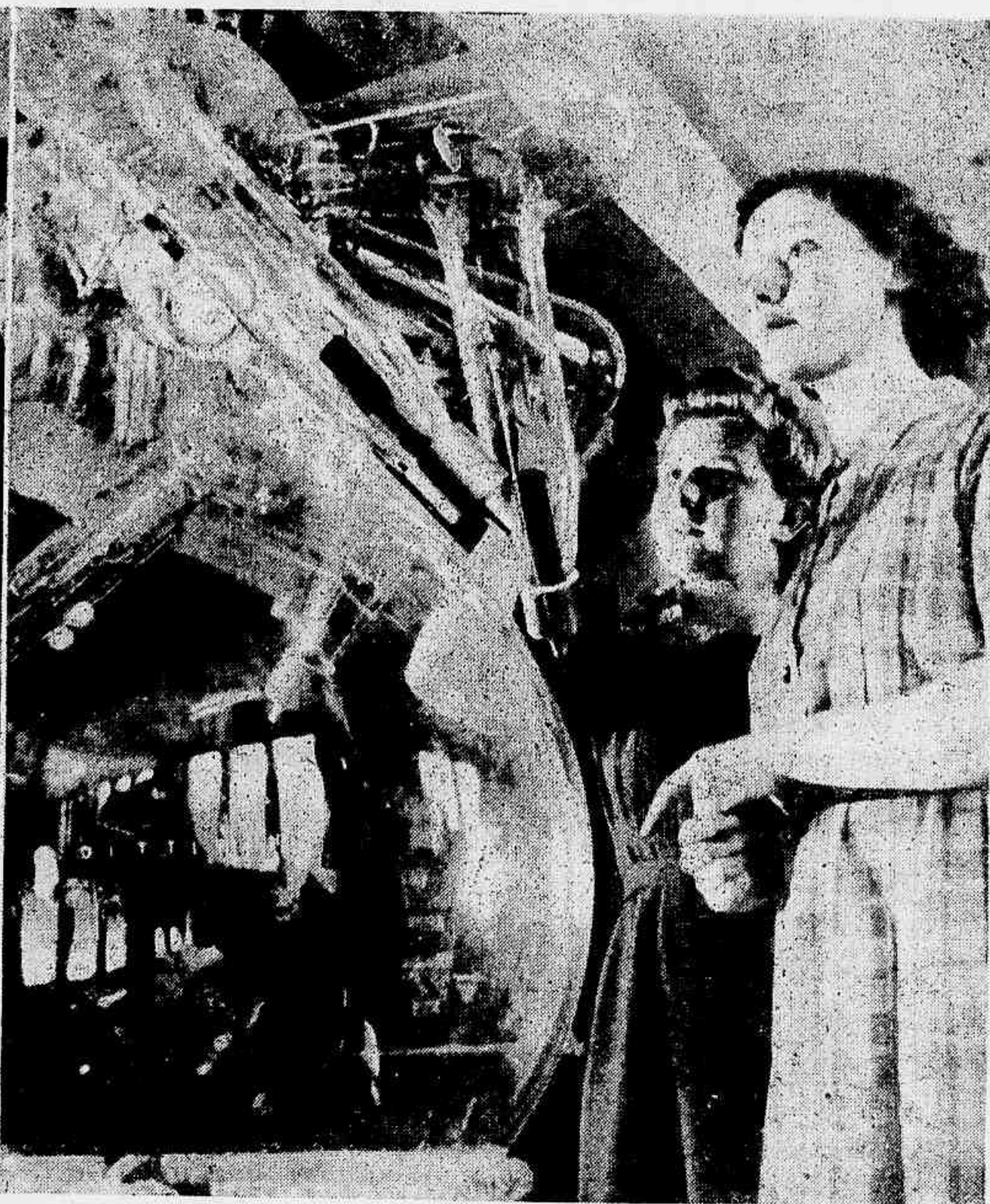
São incalculáveis os benefícios que o desenvolvimento da indústria do vidro trará à civilização.

E' vastíssimo o campo das atividades humanas que poderá ser beneficiado com as inovações introduzidas neste setor. Os instrumentos

(Continua na pag. 7)



Tecidos de vidro, a mais sensacional aplicação deste material.



Essas duas senhoritas examinam um retificador fabricado com vidro.

ESCRAGNOLLE DORIA

FESTAS E LUMINÁRIAS

A palavra luminárias era de uso corrente no antigo Rio de Janeiro, a palavra significando iluminação pública por motivo de festa comemorativa oficial ou religiosa. Muitas e muitas foram as noites cariocas de luminárias, vivas na parte urbana do Rio, de pontilhar treva nos morros, as luminárias indispensável complemento de todo o regozijo publico.

As manifestações de tal regozijo ocasionando luminárias se associavam os habitantes da cidade ainda na posse e no gozo de si mesma. Do concurso particular para a profusão e brilho das luminárias por tempo e tempo permaneceu prova em numerosas casas de ruas principais do Rio. Nas grades de sacadas havia ganchos de ferro servindo à suspensão de glóbulos de vidro dentro dos quais ardiam velas nas noites de luminárias. As mesmas sacadas, nos dias da festa grande, ostentavam ricas e pesadas colchas de seda e de damasco, isto mormente nas ruas por onde desfilavam cortejos de ordem espetaculosa, portanto atraindo multidão.

A chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro foi o sinal do acender frequente das luminárias, a cidade entrando em vida oposta à que lhe era até então familiar. Alargou-se o quadro social carioca por efeito da presença de população adventícia qual a da transmigração, do contato com personagens de vária categoria, das rápidas transformações da vida publica. Tudo produzido pela mudança atlântica para o Brasil de semi-reino português. A outra metade do reino ficara às margens do Tejo, esperando pela volta da parte que os acontecimentos da era napoleônica haviam posto a velejar para outro continente.

A multiplicação e o apogeu das luminárias cariocas datam da vinda do Príncipe Regente à cidade que ele antevio em breve capital de Imperio, seio da qual ergueria voz o recém-vindo.

D. João encontrou no Rio de Janeiro um cronista para narrar e autenticar os principais sucessos idos de 1808 a 1821. O precioso cronista foi o padre Luís Gonçalves dos Santos; autor das *Memórias para servir à história do Reino do Brasil*.

Por esgotada, a obra passou para a classe dos livros de leitura quasi proibida. Recente edição Valverde põe a obra do minudente cronista ao alcance de quem quer escrever sem inventar. Para mór valia do volumoso livro prefacia-o e anota-o Noronha Santos. E' dizer autoridade e probidade.

Gonçalves dos Santos bastante informa de luminárias no Rio de Janeiro desde o claro e refrescado 8 de Março de 1808, dia no qual o Príncipe Regente, deixando bergantim, poz pé na rampa do cais do Terreiro do Paço. Seguiu para a igreja do Rosario dos Homens Pretos, então catedral, a render graças a Deus pela feliz chegada. Isto, à vista "de um imenso povo a cobrir ruas, a ocupar portas e janelas e mesmo a estar sobre os telhados". Nestes mirantes cumpria bem respeitar a lei do equilíbrio, sob pena de quebrar telha e ossos, os segundos de fratura mais sensível e consolidação demorada. Cahiram das nuvens; não dos telhados, quantos destes viram pela primeira vez o Príncipe Regente.

A 8 de Março de 1808, a cidade beiramar tornou-se de luminarias, as que lhe caberiam daí por diante quando houvesse sucesso a festejar publicamente.

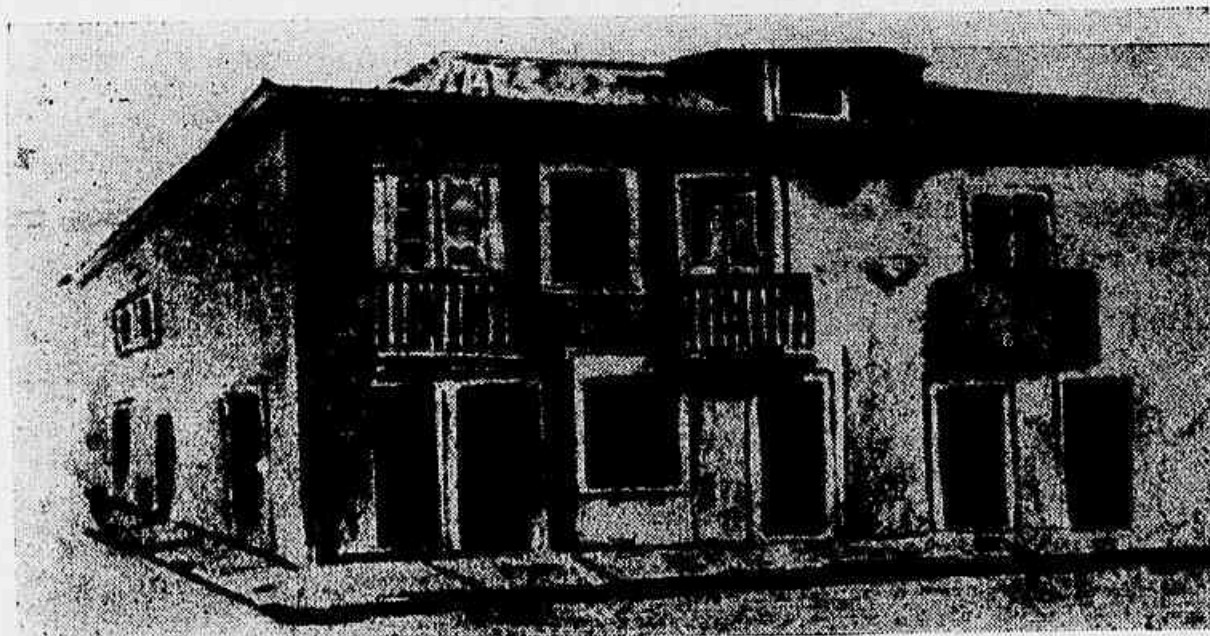
Nove noites duraram as luminarias de Março de 1808, noites serenas nas quais o céu também era luz, já de estrelas, já de luar. Cidade, arrabaldes, edificios publicos, residencias particulares, conventos, igrejas, fortalezas, navios, tudo se cobrio de luminarias. Veio apreciar-las da rua o Príncipe Regente com sua familia e côrte entre alas de povo ávido de vêr e borborinhar.

No tempo das primeiras luminarias principiou na cidade a guerras às rotulas ou gelosias de madeira das janelas dos sobrados, permitidas só durante certo tempo as gelosias dos peitoris das sacadas sem grades de ferro, conservadas as rotulas das casas terreas por não influirem na beleza do prospecto. Determinou, porem, a urbanisante intendencia de policia que as gelosias das casas terreas fossem uniformisadas, abertas para o interior e não para a rua; pelo estorvo a transeuntes, a

A festas nupciais de maior importância não podiam faltar luminarias momentaneamente ofuscadas por um fogo de artifício à guarda de regimento postado na vanguarda em linha de batalha. Sentinelas rodeavam o chamado "fogo artificial", afastando curiosidades de rapazes e também, disse Gonçalves dos Santos, dos "que têm tanto juizo e prudencia como os jovens". Sem duvida o padre cronista, vida afóra, conhecera muito cráneo em busca de cerebro.

A aclamação de D. João VI como rei encheu o Rio de Janeiro de festas diurnas e noturnas trasendo à cidade até gente de S. Paulo e Minas. Forasteiros ainda não turistas.

Na ornamentação urbana dos dias da Aclamação distinguiram-se trabalhos de membros da Missão Artistica Francêsa: o arquiteto Grandjean de Montigny e o pintor Debret. Puzeram talentos a serviço de levantar de peças arquitetônicas e decorativas no imitar monumentos da Grecia, de Roma e do Egito.



Casa colonial na rua Direita, ora 1.º de Março.

séges e carroças e estes transportes involuntariamente danificando as gelosias.

Davam estas ao Rio de Janeiro um que de cidade oriental. Até 1809 haviam sido as gelosias de uso para que em seguida, de impeto, se as julgassem incomodas, interceptadoras do ar, e prejudiciais. Tal o eterno crescendo de motivos com os quais, bem ou mal, se tentam justificar melhoramentos publicos do dia para a noite.

O largo do Paço, ora praça Quinze, foi o primeiro a sentir efeitos da incipiente urbanisação da cidade. Ponto centralissimo, aquele rocio abria espaço a festas brilhantes, assim as dos desposorios do infante D. Pedro Carlos, dileto sobrinho de D. João, e da infanta Maria Tereza, primogenita querida do Príncipe Regente.

Nas festas do tempo dele no Rio de Janeiro sempre houve grande colaboração popular da qual se não excluíam os mais humildes. Prova-nos isto Gonçalves dos Santos. Nos desposorios Maria Teresa — Pedro Carlos, "danças de africanos de diversas nações vestidas e enfeitadas ao uso do seu paiz natal, ao som dos seus instrumentos estrepitosos e barbaros" concorreram para satisfação de curiosidade geral, para satisfazer a sua a Familia Real às janelas do palacio.

As festividades da Aclamação, em dias de Fevereiro de 1821, não podiam dispensar luminarias. De como cobriram a cidade de luzes acham-se circunstanciadas noticias nas *Memórias* de Gonçalves dos Santos.

Segundo ele, a rua Direita, ora 1.º de Março, sobressaia sempre em todas as ocasiões de luminarias apresentando perspectiva muito brilhante, pela riqueza de seus moradores, uniformidade de quasi todos os seus edificios e largura de rua.

Em Fevereiro de 1821 mais do que nunca a rua Direita se avantajou em luminárias, principalmente na residencia do tenente-coronel Costa Braga, segundo parece bacarense. Salientava-se tal iluminação disposta em tres quadros, num o retrato de D. João VI, noutro simbolisados o Tejo, o Guadiana e o Amazonas significando a união dos tres reinos de Portugal, Algarves e Brasil.

Não longe da rua Direita, a Alfandega iluminára porta principal com luminárias em quadrados e em copos de vidro de varias côres, no alto painel transparente com as armas do Reino Unido.

No fim da rua Direita o Arsenal de Marinha acompanhava as luminárias dos navios surtos no porto e as das for-

talezas. Dando exemplo aos edificios assentados sobre os morros circunstantes à cidade, o mosteiro de S. Bento era só luzes por todos os lados, por seu pateo, por sua ladeira em escadório.

Todas as igrejas da cidade se iluminaram nas noites de Fevereiro de 1821, entre todas sobresaindo a igreja da Candelaria pela altura de iluminação.

Luminárias pela cidade afóra, tinha-as a rua do Passeio disputando admiração popular as iluminações das casas do comendador Marcelino Gonçalves, do tenente-general Oliveira Barbosa e do conselheiro João Antonio de Araujo, irmão do falecido conde da Barca.

Bairro iluminado a valer foi o da Gloria, nos jardins do brigadeiro Alvares da Fonseca, na fachada da residencia da baronesa de São Salvador no largo da Gloria, nas casas do conselheiro Amaro Velho da Silva.

Chacaras no Catete, casas da rua dos Invalidos, do Lavradio, do largo do Rocio, trapiches na Gambôa, tudo luminárias justificando versos de o'le anonima recolhida pelo padre Gonçalves dos Santos nas suas *Memórias*:

*Torna-se a noite em dia: he a cidade
Hum luminoso clarão de imensas luzes.*

As *Memórias* de Gonçalves dos Santos não deixam duvida: no Rio de Janeiro de 1808 a 1821 não faltaram dias e noites dos mais variados espetaculos, acudindo a todos o povo de cidade por muito tempo sem maior vida publica.

Com a partida de D. João VI tais espetaculos minguaram; quasi não os proporcionando ao Rio de Janeiro o Primeiro Império mais de ebulição que de satisfação geral. As festas pela Independencia, as da corôação de D. Pedro I, as do segundo casamento dele avivaram no Rio de Janeiro lembranças de recente passado, o permanencia de D. João VI numa terra que lhe inspirára esta confissão: "no Brasil é que verdadeiramente fui rei".

No Primeiro Reinado noites houve, as das Garrafadas, nas quais pouco duraram as luminárias acesas por lusitanos em honra do regresso de Minas de D. Pedro I, luminárias e fogueiras apagadas por brasileiros exaltados percorrendo ruas centrais, aos gritos ao zunir de pedras e cacos de garrafas.

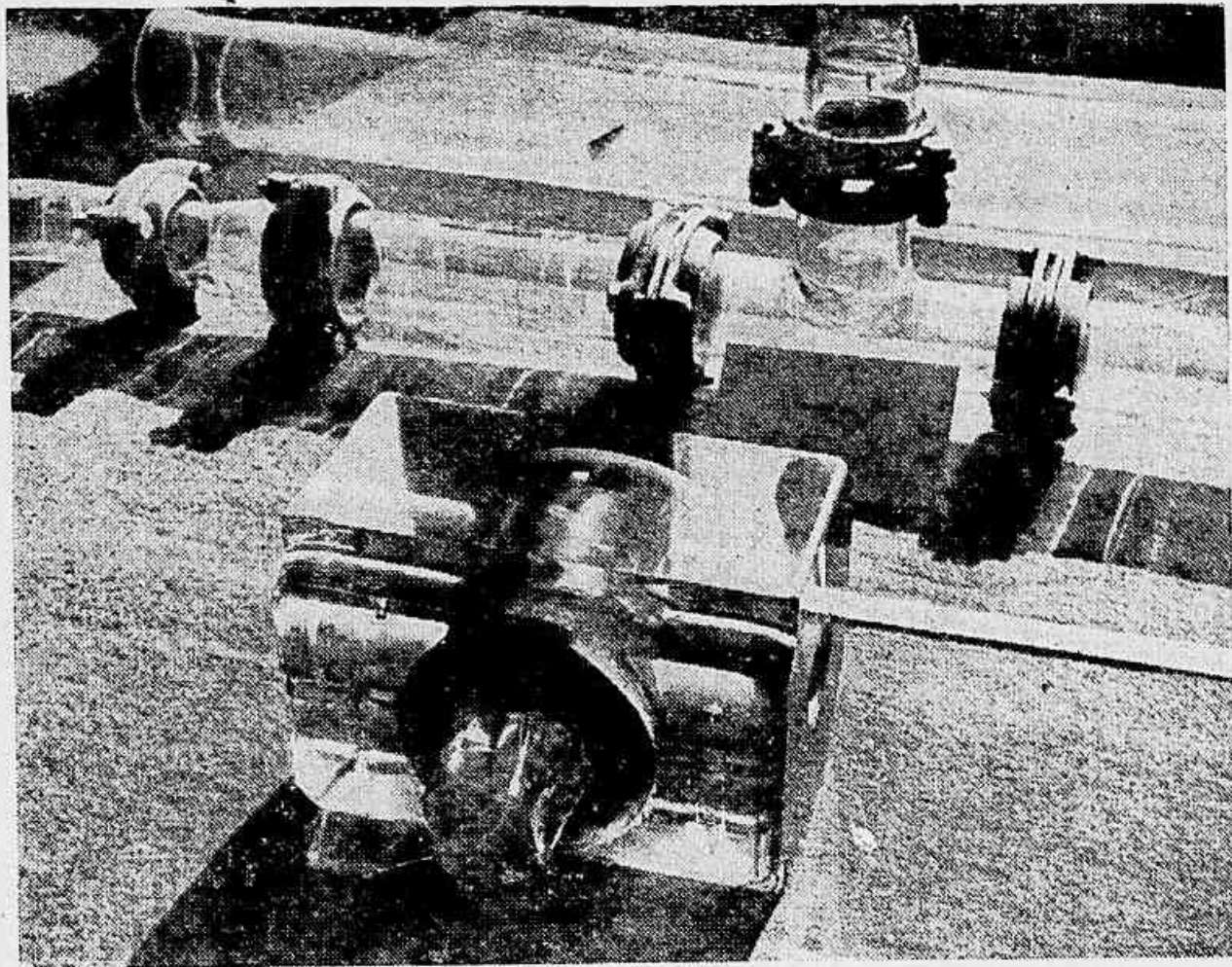
A Regencia não sobrou muito tempo para luminarias, ela cheia de sucessões de autoridade e guerras civis a debelar, para que da Maioridade à Republica vivesse o Brasil a sua mais grata época de paiz livre.

Então, nas datas nacionais ou no momento de sucessos notáveis, as luminárias continuaram a clarear o Rio de Janeiro, o gaz banindo os antigos processos de iluminação. Mormente nos edificios publicos, do entardecer às dez da noite, dispostos em varias formas, os bicos de gaz davam luzes que um vento mais forte inclinando chammas parecia soprar.

Até o fim do Imperio, por tres noites de Janeiro se iluminava o Rio, de luminarias em honra de S. Sebastião, padroeiro da cidade condecorada em 1645 com o titulo de leal por D. João IV, o primeiro rei de Portugal Restaurado.

Mais de seculo e meio depois, ao Rio de Janeiro viria o setimo rei da dinastia bragantina crear e transformar uma cidade elevando-a até a capital de reino.

O Rio de Janeiro ainda conhece as luminárias. Em dias festivos, nacionais ou memoraveis, as luminárias realçam edificios publicos, a iluminação electrica substituindo os bicos de gás. E todo apagar de festa acende uma necessidade, a de pagar contas melhor satisfeitas à boca do cofre. Tal não é o parecer dos devedores: cábulas de raça prolifica; coherente no horror aos recibos.



O vidro tem um papel preponderante na fabricação dos objetos de precisão usados pela ciência.

de precisão usados nos laboratórios podem ser melhorados com o emprego do vidro em maior escala. Válvulas, transformadores, isoladores e todo um exército desses humildes soldados da técnica e da civilização, que trazem conforto ao homem tornando a vida mais fácil e as comunicações mais rápidas, encontram na indústria do vidro um poderoso aliado.

Entretanto, o aspecto mais interessante da questão é o enorme auxílio que o uso cada vez maior de objetos domésticos fabricados com vidro trará ao esforço de guerra das Nações Unidas. É fácil imaginar a quantidade de metal que ficará disponível para a indústria de guerra, desde que o seu emprego seja substituído pelo do vidro.



Esta jovem afirma que o tecido de vidro é tão macio como a seda.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gesteira**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simplês: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

A nossa capa

Se é a guerra o fato que presentemente avassala o Mundo, força é reconhecer que a propósito de tudo, em face de tudo a guerra é objeto de referência.

Será 1944 o "Ano da Paz"? Muito haverão de contribuir para a resposta a esta pergunta os três chefes que se reuniram em Teheran, na Persia, no

princípio de Dezembro findo. E a triade Reesevelt, Churchill, Stalin, fotografada junta por ocasião do encontro histórico, vai em nossa capa de hoje.

Números atrasados desta
Revista no Amazonas

Pedir a ALBANO H. MARTINS

Agência Martins — Manaus.

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipótese.

Cronica da Metrôpole

O BONDE "ALEGRIA"

ALVARUS DE OLIVEIRA

Não vá pensar, leitor amigo, que vamos falar do bonde Alegria por mera questão de bairrismo.

Descobrirá, isso sim, que moramos em São Cristóvão e que gostamos do bairro ex-aristocrata; mas não julgue que vamos procurar destacar o bonde Alegria dos demais da cidade...

Não tenha receio; não vamos dizer que ele seja o melhor da Metrôpole. Pelo con-



trário é bonde quasi sempre sujo e velho, em contraste aos outros da zona Sul e mesmo muitos da zona Norte... E' bonde que está quasi sempre atrasado, sobretudo quando a gente o espera e tem pressa...

De quando em quando uma das ruas por onde passa está congestionada... E' uma carroça que quebra, é um caminhão que enguiça. E' uma chuva mais forte que desaba... E' qualquer coisa que obstrua facilmente a linha... E pronto! O bonde Alegria pára, atrasa-se, sai da circulação...

Não são poucas as vezes que se vêem manobras: o bonde vindo pela linha de ida, ou recuando para entrar por outra rua...

Mas ele tem a sua história e merece a sua crônica...

Bem que faz falta ao Rio o seu cronista, mas o seu verdadeiro cronista... Um que fosse para a cidade de hoje o que foi João do Rio para a cidade de ontem... Um que lhe sentisse o coração, que procurasse conhecer-lhe os segredos da alma, um que se lhe introduzisse pelos arcanos da sua vida agitada e feliz. E o Rio é cidade que ama, odeia, goza e sofre... Assim como o bonde Alegria, muitos outros segredos íntimos pode a nossa cidade das maravilhas guardar despreocupadamente em sua vida estuante de moça feliz e dinâmica...

E' realmente pena que não tenhamos hoje um novo João do Rio...

O bonde Alegria, esse mesmo que as canções carnavalescas vão buscar — como aconteceu com "A Mulher do Padeiro" — bonde que a Folia escolheu para fazer as suas farras, é o bonde das voltas e reviravoltas... Parece que foi borboleta na outra incarnation...

Para chegar à praça Tiradentes onde tem ponto de partida, passa pela praça da República, entra Senado, entra Pedro I, sai na praça Tiradentes dando uma volta enorme... Parte daí, vai à praça da República novamente, faz nova volta para rumar à avenida do Mangue. Já em São Cristóvão dá uma reviravolta até o ponto terminal, na rua Licínio Cardoso...

E' ótima condução para os namorados...

Não que tenha alguma cabine particular onde os namorados se escondam; aliás isso também não é necessário pois quem ama esquece o mundo ao redor e se julga tão só como Adão com Eva, mas é o bonde das curvas, das voltas, das demoras... E como para os namorados o tempo longo parece curto...

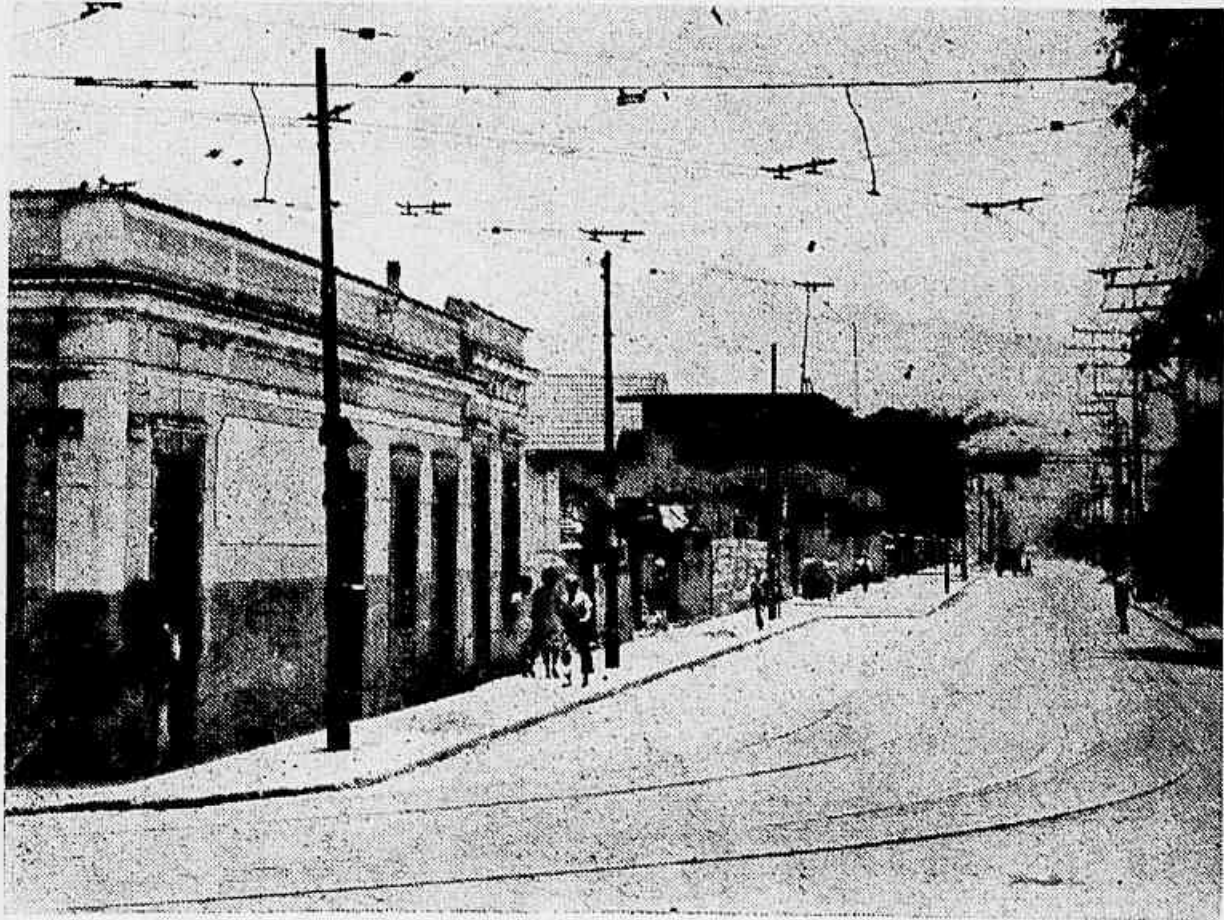
O bonde Alegria para os que não são namorados, os velhos, e mesmo os moços, casados, os que trabalham e rumam à casa com pressa de chegar, para pegar o jantar, é uma tristeza! Imaginem que rua "Bela" é uma das mais feias do Rio. Há um bonde também "Rua Bela" que é filho do "Alegria" (não se sabe com quem foi o esposal...). Também, a seu turno, a rua Alegria é duma tristeza e duma monotonia capazes de fazer neurastênicos.

O nome do bonde — "Alegria" — já é tão vulgar no que concerne à moleza e pouca pressa que certa vez fomos a uma repartição e tivemos que procurar um encarregado de serviço que atendia por Alegria.

Supuzemos que se tratasse de sobrenome; mas, ao indagarmos a respeito, nos contaram a história:

— Não. Prende-se ao bonde Alegria...

— Ah, sim! Então ele mora em S. Cristóvão e só viaja no bonde Alegria...



— Nada disso. Não reparou que ele trabalha naquela mesa lá dos fundos? Que, para vir aqui falar ao senhor, passou por detrás da outra mesa, depois volteou por aquela outra, circundou a terceira à direita, netrou pelo corredor e só então, dando uma volta em torno de si mesmo, o pôde vir atender?

— Pois o bonde Alegria não dá tanta volta?

UM CANTINHO PARA O GAROTO

ENSINE BRINCANDO

por M. EVANGELINA

Agora vai começar o período de férias e você, minha amiga, que tanto cuidado e carinho tem com os seus garotos, pôde aproveitar esses meses de vida no campo para ministrar-lhe conhecimentos necessários; nas horas diárias desse convívio e camaradagem, você terá cem oportunidades para ensiná-los a se portarem uns com os outros, ou com os amiguinhos, como gente civilizada.

Ensine a seu filho que a vida é uma grande e heroica batalha contra a maldade, que os homens todos pertencem a uma família só, da qual o chefe supremo é Deus, e na qual todos precisam da ajuda e cooperação mútua. Lembre-se minha querida que é para ele mesmo que você está preparando um mundo melhor. Se tocas as mãos compreendessem o valor inestimável da sua cooperação dentro do lar, para o reajustamento das gerações pervindouras, para a construção de uma vida mais digna; e sobretudo se elas refletissem que são os seus garotos, os seus filhos e filhas os donos dessa vida futura, desse mundo que eles irão governar, dirigir, administrar, sanear material e moralmente, teriam toda cautela em não lhes inculcar no espírito o egoísmo, o oportunismo, a ambição, que são armas de dois gumes e que um dia poderão ser empregadas contra eles mesmo.

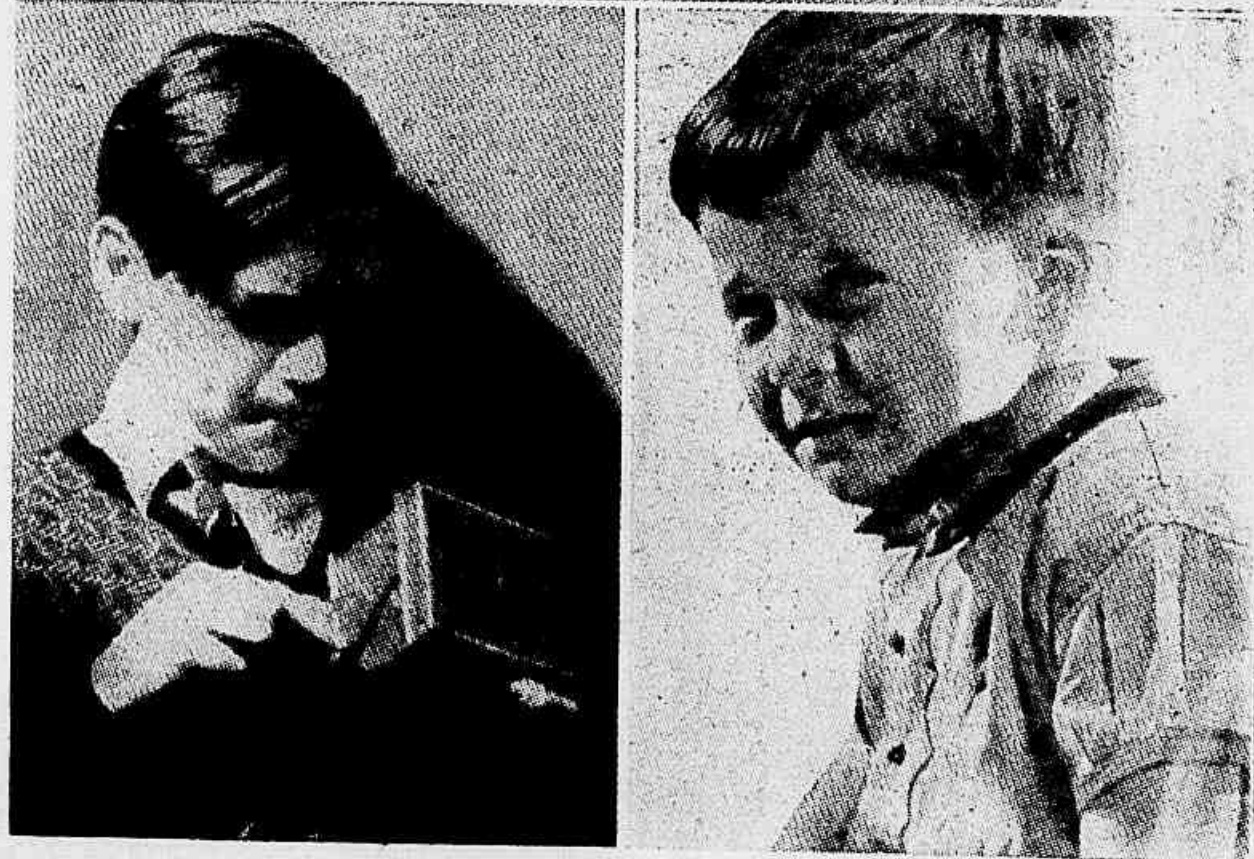
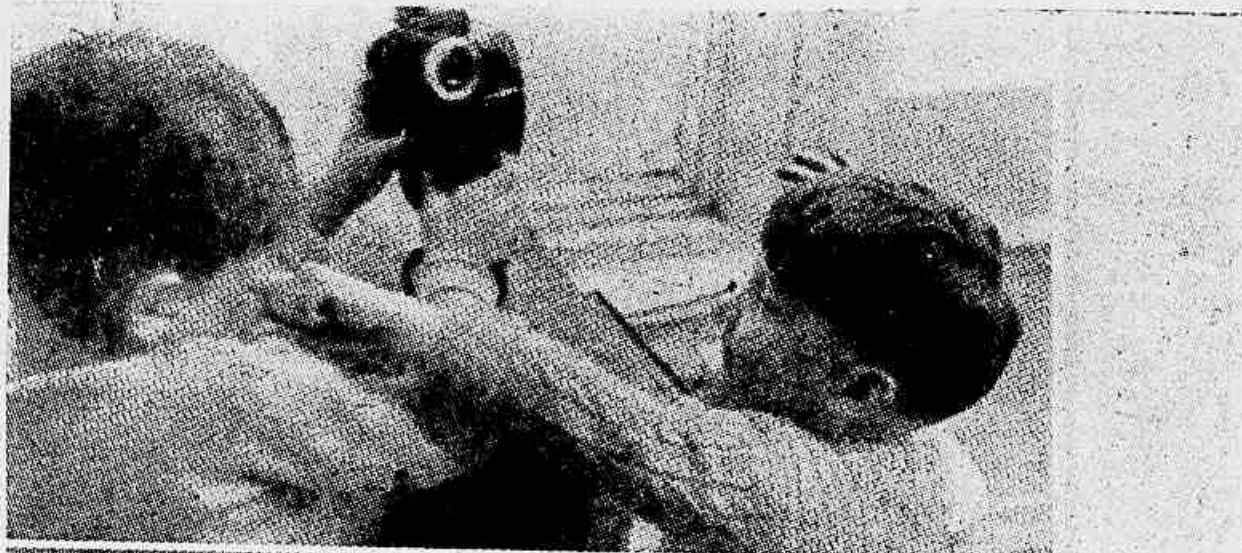
Esta educação moral é o sacerdócio da verdadeira mãe, e é também civismo no mais nobre sentido da palavra.

Agora vou dar-lhe algumas sugestões para umas aulas práticas, coisa necessária e que, acredito, não ocorre muito comumente entre nós.

Ensine seus garotos a evitarem acidentes, mas ensine-lhes também como devem portar-se em casos de emergência.

Você, naturalmente, tem o cuidado de dizer ao seu pequenc que não se deve correr com um objeto de ponta nas mãos, um lapis, uma tesoura, uma garrafa; e os perigos que isso oferece; contar-lhe-á que a Celina caiu desastradamente, enterrando na boca o lapis e furo o palato (céu da boca), o Jorge furo a coxa com a ponta da tesoura, etc.

Ensine-lhe que ao vê um irmão ou amigo cair perigosamente, ou ferir-se, ou sentir uma dor, ele deve imediatamente correr e pedir socorro; faça-o falar claramente, sem se afobar, e si ele já for maisinho, e expedito, diga-lhe que a primeira coisa a fazer é telefonar ao medico e a alguém da família, quando veja que o acidente teve con-



sequências perigosas, ou alarmantes; é sempre melhor que eles nos assustem com falsos alarmes, do que ficarem inertes ou abobados quando isso pôde causar até a morte do acidentado, por causa de imprevidência.

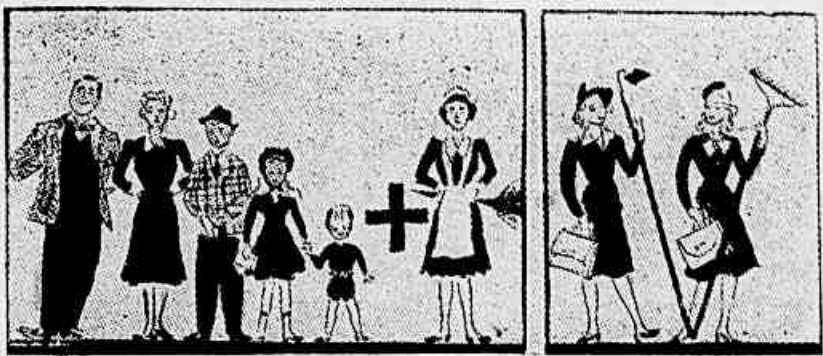
Quando o garoto é mais crescido já pôde saber como sair-se em casos de apuro como por exemplo: quando está escorrendo sangue, estancá-lo com um pedaço de pano apertando suavemente a ferida; manter o acidentado em posição própria.

A maioria dos acidentes sofridos pelas crianças são tombes; devemos chamar-lhes a atenção para as causas que mais provocam taes acidentes; exemplo: ter os cordões dos sapatos desatados, deixar no chão espalhados os brinquedos, bolas, solcadinhos de chumbo, etc.; cascas de frutas na calçada; trepar em lugares muito altos, ou escalar montículos onde haja pedras que pôdem deslocar-se, etc. etc.

Quando houver arranhadura, corte, ferimento, eles devem saber usar um antiseptico e fazer a bandagem, usar por exemplo compressas de agua oxigenada para estancar sangue, como para desinfetar arranhaduras de todo genero cemum entre essa gente traquinas. Passêmos depois aos casos de queimadura, procuremos mostrar-lhes as causas principais (fosforos, alcool, gasolina e outros combustiveis peigosos, os acidos, o amoniaco, enfim os causticos); a seguir eles precisam saber o que usar em taes casos. Em qualquer lição aquilo que não devemos esquecer é a inculcar na criança o dever de pedir socorro sempre que não saiba ou não possa ela mesmo dar o primeiro auxilio. E' necessario que a criança perca o medo a vê sangue inibindo-a até de falar e atacando-lhe o sistema nervoso; faça-lhe compreender que o sangue é o meio que a Natureza emprega para limpar a ferida.

Há também preceitos de higiene que nunca são repetidos demasiadamente, e cuja inobservancia causa acidentes, como esfregar os olhos com as mãos sujas, porque qualquer partícula extranha, entrando nos olhos pode congestioná-los; é bom deixar que as lagrimas limpem os olhos, elas são a defeza natural.

Tudo isso, minha amiga, você pôde ensinar a seus filhos brincando, ou ensinando-lhes a brincar de "medico", enfermeira e paciente. Quando arrumar o armario dos medicamentos, chame os mais velhinhos para ajudar e vá dizendo para que servem eles e quando são perigosos. Há duas palavras que eles devem ter sempre presentes: "Veneno" e "cuidado".



Quando por toda parte os alto-falantes gritavam ao povo: "Hortas para a vitória!" todo pedaço de terra começou a ser aproveitado na plantação de legumes.

O americano também lançou seu brado: "Vegetables, Vitality, Victory". A gente do povo compreendeu que nessa associação de palavras havia uma força orgânica, a força vital das vitaminas, dando ao sangue a seiva nutriente da saúde, com a qual a coragem se acelera e a capacidade produtiva se duplica ampliando a produção de guerra para a vitória. Com preendendo o valor desse brado, o povo começou a plantar a "Horta da Vitória".

Um dia surgiu entre eles um poeta agricultor e lançou um apelo diferente: "Jardins para a Vitória".

Logo todo trato de terra por pequeno que fosse foi aproveitado para esses jardins; alguns misturavam flores e legumes numa promiscuidade encantadora e útil. As flores são, todos sabem, um maravilhoso ornamento, além de serem elemento para rendoso comércio. A flor tem a beleza sugestiva da mulher e por isso mesmo não há quem resista à sedução de um ramo de agapanto ou de rosas, mas o que muito pouca gente sabe é que as flores têm também grande valor terapêutico, e que os receituários folclóricos estão cheios de indicações preciosas, às quais não ligamos a merecida importância por serem anacrônicas. Vamos dar algumas das mais indicadas: "Lírios do Vale". Estas flores, de beleza bíblica e angelical, servem, diz Culpeper, para prevenir a apoplexia, e por isso na antiguidade eram mais valiosas que o ouro. No século XVIII eram receitadas como calmantes para os nervos e excelentes para as dores de cabeça. O mais importante porém no lírio é que ele contém, em porção apreciável, substância do grupo digitalico, e os médicos reconhecem as virtudes do digital como das mais preciosas para a medicina, pois é um tônico para o coração; além destas já mencionadas aplicações, era o lírio aproveitado em um chá excelente para a memória; umas gotas dentro dos olhos aliviam as inflamações.

A VIOLETA — humilde e triste florinha de perfume evocador, fornece um bom colírio; o xarope de violeta é muito bom para a inflamação do pulmão, pleu-

B. J. GRAHAM
(Columbia)



JARDINS PARA A VITÓRIA

ra e vias respiratórias. As suas folhas frescas trituradas refrescam as inflamações e tumores; as folhinhas secas são um bom dissolvente da mucosidade estomacal. Aplicadas sobre as fontes, as violetas dissipam os vapores da embriaguez. Nos tempos de Carlos II da Inglaterra as pilulas de violeta e açúcar eram usadas para a angina, desordens cardíacas e para combater a insônia.

A MARGARIDA é desde tempos remotos usada para

O VALOR TERAPEUTICO DAS FLORES

curar hidropisia e calculos dos rins: é também receitada contra a gota. Entre alguns povos europeus, o centro amarelo da margarida é utilizado para fazer uma compota rica em vitamina A. Diremos aqui, de passagem, que as sementes negras do centro das papoulas são aproveitadas, na Austria e outros países, como ingrediente ótimo para doces, pasteis, bolos, etc., tal como aproveitamos aqui o amendoim, a castanha, e são consideradas muito nutritivas.

A antofagia, ou a alimentação pelas flores, não é pois apenas tema romântico ou poético; a creatura humana, na sua pesquisa eterna, breve terá à sua mesa uma salada de violetas, com centros de margarida silvestre à guisa de ovos.

As hortas da vitória passarão, então, a ser algo mais do que uma simples horta, pois entre as couves

e alfaces veremos refflorir a belorita, a violeta, a papoula e o angelico lírio do vale.

Os formosos jardins da Vitória, edênicos recantos da mais sedutora beleza, serão o melhor material para os laboratórios e pesquisadores de vitaminas. A floricultura é um sugestivo tema, mas é, sobretudo, um ótimo e belo passatempo para os que têm suas vidas no Campo.





A inteligente política do Presidente Getúlio Vargas de auxílio ao comércio varejista de café, que se propunha a oferecer à população carioca a bebida em seus verdadeiros sabor e pureza, fez com que, apoiada pela cooperação do Dr. Jayme Fernandes Guedes, Presidente do D. N. C., a iniciativa particular pudesse fornecer ao povo do Rio a famosa rubiacca, feita com cuidado e esmero, e servida em ambientes luxuosos.

Entre estes estabelecimentos, destaca-se o Café Thalia, luxuosa casa montada pela firma Panificadora Nacional Ltda. para proporcionar ao carioca um bom e puro café, num salão verdadeiramente palaciano.

Para a magnificência do suntuoso salão onde funciona o Café Thalia, á esquina da rua Pedro I com a Praça Tiradentes, concorreram também os serviços da Electrocold, encarregada da montagem do aparelhamento de refrigeração, e da "Gaz Neon Pannon Ltda.", empresa que tomou a seu cargo a iluminação do maravilhoso café.

Estampamos aqui um flagrante da inauguração do Café Thalia, quando o Dr. Jayme Fernandes Guedes era brindado pelo dr. Domingos Segreto e pelo chefe da firma proprietária, dois aspectos do salão, onde se instalaram os aparelhos de refrigeração da Electrocold e uma visão do letreiro iluminado a gaz Neon, instalado pela Pannon á entrada do Café Thalia.



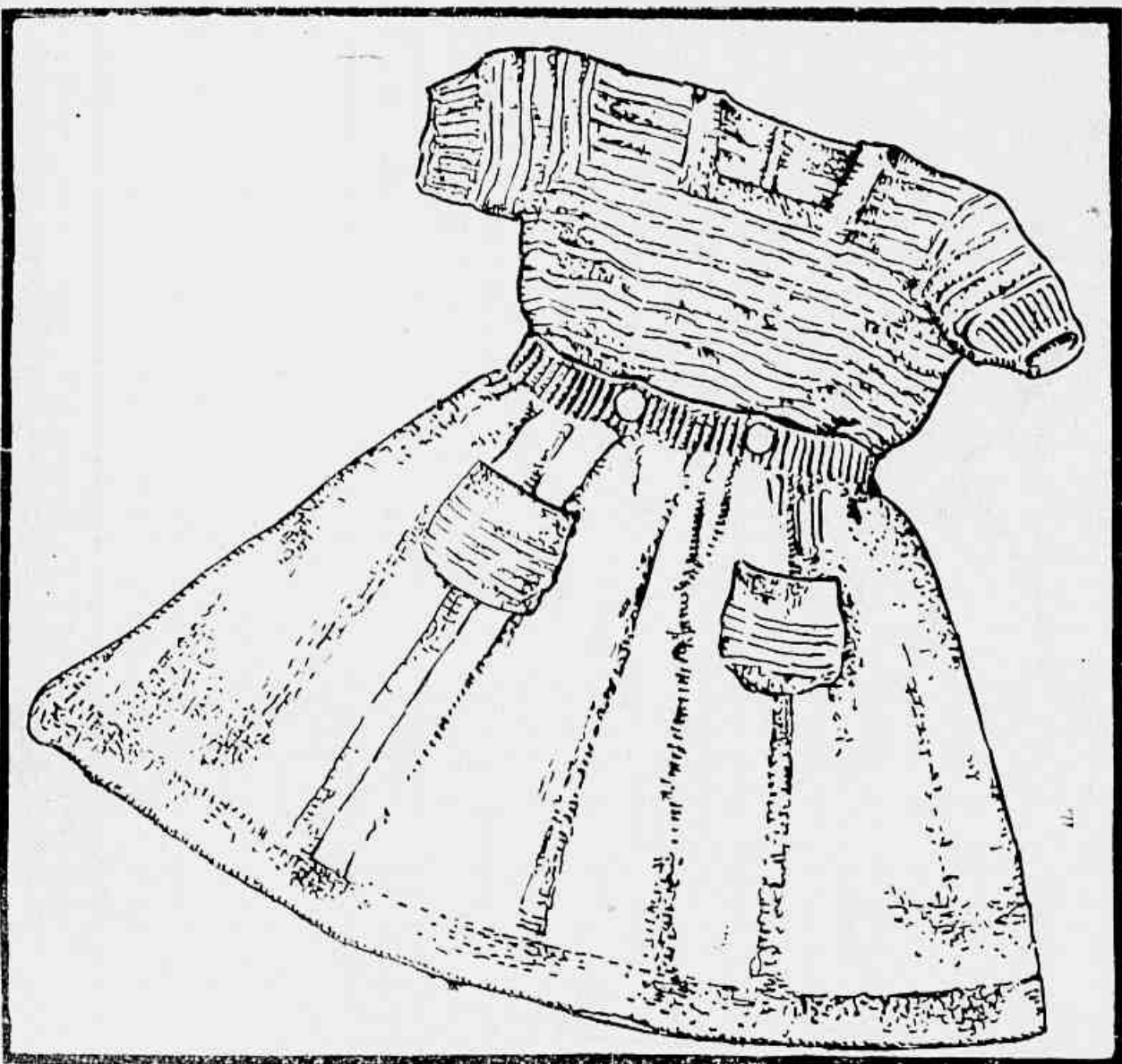
UM VESTIDINHO PARA "BABY"

Calculado para uma menina de 4 anos.

MATERIAL: — Duzentas gramas de lã cor de resa clara, 2 novelos de lã angora branco, agulha n.º 2.

PONTOS: — Santa Clara (ponto sempre pelo direito) Jersey (direito com direito, avesso com avesso).

EXECUÇÃO DA SAIA: — Cada uma das partes da saia começa com 192 pontos, que se tece, 6 carreiras em ponto "Santa Clara", para continuar logo em tiras de 6 pontos "Santa Clara", que são separadas por 42 pontos de "Jersey". Tecem-se pois 6 pontos



"Santa Clara", 42 "Jersey", e assim por diante; deve ter 4 tiras de 6 pontos "Santa Clara" e 4 de p. "Jersey" (42 p. cada).

Depois de 16 carreiras tecidas desse novelo, faz-se a primeira diminuição. Tomam-se juntos os dois p. seguintes aos 6 "Santa Clara", e faz-se uma diminuição, sempre nos dois pontos anteriores aos próximos 6 "Santa Clara". Esta forma de diminuição faz-se sempre em cada um dos panos, e no ultimo faz-se na beira mesmo. Cada 14 carreiras tecidas diminui-se da mesma forma, até ter feito 8 diminuições. e sobre os pontos restantes e na carreira seguinte se tomam 2 pontos juntos, no meio e se faz então 10 carreiras de ponto de "Sanfona"; na 10.ª carreira, depois dos três pontos primeiros arremata-se 4 p. (para fazer as casas) se faz mais 23 p. diminuir 4 p. mais 23 p. 4. p. diminuídos; mais 23 p. 4 p. diminuídos e 3 p. finais.

Depois na carreira seguinte repõem-se os diminuídos (cada 4 p. em seu lugar) e tecem-se mais 10 carreiras em "Sanfona" bem justa, e arremata-se. Faz-se a 2.ª parte da saia igual.

A BLUSA: — A frente começa com 90 p., tecer 20 carreiras de "Sanfona", depois tecer 6 carreiras de "Jersey", intercaladas 2 carreiras de pontos "Santa Clara", voltar a tecer 6 carreiras de ponto "Jersey", assim por diante, até ter seis raias transversais de angora, logo diminuir de uma vez 4 p. depois 3 p., depois 2 p. e duas vezes de 1 ponto.

Segue-se tecendo, quando tiver 7 raias de angora, na primeira carreira de "Jersey" tecem-se 34 p. (do meio) em ponto "Santa Clara", 10 carreiras; terminadas as 10 carreiras arrematar os 22 p. do meio, ficam 6 p. de "Santa Clara" para cada lado e continuar então igual e com mais os 6 p. de "Santa Clara" (do decote) até ficar 20 carreiras para começar então a diminuir o ombro 3 vezes de 6 p. e uma vez de 5 pontos.

COSTAS: — Tecida em 2 partes para o lado direito põem-se 50 p. se tecem os 5 primeiros em p. "Santa Clara" e o resto em "Sanfona" até ter 20 carreiras, aí então começar como a frente 6 carreiras "Jersey", 2 de angora assim até a altura da cava, que se diminui igual à frente, assim também como o ombro, quando tiver 10 raias transversais de "angora" se tecem 10 carreiras em p. "Santa Clara", os 38 primeiros arremata-se logo depois os 32 primeiros e continua-se com os 6 de "Santa Clara" e o resto em "Jersey", com raias, por espaço de 4 carreiras mais arrematando todos os pontos. (Esses 38 p. para o total do decote quer dizer que são 19 p. para cada lado) deixando 6 p. "Santa Clara", quer dizer que se arremata 13 p.)

A parte esquerda é igual ao que se faz em sentido inverso (para depois juntar certo) e com casas, a primeira 2 na 5.ª carreira de "Jersey" e as outras em espaço de 18 em 18 carreiras, arrematando-se 3 p. e na carreira seguinte repor na agulha os pontos.

MANGA: — Cada manga tem 60 p. tecer 14 carreiras de "Sanfona", depois tecer os p. de "Jersey" e intercalar o "angora" aumentando um ponto depois em cada carreira (no começo) depois de 3 raias de "angora" diminuir de cada lado 3 p. e continuar diminuindo o primeiro p. de cada carreira até ter 4 raias de "angora" depois de mais 6 pontos em "Jersey" arrematar.

Qualquer duvida endereçar: Secção de "Tricot" — REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape, 15 — YEDDA.

O original Clube dos Livros



A' hora do almoço, que é servido na sala de conferencias do Club, durante o qual são debatidas as questões literárias de mais importancia.

"Somente um deus ou um monstro pode viver isolado", diz Aristóteles ao definir o homem como "um animal eminentemente social".

Se podemos observar em algumas sociedades animais uma organização aparentemente superior à nossa, não devemos perder de vista a complexidade imensamente maior das relações humanas.

A colméia e o formigueiro são exemplos da ordem que os animais irracionais podem conseguir na sua vida em comum. Aí, a divisão de trabalho e a distribuição da justiça causariam inveja a qualquer economista ou legislador. Entretanto, nessas sociedades o instinto é a norma fundamental, enquanto as sociedades humanas são dirigidas pela inteligência.

E' assim que observamos em todos os grupamentos humanos a formação de núcleos cada vez mais restritos, de acordo com as tendências, as preferências e o nível cultural dos indivíduos que os compõem.

Esses núcleos serão tanto mais reduzidos quanto mais elevado é o nível cultural dos seus componentes, tendendo à formação de uma elite. Esta, segundo a opinião de alguns pensadores, deveria constituir o governo dos povos.

Nos países de organização mais antiga e portanto mais perfeita, encontramos uma verdadeira mania de clubes, que reúnem os indivíduos de acordo com o seu modo de vida, a sua classe e as suas preferências. Nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, tudo é pretexto para se fundar um clube.

Assim é que existe o clube dos fumantes, o dos celibatários, o dos amigos dos pássaros, sem falar nas inúmeras sociedades femininas, entre as quais deve existir fatalmente uma destinada a falar mal da vida alhoia.

Mas a par de sociedades inexpressivas ou de pouca significação, aparecem algumas de real valor.

(Continua na pag. 14)



Amy, um dos membros mais destacados da diretoria, tem em suas mãos uma grande responsabilidade e provavelmente por isso não pode comparecer ao chá.

Juiz ausente — Um dos membros do clube, não podendo comparecer, manda seu voto pelo telegrafo.



A INCONFIDENCIA MINEIRA, por José Caetano Alves Neves — Rio de Janeiro, 1943.

Este livro tem os sub-títulos "Cláudio Manoel da Costa" e "Não foi um sonho a tragédia mineira de 1789". Começa assim, desde a capa, a ser cuidadosamente apresentada e explicada. E sempre por estas páginas fóra se nota a preocupação de quem deseja deixar todas as coisas em condições de serem pela generalidade dos leitores, e integralmente, compreendidas.

O primeiro capítulo, "A nossa pátria", assim principia: "A terra, em que nascemos, a nossa Pátria adorada, é o nosso querido Brasil. E' muito rica e bela, muito cheia de encantos — toda gente diz. Não nos deixemos porém enlevar com a sonora harmonia dessas expressões tocantes, tão agradáveis aos nossos ouvidos, e sensíveis aos nossos corações. Precisamos trabalhar muito, com toda nossa energia, com todo esforço de nosso espírito, para o seu progresso, para o aproveitamento de suas riquezas naturais afim de que ela se apresente aos nossos olhos, e aos olhos do mundo inteiro, mais rica e mais bela ainda. E' preciso que no ânimo de todos nós esteja sempre presente a idéia de sermos fortes, de estarmos prontos para defendê-la de qualquer maneira, sem medir trabalhos, afrontando perigos, com o sacrifício mesmo de nossos sangue, e de nossa vida". Evidentemente, não existe aí uma concepção muito nova do que seja a Pátria brasileira nem do dever que aos seus filhos cabe de a servir e honrar. Mas o sr. Alves Neves

não pretende ensinar os mestres nem revelar conhecimentos aos eruditos. Pela natureza dos conceitos como pela singeleza da forma se patenteia o propósito especial de prender os leitores mais singelos, os adolescentes, as crianças mesmas, e ministrarlhes as noções que, em outras condições de orientação ou de estilo, talvez aquele público deixasse de apreender inteiramente ou até samariamente abandonasse.

Antes de entrar propriamente no assunto da obra, organizou o sr. Alves Neves longo estudo histórico e geográfico do Brasil, com as suas fontes de riqueza, as suas ofertas à inteligência e ao esforço do homem, os seus recursos de engrandecimento e elevação entre as nações. E depois a história da conspiração de Minas se desenrola largamente, sem nenhuma pressa ou descaso de exposição, atendendo todas as exigências da curiosidade dos leitores e aproveitando todos os pormenores de utilidade ou verdadeiro interesse.



SINTESE DO ANO LITERARIO 42 - 43

Trabalho completo é a Síntese Literaria do ano, que vem publicada no "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944, à venda em toda parte. E' uma supervisão perfeita do movimento literario no Brasil no citado periodo: apreciação minuciosa assinada por um dos nossos melhores criticos.

Alem disso, publica o "Almanaque" 14 contos escolhidos e ilustrados, calendarios, informações sobre o novo ano, artigos e estudos de interesse para militares, advogados, medicos e agricultores; notas sobre o Brasil e magnifico suplemento bancario a cargo do Sr. Vieira de Alencar.

Paginas coloridas, cinema, turismo, assuntos para a mulher, enchem as 300 paginas da 24.ª edição do "Almanaque Eu Sei Tudo".

Encontra-se em todas as livrarias e bancas de jornais.

Pedidos à Cia. Editora Americana mediante vale do correio ou pelo reembolso postal.

Maranguape, 15 — Rio

Rotenol

A base de oleos balsamicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

Livros

STRADIVARIUS, versos de A. Guterres Casses — Rio de Janeiro, 1943.

O poeta de *Stradivarius* sente na beleza plástica da sua inspiradora um violino que vibra e ressoa limpidamente. E ha no som desse instrumento tão veemente expressão, magia tão comunicativa que o faz pensar nas obras primas do artista de Cremona, discípulo dos célebres Amati e logo depois superior a eles. Assim a primeira composição, que tem o mesmo título do livro, começa:

Teu corpo é um violino mágico e dolente...
Que "stradivarius" raro que tu és!...
A's vezes, ao relembrar um verso ardente,
olho-te e... vejo como, à estrofe favorita,
tua alma musical vibra, estua, palpita,
e tôda te faz fremir da rima aos pés!...

Como se vê, o sr. Guterres Casses sabe fazer versos, mas compraz-se, de vez em quando, em abandonar as regras antigas, isto é eternas, sem as quais, a rigor, eles não merecem tal nome. Encontram-se pelo livro fóra poesias, e algumas bastante extensas, trabalhadas com o escrúpulo e o esmero que o mestre Antônio Stradivarius dava à suas criações. Em outras páginas, porém, e por mais que os verdadeiros versos espontaneamente lhe acudam, eis que o rimador se desvia, se desmanda, e contra si próprio se rebela ou de si próprio desdenha... Dil-o-famos em busca duma forma, uma música que se ocultasse entre as perfeições clássicas e que ele fizesse absoluta questão de encontrar. E talvez a venha a encontrar ou a tenha já encontrado — quem sabe?

Bôa parte do livro se compõe de sonetos e nestes frequentemente a nota da dúvida ou a da melancolia se faz ouvir, dominando tudo o mais. Sobretudo na primeira metade do volume esses dois motivos se repetem em variantes mais ou menos sugestivas. Vejamos como o poeta define a dúvida:

Dúvida!... Aflição que nos tortura
e nos torna o prazer amargurado!
— Falta de fé na crença da ventura,
desconfiança cruel no bem sonhado!...

Desesperança eterna... na procura
do que nega, sem ter analisado!
— Descrença do que vê, da emoção pura
que vibra num olhar enamorado!

Falseamento de tudo quanto existe,
geradora do ciúme negro e triste,
dúvida é fel, revolta, humilhação!

Duvidar é viver sempre sem calma...
é não crer nos impulsos de nossa alma,
é desconfiar do próprio coração!



AD IMMORTALITATEM, ensaio de história literária e bio-bibliografia, por D'Almeida Vitor — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. D'Almeida Vitor organizou para o Anuário Brasileiro de Literatura um trabalho tanto quanto possível exato e suficiente sobre a Casa de Machado de Assis. E agora no-lo oferece em separata, formando um volume de cerca de duzentas páginas.

Não foi intenção sua, conforme declara, apresentar, acerca da Insigne Companhia, uma obra definitiva. Quiz dar para a obra doutrem "uma contribuição modesta". Aceitemos a modéstia de tal iniciativa ou tal projecto; mas, em verdade, a tarefa se desenvolveu e rematou de maneira a constituir, não um contingente ou uma parcela, mas uma realização integral e à parte.

As pesquisas do sr. D'Almeida Vitor remontam a uma época em que a Academia — como o imposto em Roma, segundo aquele famoso lente de Direito — começava por não existir. As pessoas que naquele tempo acompanhavam o movimento literário do Rio; a batalha declarada ou surda das escolas e das correntes; a formação dos grupos que justamente timbravam em se reunir para mostrar como estavam separados das outras pléiades ou agremiações — todos esses anciãos se devem lembrar dos almoços e tertúlias da "Panelinha" e do seu sucessor "O Bonde", dirigido por Valentim Magalhães e com sede na inolvidável revista *A Semana*. Foram esses dois cenáculos os percursores da Academia. Não os cita o sr. D'Almeida Vitor; recorda, porém, *A Semana* e Valentim; e historia minuciosamente os passos que se deram, as diligências que se efetuaram para que o velho e adorado ideal de alguns se tornasse para eles próprios e outros, no total de quarenta, a esplendorosa mansão da imortalidade. Assinala todos os nomes, todas as datas. Trata depois da "acção cultural da Academia e



Novos

suas publicações". Fala do Dicionário, dos livros editados, dos prêmios. E esta primeira parte do volume termina nos seguintes termos:

"Em conclusão: Considerando o realizado pela Academia nos quarenta e cinco anos da sua história, não acreditamos que seja necessário "passar trezentos anos" — como, com humor amargo, achou Afrânio Peixoto — para que ela se consolide uma tradição. Na realidade, essa tradição já existe."

Segue-se um "Pequeno Dicionário Bibliográfico", com desenhos de Armando Pacheco, E. Moraes e Jerônimo — e não tão pequeno assim, pois vai a mais de cem páginas.

• • •

A MARCHA DO TEMPO, de Stefan Zweig, tradução de Bruno Zander e Hugo Fortes — Rio de Janeiro, 1943.

Em bem poucos escritores se encontra o poder de apreensão e a amplitude apreciável com que Stefan Zweig se impõe à nossa admiração — admiração que a seu respeito deve ter um sentido especial e inconfundível. Pode-se dizer que todos os assuntos, todas as questões lhe são familiares. A sua inteligência é, a bem dizer, universal. A's vezes, dentro do mesmo trabalho, e obedeça este embora ao carácter e às dimensões

de simples artigo de jornal, Zweig nos deixa idéias e reflexões que denotam, em ampla e profunda qualidade, o filósofo, o sociólogo, o crítico, o político e sempre o difundidor de doutrinas, se não "fremetes de ineditismo", na frase de Eça, pelo menos marcadas dalgum cunho pessoal. Com o mesmo desafio de visão e a mesma desenvoltura de orientação, o seu espírito viaja pela História e contempla a vida. E os adversários da sua individualidade, tal como se projetou no tempo e entre as raças; aqueles mesmos que sinceramente lhe neguem a virtude da independência e a nobreza da sinceridade, terão que reconhecer em Stefan Zweig um sábio das letras e um extraordinário manejador da expressão.

No presente livro, ele nos fala de Byron, ressuscitando-lhe a figura de poeta, amoroso, aventureiro, herói — comediante. Nesta última feição insiste Zweig, justificando o

sub-título do trabalho: "O espectáculo duma grande vida". E temos, com efeito, a impressão dum cenário de beleza, orgulho e ímpeto no qual o grande ator se representaria a si próprio. Com a mesma inteireza de concepção, o mesmo arrojo de atitude pessoal, trata Zweig de Marcel Proust, Freud ou Tolstoi. Os mais diversos personagens passam por diante das suas faculdades de análise e dedução, para receber um juízo que os define mais ou menos como os compreendíamos ou bem diversos da noção que deles tínhamos — e podemos continuar a ter — em todo o caso singularmente reanimados, palpitantes na sua existência nova.

Esta primeira parte do volume: *Encontros com o Destino* termina com algumas páginas curiosíssimas de evocação e reconstituição: "Lenda e verdade sobre Beatrice Cenci." Na segunda parte, "Países e paisagens" veem, com o título "Agradecimento ao Brasil" as palavras proferidas a quando da sua recepção na Academia Brasileira de Letras e em que o autor do *Brasil país do futuro* já eloquentemente assinala as observações e as emoções que naquela obra tão largamente havia de desenvolver. E a seguinte passagem, sobretudo, será lida com satisfação e uma espécie de reciprocidade reconhecida:

"...Nada há mais magnífico que trabalhar em um país, em um povo, em um idioma, aos quais pertence o futuro. Sentir cada momento, ao redor de si, como aumentam a força e a riqueza da sua nação... Aqui, no Rio, às vezes, tive a sensação de que, se não fosse tão forte a rebentação das ondas defronte das janelas e se tudo ficasse por um momento em silêncio — poder-se-ia até ouvir o crescimento da cidade. Para vós e convosco trabalha o tempo. Para cada mil leitores tereis, em um ano, dois mil e dez mil em outro ano; a vós foi destinado um futuro como talvez não foi proporcionado a nenhuma outra nação do mundo; e tereis sido seus plasmadores, seus guias espirituais, seus educadores. Não fosse a inveja um sentimento baixo, ao qual todo homem intelectual deve ficar alheado, devíamos ter inveja de vós por causa desta magnífica consciência e por serdes levados pelo impulso e pelo progresso duma nação a um futuro maravilhosol!"

J. L.

• • •

ESPETROS DA INTOLERANCIA — Fernando Levisky — S. Paulo — 1944.

Acaba de chegar-nos às mãos mais um livro que o sr. Fernando Levisky, illustre membro da Academia de Letras do Estado de São Paulo, um dos componentes da Academia de Ciências e Letras e, também, membro da Associação Brasileira de Escritores, vai lançar por estes dias às atenções do público brasileiro por intermédio de uma das nossas editoras mais conceituadas.

Não se trata, repetimos, de um autor estreante, de vês que o sr. Fernando Levisky já publicou diversas obras entre as quais mencionamos: *Caricaturas*, contos,

ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO



As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário à higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.



TALCO
Lady
REFRESCANTE ★ BÓRICO ★ PERFUMADO

A VENDA EM TODO O BRASIL



em 1936; *Israel no Brasil*, ensaios, ainda em 1936; *Marina*, contos, em 1942; e *Meus Irmãos*, ensaios, ainda em 1942.

Espetros da Intolerância, obra de que nos ocupamos nesta oportunidade, consta de cerca de 100 páginas através das quais o autor reafirma suas qualidades de escritor à altura das credenciais acima referidas, que tanto o recomendam independentemente do favor da crítica.

Dividido em sete capítulos, *Espetros da Intolerância* não constitui apenas um trabalho para a época contemporânea, pois vale igualmente como um depoimento para as gerações vindouras. E é, ao mesmo tempo, um grito em favor do Judeu combatido pelo nazismo.

A feição gráfica do trabalho por sua vês se faz merecedora de encomios.



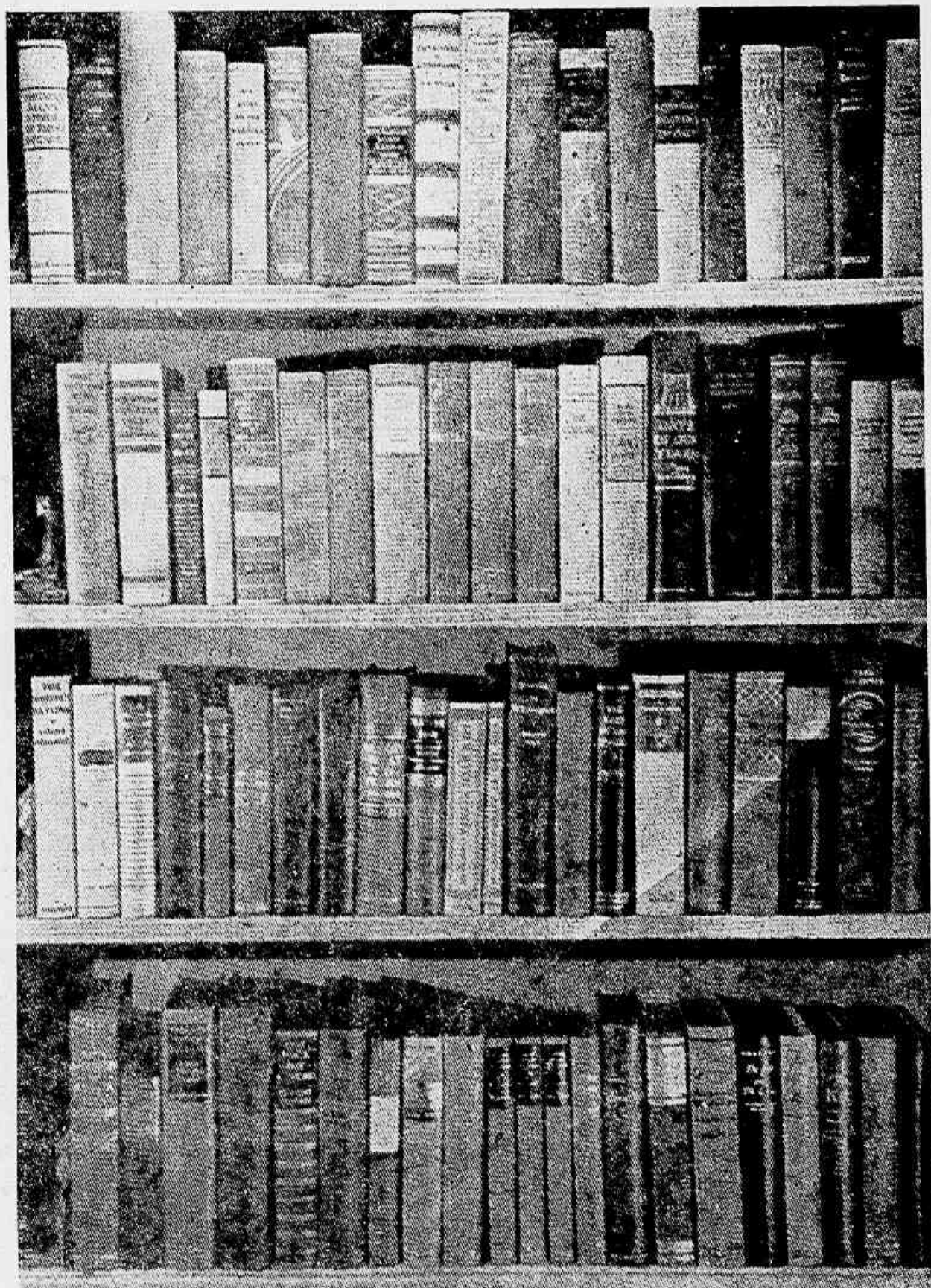
Uma das salas do clube onde trabalham 325 moças. Nesta sala de empacotamento são enviados pelo correio aproximadamente 15.000 pacotes de livros por dia.

Original Clube dos Livros

(Continuação da pág. 11)

Um exemplo é o "Clube do Livro do Mês", fundado nos Estados Unidos em 1926.

Uma vez por mês, um pequeno grupo de literatos reúne-se em torno de uma mesa de chá em New York, e discute a vida cultural de cerca de meio milhão de pessoas. É o "Conselho de Juizes".



As obras de maior fama são arrumadas em grandes estantes. Um grande número de encomendas é feito diariamente e a distribuição é pouco dispendiosa.

Os sócios-leitores, em número de quinhentos mil, dirigidos por Amy Loveman, apresentam as obras que devem ser julgadas pela comissão. O número dá bem uma idéia da popularidade e da importância desta organização. Os dois ou três livros escolhidos têm a sua publicação custeada pelo clube.

A escolha é feita depois de serem as obras submetidas à aprovação do Conselho, sendo muito simples o critério adotado para a seleção: os livros devem ser de interesse geral e de fácil leitura.

A escolha de uma obra pelo clube é a melhor propaganda que seu autor possa almejar, pois garantirá o seu futuro literário e financeiramente.

Entre nós ainda se conversa muito sobre literatura, mesmo da boa, em torno das mesas dos cafés. O "cafézinho" é muita vezes um pretexto para a troca de idéias, e não será absurdo perguntar se o carioca é realmente um apreciador da rubiácea ou se esta é apenas um meio de dar vassas à imaginação e estreitar amizades.

Os nossos clubes são na maioria sociais ou esportivos, não havendo entretanto muitos ambientes apropriados para a expansão e aproveitamento das idéias.

Uma organização deste gênero, para onde convergissem a produção esparsa dos nossos escritores, que encontrariam nela um incentivo e um apoio, é digna de consideração.

Parece fora de dúvida que, nesta época de técnica e de especializados, o trabalho intelectual, esteio e cerne de toda a civilização, deve ser estimulado e apoiado oficialmente ou por meio da iniciativa particular.

É preciso que o progresso material não esmague o desenvolvimento da inteligência e não despreze o espírito; do contrário teremos uma civilização sem alma.

Aí fica a idéia do "Clube do Livro Mensal", que poderá ser aproveitada e adaptada pelos nossos literatos ao nosso meio e de acordo com as nossas possibilidades.

O REI E A RAINHA DO CINEMA EM 1942

Duas tricromias de Greer Garson e James Cagney eleitos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, além de 14 contos ilustrados (policiais e de amor), calendários, informações sobre o ano novo, conselhos práticos de interesse para a mulher e para o homem — na grande edição do

ALMANAQUE EU SEU TUDO PARA 1944

Preço: oito cruzeiros
em todo o Brasil — Pedidos mediante vale postal ou pelo reembolso á

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
MARANGUAPE, 15 — RIO.

ANTONIETA

De

EDGARD PROENÇA

Ilustração de J. MENDES

Ha por aí, na vida, quem ainda não tenha sentido os acúleos terríveis da Dôr. Os seus dias, como um rio encantado de águas de ouro, deslisam tranquilos, felizes e cantantes, sem que os toldem as sombras dos pezares, essas nuvens escuras que zimbóriam a existencia humana.

Ah! os que possuíssem a mísera sorte daquela creaturinha, que ainda é "um entreaberto botão, entrefechada rosa", certamente conheceriam o martírio da fome e subiriam o calvário do infortunio...

Conheci essa desventurada criança num dia em que os nossos corações se enchem de luminosa alegria, pela manhã lírica e sorridente do Natal.

A sua roupa era a denuncia cruel da sua miseria. Uns andrajos cobriam-lhe o delicado corpito e mal lhe resguardavam a virginal pureza dos seus encantos.

Uns olhos lindos e languês, de uma infinda meiguice, uns cabelos de ouro que se encaracolavam sobre os hombros como ondasinhas de sol, um sorriso triste como uma lagrima, eis os traços mais expressivos do retrato dela, dessa que ainda não tinha idade para sofrer...

Oito anos apenas... Uma pequenina alvorada de beleza angustiosa...

Vendo-a, de olhos curiosos e ávidos, deante das vidraças de cristal de uma rica montra da confeitaria "Palmeira", tive irreprimivel desejo de interrogar-la, saber quem era, qual o seu nome.

Ela sorriu, docemente, melancolicamente, os olhos sempre namorando os "bon-bons", os bonecos de chocolate, os "turrões", toda aquela copiosa multidão de coisas tentadoras... Chamava-se Antonieta, era orfã de pae e sua mãe exercia o officio de lavadeira. Fora à casa de um freguez que já devia à mamã Cr.\$ 15.00. Passara ali e apenas contemplava os doces, tão bonitos...

E o olhar meigo de Antonieta, depois de investigar para todos os lados, cravou-se, demoradamente, no interior do estabelecimento, onde se comprimia, fazendo compras, grande numero de pessoas elegantes.

Lá dentro, a azafama dos caixeiros, sorrindo convencionalmente às indagações cobiçosas dos fregueses, emprestava ao recinto um aspecto de agradável e rumorejante agitação.

Um criado, mangas arregaçadas, saía arcado sob um grande taboleiro com dezenas e dezenas de embrulhos destinados à gente rica...

O olhar desolado, a garotinha se insinuara à minha simpatia. Cmove-ram-me a sua lindeza e a sua penuria.

Chamei-a com afago e fí-la parar em frente de uma outra montra sedu-

tora, mandando que ela escolhesse o que sua gulodice quizesse.

Sorriu. Demorou na escolha. Talvez um mundo de preferencia lhe voasse o espirito. Onde fazer a escolha? O bolo que estava vestido de uma renda de papel e ostentava no centro uma rosa encarnada? Aquele castelo feito de assucar e amendoas prateadas? As frutas cristalizadas? Os "bon-bons"? os caramelos?

Enfim, a situação era de duvidas e demoradas hesitações.

Ainda uma vez tirei-a do seu embaraço, adivinhando-lhe o pensamento, isto é mandando que lhe fosse entregue um sortimento de tudo aquilo.

O rapaz, a quem solicitei isso fazer, cuidou, ao ver-me conversar com

a minha amiguinha, que ela me importunava e quiz corrê-la para fora.

Expliquei-lhe então o meu intuito e ele, envergonhado, lá se foi, voltando com um apetitoso embrulho de coisas deliciosas, que foi ter às mãos da menina, por meu intermedio.

Balbuciando um "obrigado", despediu-se, risonha e triunfante, levando aos labios, sofregamente, uma amendoa de licor.

Ao sair, estacou à passagem de duas meninas, de seu tope, que saltavam em tagarela, de um automovel, acompanhadas do pae. Eram de fino trato, calçando sapatos caros, estampando no rosto o ar dos privilegiadamente bafejados pela fortuna. Crenças ainda, mas com a faceirice das moças, tra-

zendo as faces "injuradas de cá mim"...

O confronto era esmagador.

Porém, digam-me sinceramente: a quem a felicidade acompanhava naquele instante: a Antonieta, puro lirio em botão, cheia de uma comovente humildade, ou àquelas duas outras a quem, nada faltando, faltou o doce encanto de uma ventura ha pouco julgada impessivel?

E' obvio que à insinuante e maltrapilha garetita, dena de uns olhos lindos e languês, de uma infinda meiguice, de cabelitos de ouro que encaracolavam sobre os hombros como ondasinhas de sol e de um sorriso triste como uma lagrima...

Talvez fosse a primeira vez que se sentira ditosa na vida.





QUE HA DE NOVO NO RIO?

LUIZ VAHIA MONTEIRO, o "Onça", no começo do século XVIII, querendo valer-se da vala que então demarcava e denominava a atual rua Uruguaiana, imaginou um canal que poria em comunicação o mar da Ajuda e o da Praia, confinando a cidade incipiente, naturalmente por motivos de defesa, em uma ilha artificial. Dois séculos após, o crescimento da capital do país e a estética ditaram a reta da Avenida Rio Branco que veio realizar de um certo modo, sem a confusão das águas, a ligação dos dois "mares" que o Onça sonhara. Hoje, os extremos da Ajuda e da Praia, de velha memória, ficam à vista um do outro e a longa caminhada de perneiro é feita a pé enxuto.

A Avenida nasceu com a majestade da amplidão e começou a brigar-se de edificações que reabilitaram a arquitetura. Foi com o traçado de 1904 que a arte de edificar emergiu da longa noite em que havia mergulhado. Pontilharam-se os debruns dos passeios de árvores elegantes; espetaram-se outras na espinha dorsal do logradouro moderno, como um eixo vegetal a objetivar o que o olho preciso da engenharia patifária marcava.

A arborização expandiu-se com uma lentidão enervante. Era o atrofiamento decorrente do asfalto que enfesava os troncos indecisos, muitos dos quais se consumiram, vencidos na luta desigual. Dizia-se que esse gênero de árvores — *jacarandá* — era assim mesmo, rebelde, moroso. E muitos acreditaram. No entanto, as árvores que se alinhavam ao centro da Avenida eram acácias argentinas, que estranhavam o clima!

Atrancaram-nas agora. O aristocrático logradouro, cujos dois quilômetros de extensão mal podiam ser entrevistos através da peneira emaranhada da ramaria, mudou inteiramente de feição. O olhar vê-a agora integralmente num estranho avaliar de distâncias, achá-a maior, mais longo, mais largo, e sente que há algo de novo no Rio de Janeiro. Agora, o Onça pôde ressuscitar, pôde pôr o pé na praça Mauá, perto do seu antigo mar da Praia e lobrigar com o olhar nostálgico, dentro de uma reviviscência do seu sonho, no outro extremo, o seu saudoso mar da Ajuda...

TEXTO DE OCTAVIO TAVARES
FOTOS DE ARNALDO VIEIRA



O CASO DA CORÔA

FRANK KING

(Novela traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Era muito cedo ainda naquela manhã de domingo e as ruas de Bewerley se achavam desertas na hora em que o carro da polícia passou a toda a velocidade. O policial Dent ia na direção. Ao lado dele, estava sentado o sargento Masson. No assento posterior, o inspetor Peake explicava ao dr. Fraser por que havia sido necessário arrancá-lo da cama.

Adrian Peake era um homem alto e corpulento, de cerca de quarenta anos, com uma cara inteligente e um tanto sarcástica. Não tinha ar de polícia. No seu terno bem talhado, podia quasi que passar por um homem de qualquer outra profissão. No entanto, todo malfetor de Bewerley e de seus arredores o conhecia e o temia.

— Acabou de vir uma telefonema de Redcourt, doutor — disse ele. — E' onde mora Robert Lorrimer, o senhor sabe. Ou onde ele morava. Ele está morto; e o mordomo diz que foi envenenado. Assim pensei que quanto mais cedo levasse o senhor ao local, melhor.

— Como é que o mordomo sabe que ele foi envenenado? — resmungou Fraser, um homenzinho rijo, que gostava de dizer as coisas em primeiro lugar.

Peake levantou os ombros. — Foi esse o recado que recebi. Puxa! Aquelas árvores são bonitas, não são?

Sim, o campo de que estavam agora se aproximando era de certo maravilhoso, com suas flamejantes tintas outonais. Mas Fraser, ainda um tanto estomagado, pensou que um inspetor de polícia que ia investigar um caso de morte súbita bem que podia empregar seu tempo em coisa mais útil do que admirar a natureza.

O carro meteu-se pela entrada duma grande casa erguida em meio de vasto terreno. As paredes de tijolo pompeavam em tom ardente ao pálido sol matinal.

— Lorrimer não estava mal de finanças — observou.

— Os que jogam na Bolsa nunca estão — sorriu Peake. — Seus clientes é que nem sempre andam lá muito bem.

Quando o carro parou diante do terraço à frente da casa, abriu-se a porta e um homem magro e idoso emergiu. Dirigiu-se ao carro, em passos rápidos e miudos, que lembravam estranhamente os de um gato. — Polícia? — indagou ele mansamente.

— Sim. Eu sou o inspetor Peake. Este é o dr. Fraser.

— Uma coisa horrível, sir. Eu sou Staveley, o mordomo. Se os senhores quiserem vir por aqui, eu os levarei diretamente ao quarto de Mr. Lorrimer.

— Pois, não. Venha, Masson.

Os três homens seguiram o mordomo por dentro dum hall luxuosamente mobilado. Peake estava pensando em encontrar uma verdadeira multidão à espera, e ficou ligeiramente surpreendido de ver que estava vazio.

— Não há ninguém mais na casa, Staveley? — perguntou.

— Há, sim, senhor. Há Mrs. Lorrimer e Mr. Richard. E dois hóspedes que vieram passar o fim de semana. E há naturalmente as criadas.

— Onde é que está essa gente, então?

— As criadas estão entregues às suas obrigações, sir. E, quanto ao resto do pessoal da casa, achei melhor não perturbar ninguém antes que os senhores chegassem.

— Santo Deus! Você quer dizer que conservou tudo tranquilo, que ninguém ainda sabe de nada?

— Perfeitamente, sir. — O mordomo agitava-se nervosamente. — O senhor sabe, Mr. Lorrimer foi envenenado. Mas não há nenhum sinal de frasco ou coisa que o valha perto dele e... bem, sir, na minha situação não posso ignorar que ele se achava em maus termos com todo o mundo na casa.

— Que é que o faz pensar que ele foi envenenado? — disse Fraser incisivamente.

— Há um cheiro pronunciado de amêndoas em redor dele, sir. Eu me lembro de ter lido que isto é característico de envenenamento pelo cianido.

— Ora bolas! — Peake pôs-se a assobiar baixinho, mirando fixamente o homem.

— Portanto você pensa que ele foi assassinado, hein?

— Eu não sei de motivo algum que o fizesse pôr termo à vida, sir.

— E você quiz que chegássemos ao local antes de qualquer modificação. Talvez não seja uma má idéia. Vamos ver.

— Sim, senhor. Não tequei em coisa alguma, desde que o achei.

O mordomo abriu caminho ao longo dum corredor coberto por um tapete espesso até um grande e confortável dormitório. O fogão a gás, ainda aceso, tornara o quarto incomodamente quente, e o leve cheiro de amêndoas pairava no ar estagnado. Estirado sobre a pele de tigre da lareira, ao lado de uma cadeira da qual evidentemente havia rolado, jazia o corpo de um homem de cerca de quarenta anos, inteiramente vestido, agarrando um livro com a mão direita. Peake observou os olhos fixos de pupilas dilatadas e o filete de espuma sobre os lábios e depois dirigiu-se a Fraser.

— Dê uma espiada nele, doutor — disse ele, indo abrir uma janela. — Desconfio que o diagnóstico de Staveley esteja certo.

Fraser fez um rápido exame rotineiro.

— Sim, — concordou. — Cheiro característico e todos os sinais de envenenamento por ácido cianídrico. Não posso jurar sem a autópsia. Mas é bastante para tocar para diante.

— Há quanto tempo ele está morto?

— Eu diria que há seis ou sete horas.

— Obrigado. — Peake deu volta para falar ao mordomo. — Quem o viu vivo pela última vez?

— Bem, sir, se alguém o envenenou...

— Sim, eu sei. Um assassino não poria anúncio de sua presença. Pelo que você sabe, quem o viu pela última vez?

— Eu, sir. Ele se recolheu cerca de onze horas. Como de costume, eu lhe trouxe a dose da noite — o mordomo fez um gesto em direção a uma pequena mesa sobre a



qual havia um frasco de whisky e um sifão de água de soda — e indaguei se queria mais alguma coisa. Ele disse que ia ler um pouco e não precisava de mais nada.

— E o resto do pessoal?

— Quasi todos foram dormir imediatamente. Eu fechei a casa e segui o exemplo de todos.

— Pelo que você sabe, ninguém se aproximou deste quarto?

— Ninguém.

— E hoje de manhã?

— Mr. Lorrimer gostava de ser chamado cedo, sir. Eu bati na porta dele às sete horas. Não ouvindo resposta, entrei e o achei... deste modo. Subi diretamente a escada e telefonei para a polícia.

— Reviste os bolsos dele, Masson, para ver se há qualquer coisa, como uma caixa de pílulas. Depois reviste o quarto, para ver se acha algum frasco.

Enquanto Masson, um homem corpulento, de cara vermelha, com um gênio para o silêncio, se curvava sobre o corpo, Peake coçava pensativamente a cabeça penteada com cuidado.

— Um caso curioso este, doutor — comentou ele em certo momento. — Aparentemente Lorrimer enguliu qualquer veneno por volta de meia noite. Diga-me alguma coisa a respeito de cianido.

Antes de responder, Fraser cheirou o frasco de whisky, o sifão e o copo que estavam em cima da mesinha.

— Não é aqui, absolutamente — disse ele. — Eu não deixaria de sentir o cheiro. Como o senhor diz, é singular. Pode ser ácido hidrocianico que ele tomou ou um dos cianidos. Sem exame não é possível dizer ao certo. Todos agem muito rapidamente. Uma dose fatal mata em cinco minutos, dependendo da força do preparado.

— Quais são os sinais de suicídio?

— Isso é coisa que lhe diz respeito e não a mim. Na ausência de qualquer frasco...

— Ele teria tido tempo de se desfazer dele?

— Creio que sim. Mas por que haveria de fazer isso?

— Não sei. Nada que interesse, nos bolsos, Masson?

— Nada, sir. Estou fazendo um inventário.

— Muito bem. Vou examinar o quarto.

Peake estava andando para lá e para cá, os olhos perspicazes revistando em todas as direções, quando houve uma pancada na porta interna que comunicava com o quarto vizinho. Notando que ela estava com o ferrolho passado, correu o ferrolho e abriu a porta. Uma pequena metida num peignoir encantador, com o cabelo louro caindo pelos ombros alvos, parou no outro lado.

— Ouvi vozes... — começou ela, olhando espantada para Peake. — Quem é o senhor? — O olhar escorreu por ele e foi pousar na figura estirada na lareira, e os olhos se dilataram de repente. — Oh! Que foi isto? Aconteceu alguma coisa?

— E' Mrs. Lorrimer? — perguntou Peake, observando-a atentamente.



— Sou. Que foi que houve? Por favor, me diga!

— Eu sou o inspetor Peake, Mrs. Lorrimer. Sinto dizer-lhe que seu marido está... morto. Foi envenenado.

— Oh, meu Deus! — A moça avançou lentamente pelo quarto. O rosto ficara pálido.

— O senhor quer dizer que ele... se suicidou?

— Ainda não sabemos.

— O senhor não sabe... — Madge Lorrimer pareceu de repente compreender a situação. — Que é que os senhores estão fazendo aqui? Há quanto tempo...

— Seu mordomo nos chamou.

— Staveley lhes telefonou sem me acordar? — O rosto pálido ficou escarlate. — Como foi que ele fez semelhante coisa? Como ousou...

— Não se importe com isto agora, interrompeu Peake. — Talvez ele tivesse suas razões. Eu notei que a porta estava aterrorizada, Mrs. Lorrimer.

— E que é que tem isto?

— Desconfio que a senhora não estava em muito bons termos com seu marido.

— Compreendo! O senhor pensa que eu o assassinei?

— Não me compete pensar, madame. Por favor, procure ajudar-nos. Sua primeira idéia foi que seu marido se tivesse suicidado. A senhora sabe de qualquer motivo que o levasse a isso?

— Não. A idéia me veio apenas porque... bem, não pude pensar noutra coisa.

— Ele morreu, pelo que podemos calcular, cerca de meia noite. A senhora ouviu algum barulho neste quarto?

— Não.

— Dorme bem, evidentemente. — A cara de Peake tornou-se mais sarcástica do que de hábito. — A que horas o viu pela última vez?

— Justamente antes de onze horas. Ele subiu para o quarto, nos deixando em baixo.

— A senhora não veio dar-lhe boa noite?

— Não.

— A senhora sabe se ele tinha algum cianido em seu poder?

— Eu não reconheceria isso, se visse.

— Que espécie de briga foi a sua com ele?

— Nós não brigamos. Apenas ele era... oh, bem, era impossível viver com ele. — A moça teve um calafrio. — Desculpem-me. Eu gostaria de vestir mais alguma coisa.

— Um momento. Eu sei que a senhora tem hóspedes na casa. Podia dizer-nos alguma coisa sobre eles, por favor?

— Aqui está Herbert Cann, o sócio de Robert. E Philip Roscoe.

— Quem é?

— O rosto pálido corou de novo. — Apenas um amigo.

— E quem é Mr. Richard?

— Meu enteado. Eu sou a segunda Mrs. Lorrimer.

— Muito obrigado. Eu provavelmente querei perguntar-lhe mais alguma coisa. Assim sendo, mandarei chamá-la.

— A moça retirou-se para seu quarto. Peake fechou a porta atrás dela e ficou olhando para a porta, pensativamente, durante um momento. Depois voltou-se para olhar para os outros.

— Acabou, Masson?

— Sim, senhor. Não há frasco, caixa, capsula nem coisa alguma.

— Foi um diário que você tirou do bolso dele? Vamos ver. Apontamentos para a próxima semana. Isto não está cheirando muito a suicídio. Há um para hoje de manhã. Glaister — dez horas. Quem é Glaister, Staveley?

— O dentista de Mr. Lorrimer, sir. Ele tinha uma hora marcada ontem, creio eu.

— Sim, aqui está. Glaister — onze horas. Ele não ia procurar o dentista num domingo, não é mesmo?

— Talvez hora marcada para golf, sir. Frequentemente eles jogavam juntos.

— Hum! — Peake relanceou os olhos por mais algumas páginas do diário, depois o devolveu a Masson. — Está com pressa, doutor?

— A autópsia devia ser feita o mais breve possível. Os traços de cianido desaparecem depressa.

— Muito bem. Eu não o deterei muito tempo. Mas, antes do corpo ser removido, eu gostaria que os outros camaradas viessem aqui, para ver como reagem. Staveley, peça ao filho de Mr. Lorrimer para vir ao quarto do pai. Não lhe diga nada do que aconteceu. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Depois telefone para a estação de polícia e peça que mandem uma ambulância para carregar um cadáver para o necrotério. A propósito, que é que há sobre as criadas? Elas também estavam em maus termos com Mr. Lorrimer?

— Penso que não, sir. De qualquer modo, nenhuma delas podia estar implicada neste caso. Elas dormem na outra ala do prédio. Eu tranquei a porta de comunicação quando fui me deitar e ainda estava trancada hoje de manhã.

— O. K. Vá agir.

— A propósito desse negócio de reação — murmurou Fraser, quando o mordomo saiu. — Que foi que o senhor descobriu em Mrs. Lorrimer?

— Muita coisa, não. Pareceu surpreendida quando viu o corpo. Mas podia ser fingido. Ela com certeza não vai ficar de olhos vermelhos chorando a morte do marido. Masson, reviste o banheiro e veja se há algum frasco ou copo cheirando a amêndoas. Depois vá e dê uma busca no jardim, para verificar se foi jogada alguma coisa por uma destas janelas.

— Muito bem, sir.

Peake examinou as coisas que tinham sido tiradas do bolso do morto. Daí a pouco houve uma pancadinha na porta e um rapaz, enrolado num roupão, entrou. Viu o corpo de Mr. Lorrimer estirado no chão e parou abruptamente. Seu rosto agradável crispou-se nervosamente.

— Que... que foi isto? — balbuciou ele. — Que aconteceu?

— Seu pai está morto — disse Peake laconicamente. — Envenenado. Cerca de meia noite.

— O senhor quer dizer... assassinado?

— Talvez. Vocês não eram muito amigos, não é verdade?

— Não fui eu! Juro que não fui eu!

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Não. Nós não éramos muito amigos. — O rapaz puxou uma mecha de cabelos de cima dos olhos, com a mão trêmula. — Ninguém era amigo dele. Se o senhor perguntar a Madge ela lhe dirá como ele nos tratava. Ele estava sempre contra mim,

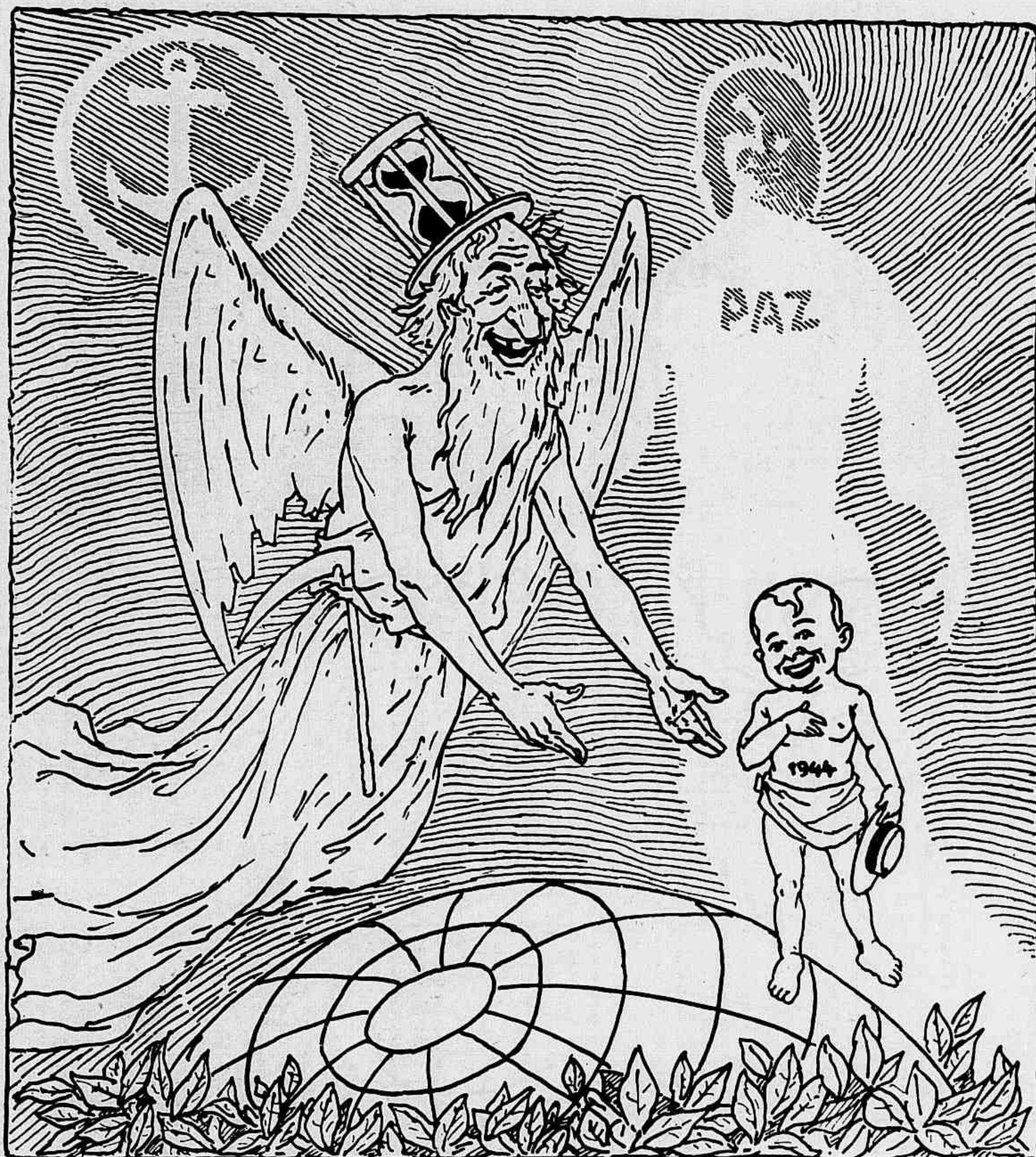
(CONTINUA NA PAG. 40)

**PARASITAS?
COCEIRAS?**

PARASITINA

não suja a pele - não é gorduroso

A' meia-noite



Bôas ENTRADAS



MELHÓRES SAHIDAS...

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

PRISÃO de VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULARIZAM O INTES-
TINO SEM TORTURA-LO.

O Calendário de Moisés

Calendário permanente de 1801 a 1950

Festas móveis até 1958

Festas religiosas fixas em 1944

Principais festas móveis

Outras festas da Igreja

Concordância das principais eras

Começo das estações

Feriados nacionais

Tabela do nascimento e ocaso do sol

Eclipses do sol em 44

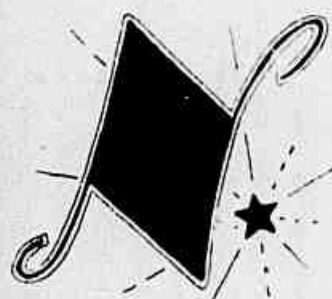
Signos do Zodíaco e sua explicação

Ver estes e muitos outros assuntos de interesse geral no Almanaque Eu Sei Tudo para 44 à venda em toda parte por Cr. \$ 8,00. Pedidos mediante vale do correio ou reembolso à Cia. Editora Americana. Rua Maranguape, 1 Rio 5.

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

A ÁRVORE DE NATAL

PO^a SEBASTIÃO FERNANDES
= DESENHOS - J. GOUVÊA =



O salão largo e quieto a árvore de Natal parecia um sonho. Pinheiro de galhos verdes. Já mais uma árvore ficara assim carregada, não só de frutos, mas também de coisas em profusão: biches e bolas, bonecos e trens de ferro, pianos e patinhos, aeroplanos e bandeiras, automoveis e soldados. Muito maior que a Arca de Noé, havia ali polichinelo multicôr, carneirinho, barco de vela muito larga, bêbê-chorão, bahiana gorda, elefante cinzento, leão forte, urso branquíssimo, negrinho da Abissínia, macaco eterno imitador de homem. Era uma árvore tão carregada de pequenas velas coloridas e tampadas vermelhas que até parecia mentira: parecia um conto de fada. Era uma Árvore de Natal. Um pinheiro de verdade.

O salão preparado para a festa estava todo fechado e silencioso, por isso podia-se ouvir a conversa dos brinquedos pendurados nos galhos de pinheiro.

O soldado-imperial reclamou:

— Não sei por que me penduraram pelo pescoço. Nem pareço um militar respeitável.

O burro-do-carrinho também não estava satisfeito

— E eu que só sei andar no chão e estou imitando o aeroplano.

O aeroplano protestou:

Isso não, porque eu sei voar, ir além das nuvens e estou preso no galho da árvore como qualquer boneca vagabunda.

— Alto lá, disse a boneca. Você pôde ficar zangado de ter ficado como todos nós preso pela cabeça, cintura ou pescoço, mas ninguém é culpado. Por que boneca vagabunda? É feio humilhar os outros. Ainda mais quem com um simples tombo se esborracha todo.

O elefante resmungou:

— Mas alguém é culpado.

O leão, que gostava sempre de mostrar o seu valor, disse:

— Esta festa foi organizada para alegrar os meninos pobres. Quando o dono da casa nos foi comprar na loja de brinquedos, disse que mandaria colocar aqui, no salão, uma árvore grande onde seríamos todos pendurados e depois distribuídos com os meninos cujos pais não podem comprar nada para brincarem.

O soldado-imperial, sempre muito vaidoso, protestou:

— Então por causa dos meninos pobres nós vamos levar a noite toda pendurados pela cabeça?

O polichinelo bateu com as mãos que tinham pratos de ouro

— Todos nós somos iguais.

O elefante gemeu:

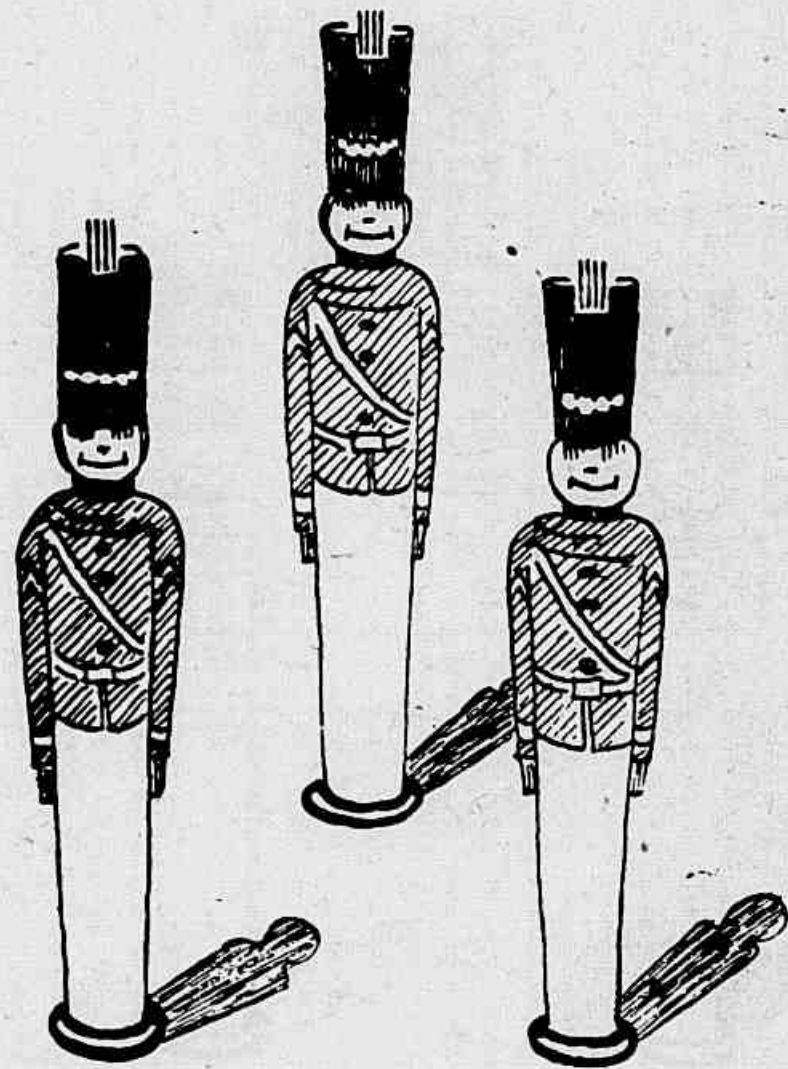
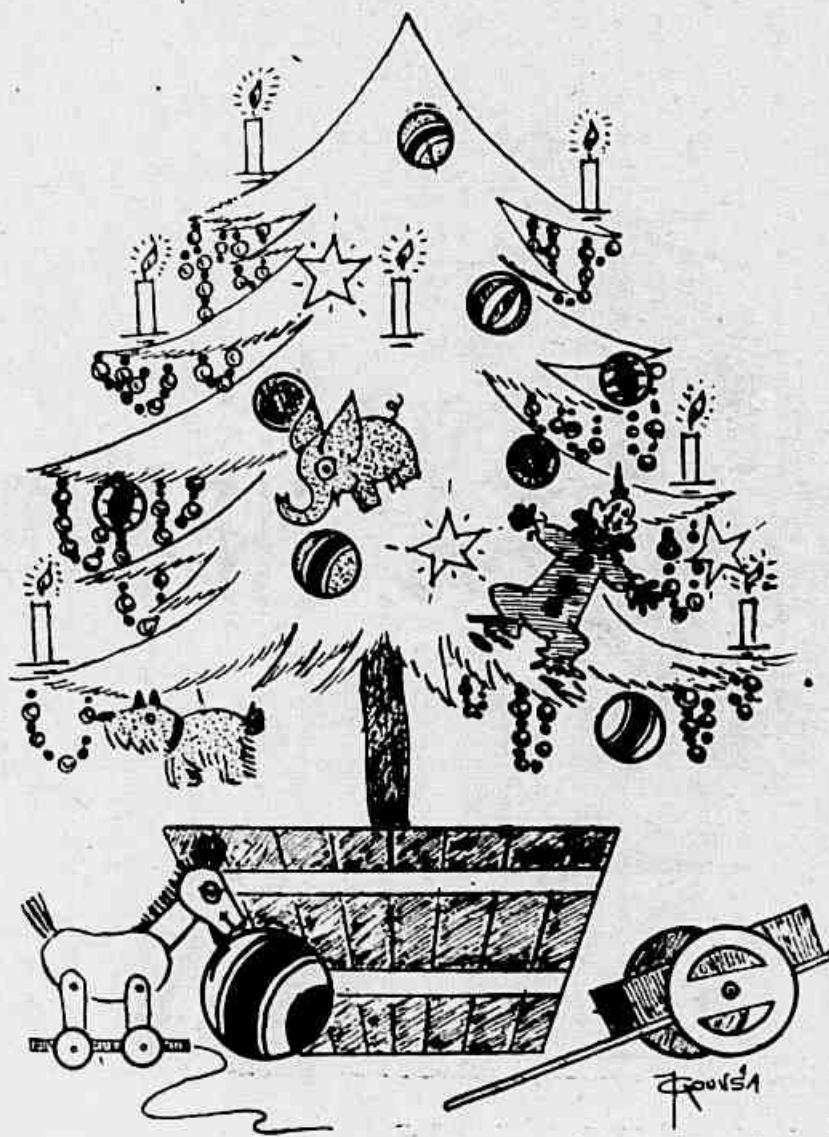
— Este barbante está machucando minha tromba.

O urso-polar deu um suspiro:

— Ah! Eu nasci no gelo e estou me derretendo neste calor...

O negrinho da Abissínia, sorriu:

— Todos nós temos o nosso destino. Também os



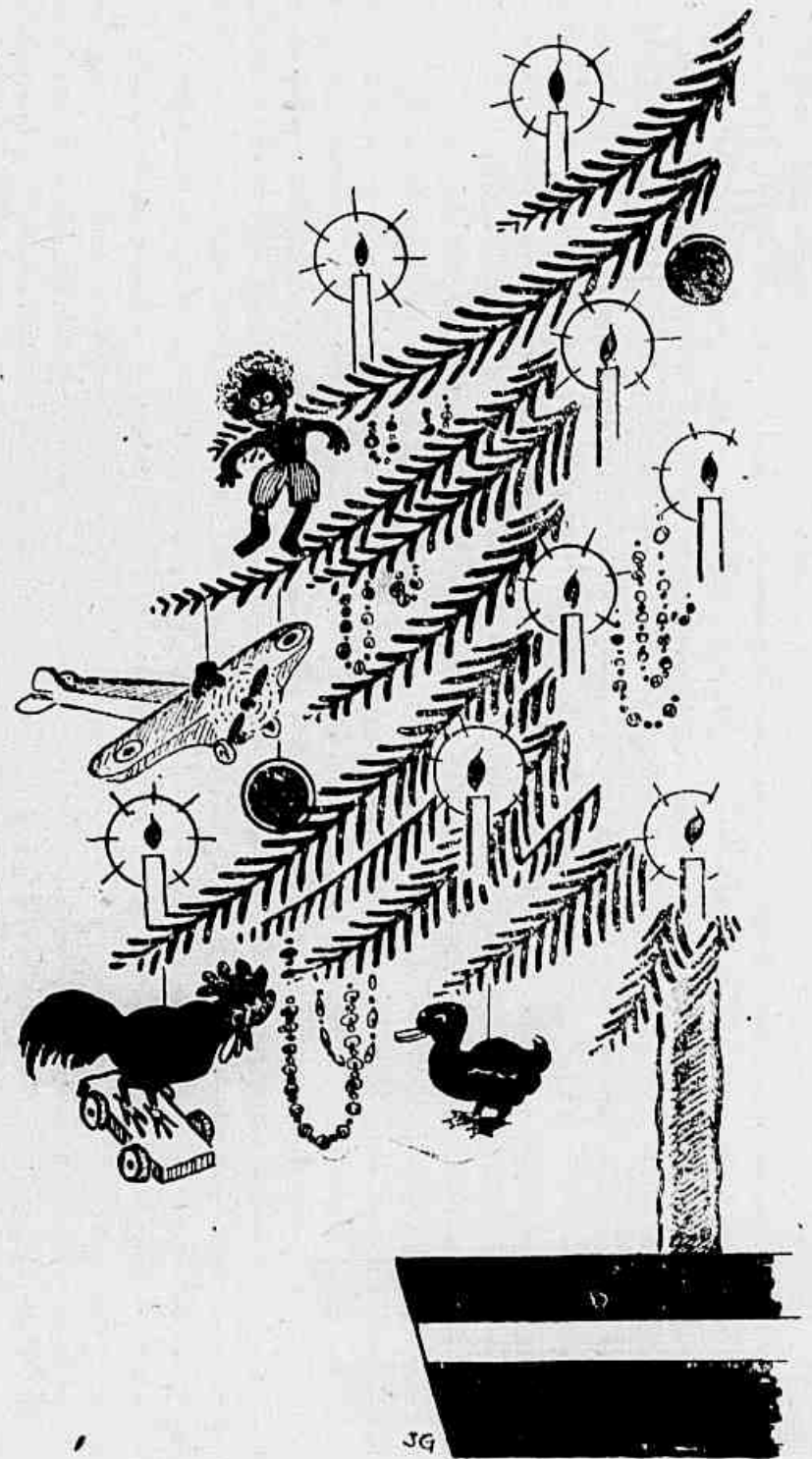
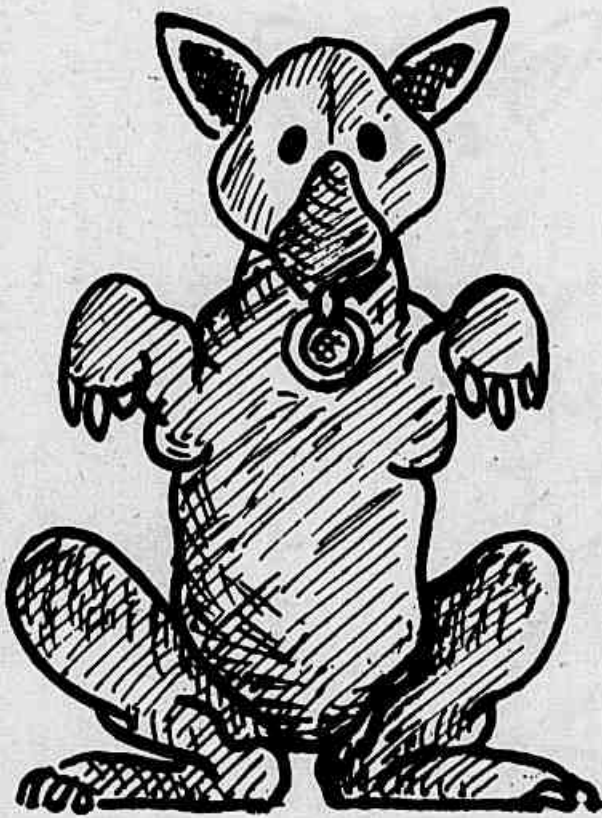
meninos pobres têm o destino de não ter pais ricos para lhes dar presente o ano inteiro, e quando é inverno eles sentem frio porque não têm agasalho, e quando faz calor não podem fugir do verão. Por isso é preciso que num só dia, o dia de hoje — NATAL — nós fiquemos aqui pendurados para que eles nos vejam e cada um escolha o seu presente e sua alegria.

O carneirinho mexeu com a cabeça:

— É isso mesmo, tudo na vida é assim. Todos nós precisamos ajudar-nos uns aos outros, mesmo nos momentos alegres; mesmo que essa alegria dure um só instante.

O burro abriu a boca e ia falar...

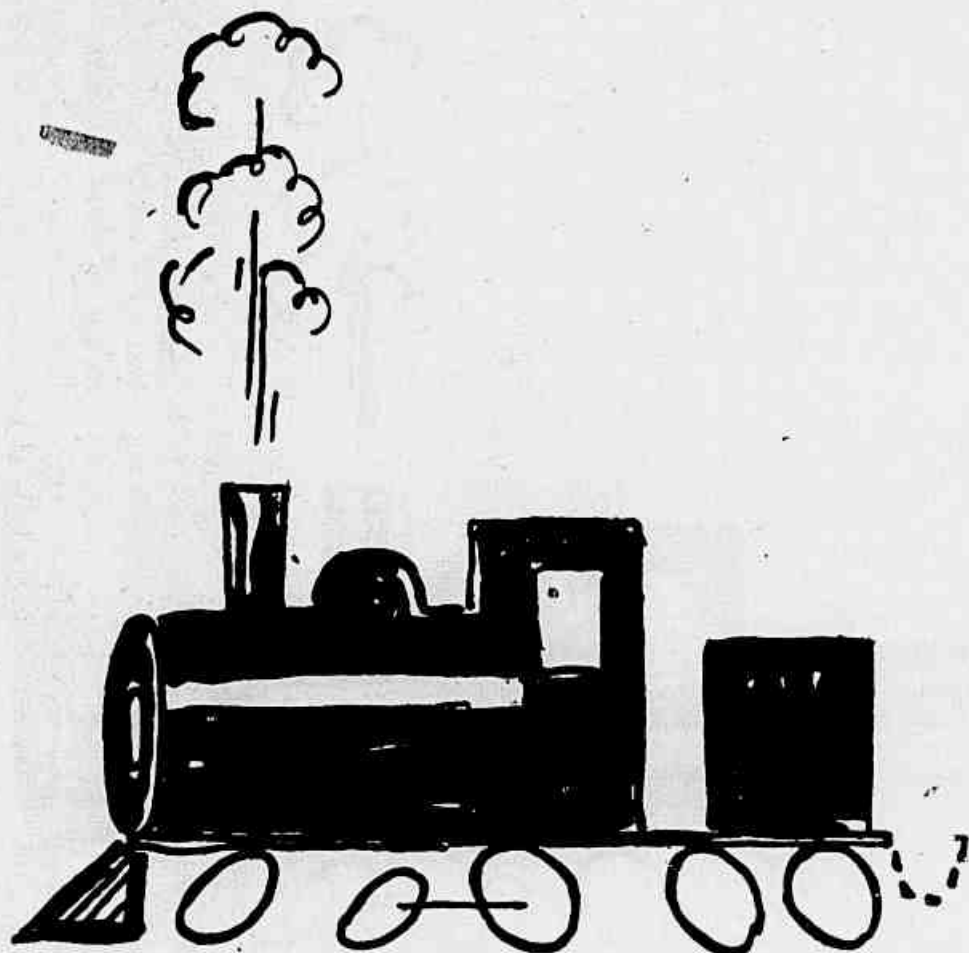
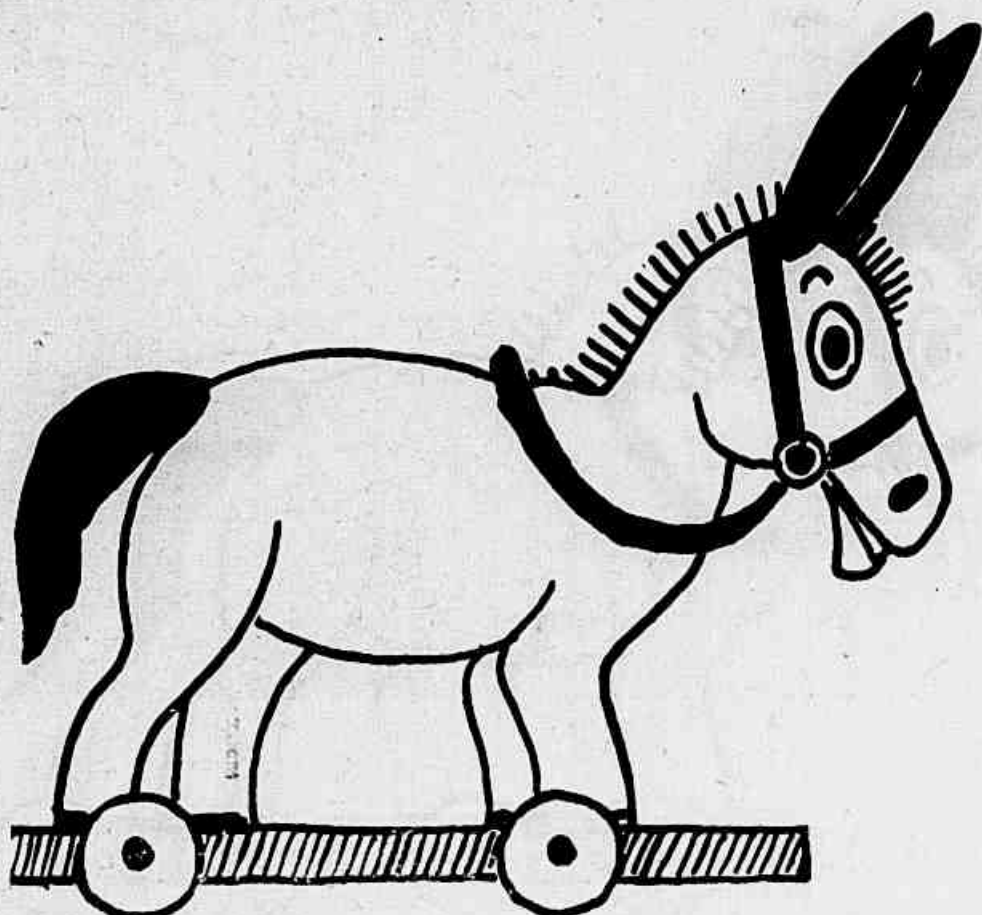
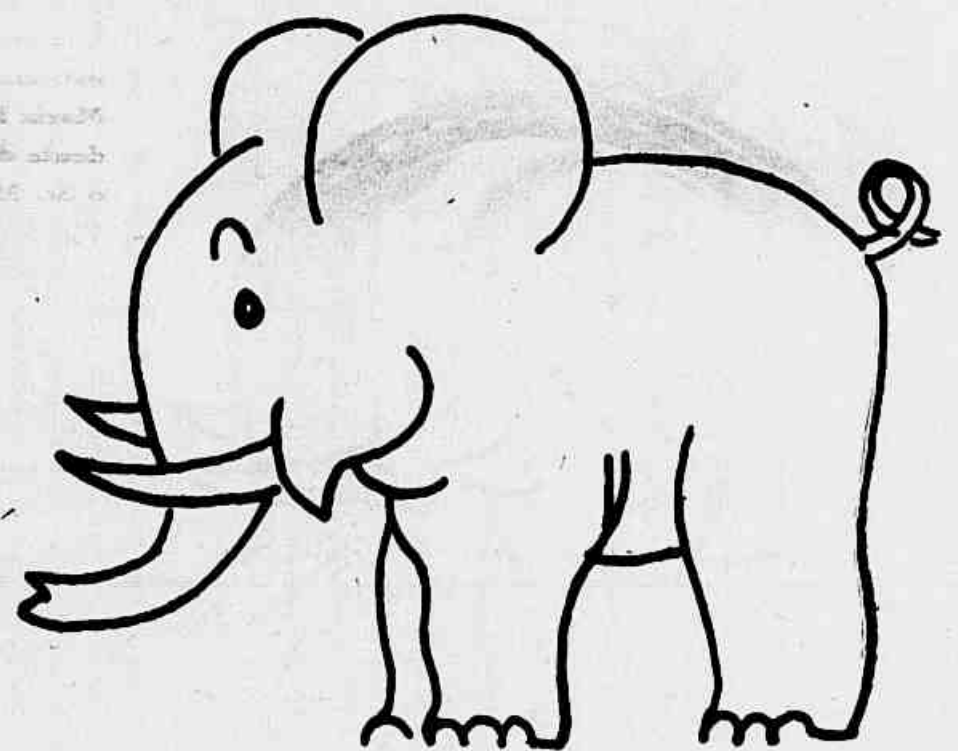
O trem elétrico deu um apito pedindo silêncio porque o criado acabara de abrir a porta e iam entrar os



meninos pobres para receberem sua lembrança da Arvore-de-Natal.

Foi curto o silencio, porque ao tumulto dos garotos, se associaram todas aquelas minúsculas imagens que em breve seriam libertadas do cordel humilhante que as prendia à arvore, como vitimas da justiça barbara do enforcamento. Vão perder o luxo de uma sala dourada pelas luzes abundantes, mas terão dentro de um casebre tosco o carinho que irá tonificar-lhes o coração e dar-lhes um espírito novo, a consciencia de sua utilidade, como elemento de alegria para aqueles que conhecem mais a lagrima que o sorriso.

Depois a arvore ficou despida de seus habitantes tagarelas; tudo emudecido, imagem perfeita da vida: um relampago de felicidade para um ano de tormentos.



Figuras e Fatos



CRISTOVAM CAMARGO NO PRATA — No ano que terminou teve o teatro brasileiro seu momento de esplendor no Prata, com a apresentação, em teatros de Montevideo e Buenos Aires, de varios trabalhos originais de Cristovam de Camargo, postos em cena em espanhol e francês. As duas cultas platéias continentais não regatearam aplausos às criações do dramaturgo patricio, tendo constituído a crítica dos jornais verdadeira consagração. Na gravura, Maurice Castel, primeiro ator de Louis Jouvet, criador de "Amour d'Automne", ao lado de Andrée Tainsy numa cena dessa comédia de Cristovam Camargo.



NA FEDERAÇÃO DAS BANDEIRANTES — Realizou-se na segunda quinzena de Dezembro findo na residencia da Sra.ª Vera Delgado de Carvalho, em Copacabana, uma reunião em que estiveram presentes, além da Sra.ª Maria Luiza Dumont Vilares, Presidente das Bandeirantes de São Paulo, o Sr. Ministro da Viação e Senhora Mendonça Lima, além de outros elementos destacados na Sociedade Carioca. Aos Srs. General Mendonça Lima, dr. G. Dumont Vilares, Francisco Hime, Alfredo Santos, e Sras. D. Laura das Chagas Machado, Celine Pena e Estella Hastings Barbosa de Oliveira, foram conferidas medalhas especiais de reconhecimento das Bandeirantes pelo muito que têm feito em favor da patriótica organização. A reunião deixou em todos que lhe assistiram imperecível recordação.



STA. DIVA MENDES DA COSTA que vem de concluir com as melhores notas o curso de Bacharel em Letras num dos educandários desta Capital.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

dia 1: Senhorita Zita Coelho Netto.
Senhores: general Bertoldo Klinger e Renato de Castro Filho.

dia 2: Senhores: Prof. dr. Leitão da Cunha; dr. Plínio Pinheiro Guimarães; dr. Orlando Vilela e dr. José de Abreu e Lima.

dia 3: Senhores: comandante Alexandre Herculano Rodrigues e o nosso companheiro Celestino Silveira.

dia 4: Senhora América da Silva Carvalho.

Senhor Domingos Benedetti.

dia 5: Senhora Alice Vergara Paes Leme.

Senhorita Maria de Lourdes Goes Monteiro.

Senhores: dr. Edmundo da Luz Pinto; dr. Trajano Furtado Reis e general Castro Pinto.

dia 6: Senhora Adelaide Machado Brito.

Senhores: almirante Henrique Boiteux e capitão tenente Lindoso Marinho Guimarães.

dia 7: Senhoras: Maria Eliza Frontin Werneck e Sra. Augusta Gill.

Senhoritas: Herminia Aarão Reis e Maria de Lamrae.



O NATAL NAS ESCOLAS — As escolas cariocas viveram momentos de grande alegria com a presença nas mesmas da Sr.ª Cecy Dodsworth, que, acompanhada do coronel Jonas Correia, Secretário Geral de Educação e Cultura, foi levar às crianças as festas de Natal que pela primeira vez eram distribuídas a todos os que vinham de dar por findo seus estudos no ano. Brinquedos, balas, bombons e biscoitos foram ofertados pela Sr.ª Henrique Dodsworth. Mais de cem mil crianças foram distinguidas pela senhora Dodsworth auxiliada pelo magistério que cooperou com dedicação nessa obra.

1943 EM REVISTA

JANEIRO

- 4 — A RAF bombardeia a região do Ruhr.
- 8 — Os Alemães evacuam Rzhev.
- 11 — Os Russos recapturam Mineralnye. É abolida a extra territorialidade britânica na China.
- 14 — A República dos Kalmuks é libertada dos Alemães.
- 16 — Os Japoneses recuam em Guadalcanal. O Irã declara guerra à Alemanha, Itália e Japão. Bombardeio de Berlim.
- 20 — Os Russos reconquistam Ostrogzhsk e Proletarskaya. O Chile decreta o rompimento de relações com os países do Eixo.
- 23 — O 8.º exército britânico ocupa Trípoli. Os Russos recapturam Armavir e Volokonovska. As tropas francesas ocupam o Oasis de Gat. Divulga-se o pacto entre o Reich e a Itália para a divisão da França depois da guerra.
- 28 — Os Russos ocupam o porto finlandês de Petsamo. Encontro dos Presidentes Getúlio e Roosevelt em Natal.

FEVEREIRO — 2 — São aniquilados os remanescentes do exército alemão em Stalingrado.

6 — O General Eisenhower é nomeado comandante em chefe das forças aliadas. O governo do Brasil dá formal adesão à Carta do Atlântico.

14 — Os Russos recapturam Rostov e Voroshilovgrado.

16 — Os Russos reconquistam Karkow. O Afrika Korps é expulso de Ben Mardane.

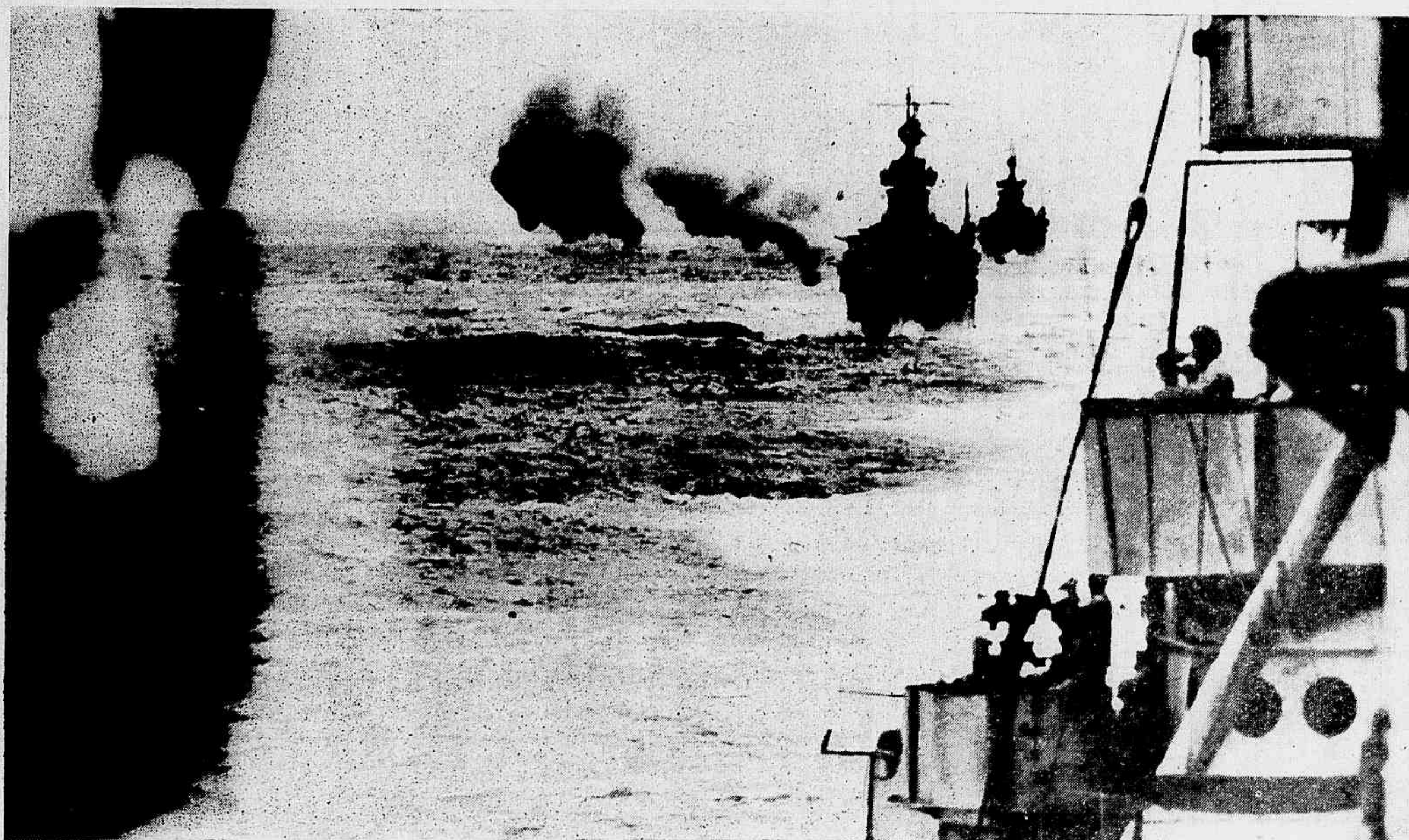
18 — Os Alemães ocupam Ferrara, Sertis e Kasrini. O 8.º exército chega a Múchen na Linha Ma-reth.



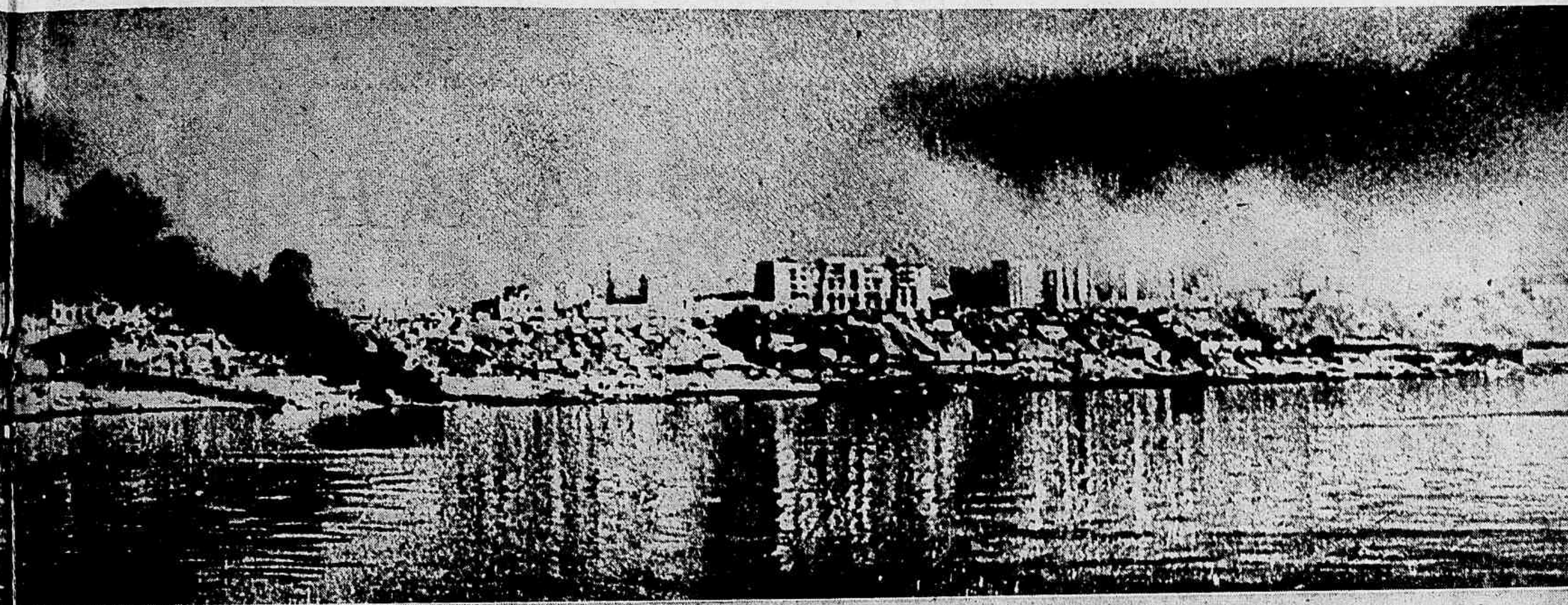
Afranço de Mello Franco, cujo falecimento faz desaparecer um dos defensores da supremacia da força do direito sobre o direito da força.

FEVEREIRO

Os Japoneses arrasam as defesas de Guadalcanal antes de tomarem essa importante base.



A aviação aliada arrasa a região do Ruhr, centro da indústria bélica da Alemanha.



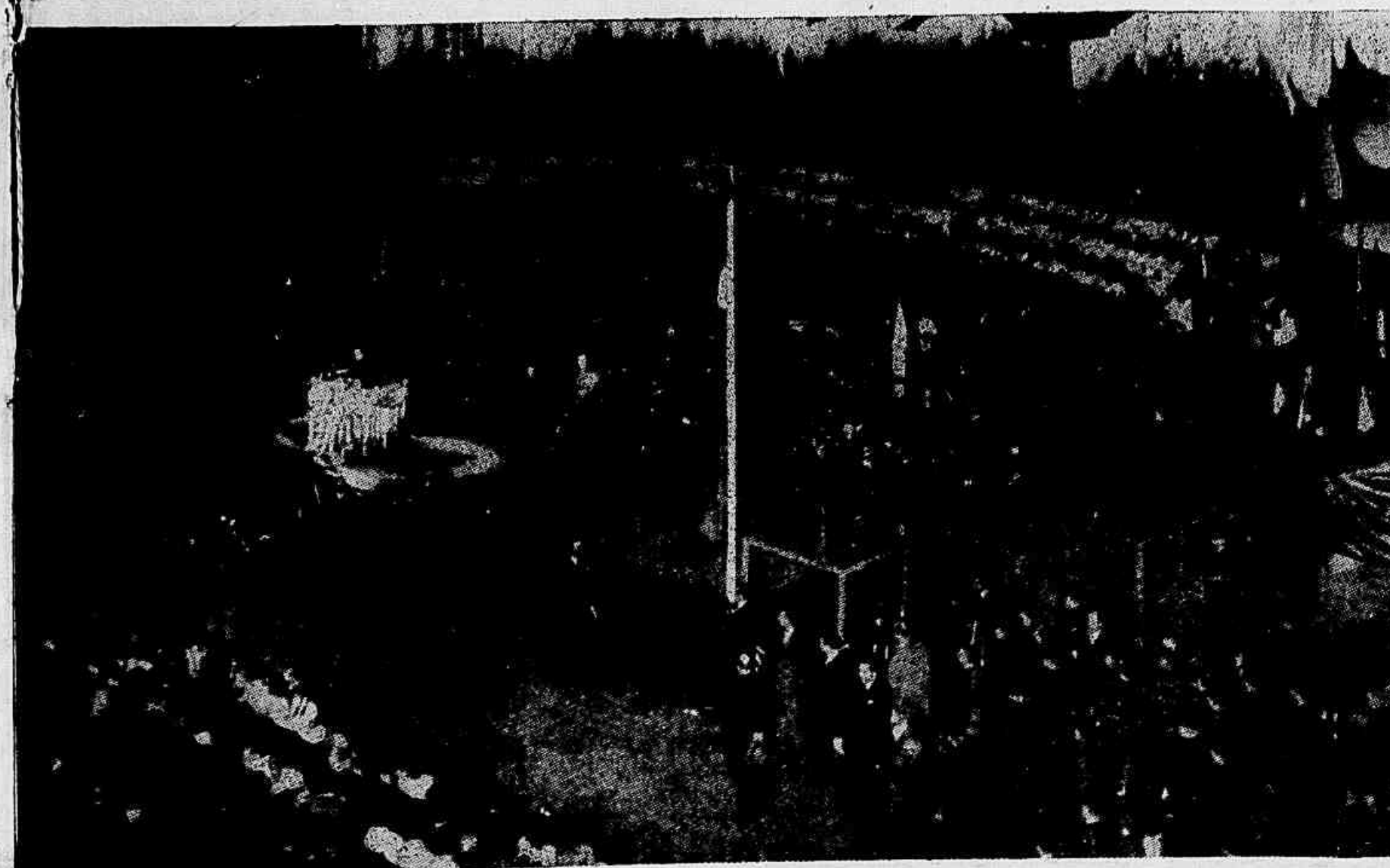
CONTINUED ON NEXT PAGE 13

2. A EPOPEIA DE STALINGRADO — A queda de Stalingrado é sem dúvida um dos acontecimentos mais importantes desta guerra, pois veio definir a supremacia do exército soviético sobre a Wehrmacht, que sofreu então o mais rude golpe da sua desastrosa campanha na Rússia. Última guardiã do petróleo do Cáucaso, tão cobiçado por Hitler, depois de resistir a um cerco de ferro e fogo durante três meses, expulsou o invasor, infligindo-lhe uma derrota definitiva. Esta vitória cortou o braço meridional da tenaz alemã e, sincronizada com a vitória de El Alamein, que impossibilitava o avanço alemão sobre o Egito, veio transformar os planos estratégicos de Hitler, modificando inteiramente o panorama da guerra. Um exército alemão de 300.000 homens sob o comando de Von Paulus foi destruído. Quebrava-se o mito da invencibilidade dos "super homens" de Hitler. O fator psicológico teve tanta importância quanto as perdas materiais sofridas pelos alemães e as

vantagens de ordem estratégica obtidas pelos russos. Foi a vitória do heroísmo de um povo que demonstrou amar a sua terra defendendo-a palmo a palmo da fúria do invasor. Ficou destruído um dos maiores centros industriais do mundo, mas as Nações Aliadas podiam começar a vislumbrar a vitória das suas armas.

A fotografia mostra um perfil de Stalingrado às margens do Volga, quase inteiramente destruída pelos bombardeiros alemães. Pode-se entretanto distinguir o perfil de concreto de uma grande cidade moderna. Os alemães retiveram por alguns dias as grandes fábricas da indústria metalúrgica, que logo foram recuperadas pelos russos. Em pleno fragor da batalha estes reparavam os seus tanques e armas, com os quais expulsaram os germânicos.

Vemos também alguns prisioneiros feitos pelos russos, entre os quais muitos italianos, húngaros, romenos e croatas.



MARÇO

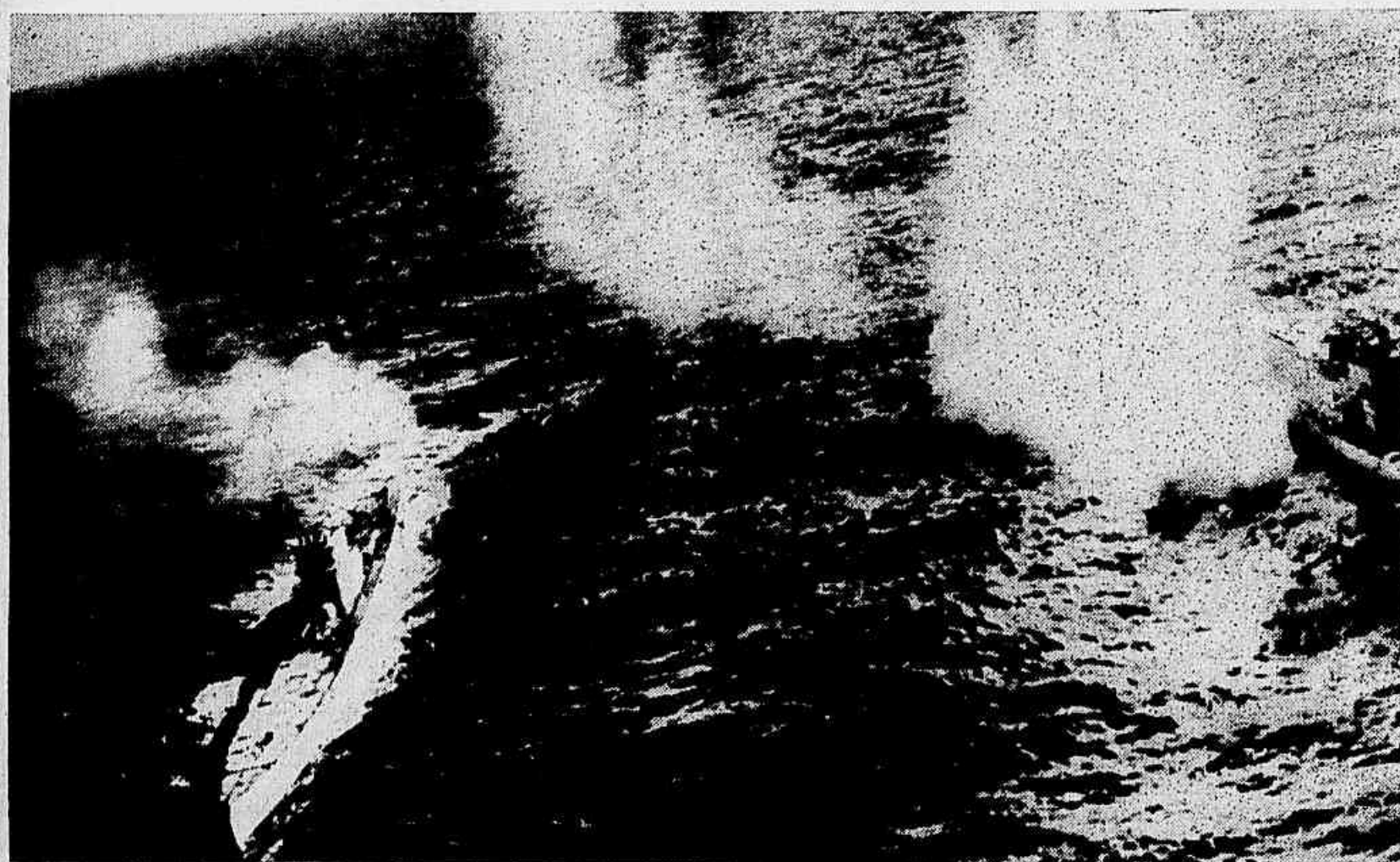
1 — Tóquio confessa a perda de Guadalcanal.

3 — Os Russos capturam Rzhev. O 8.º exército britânico flanqueia a Linha Mareth.

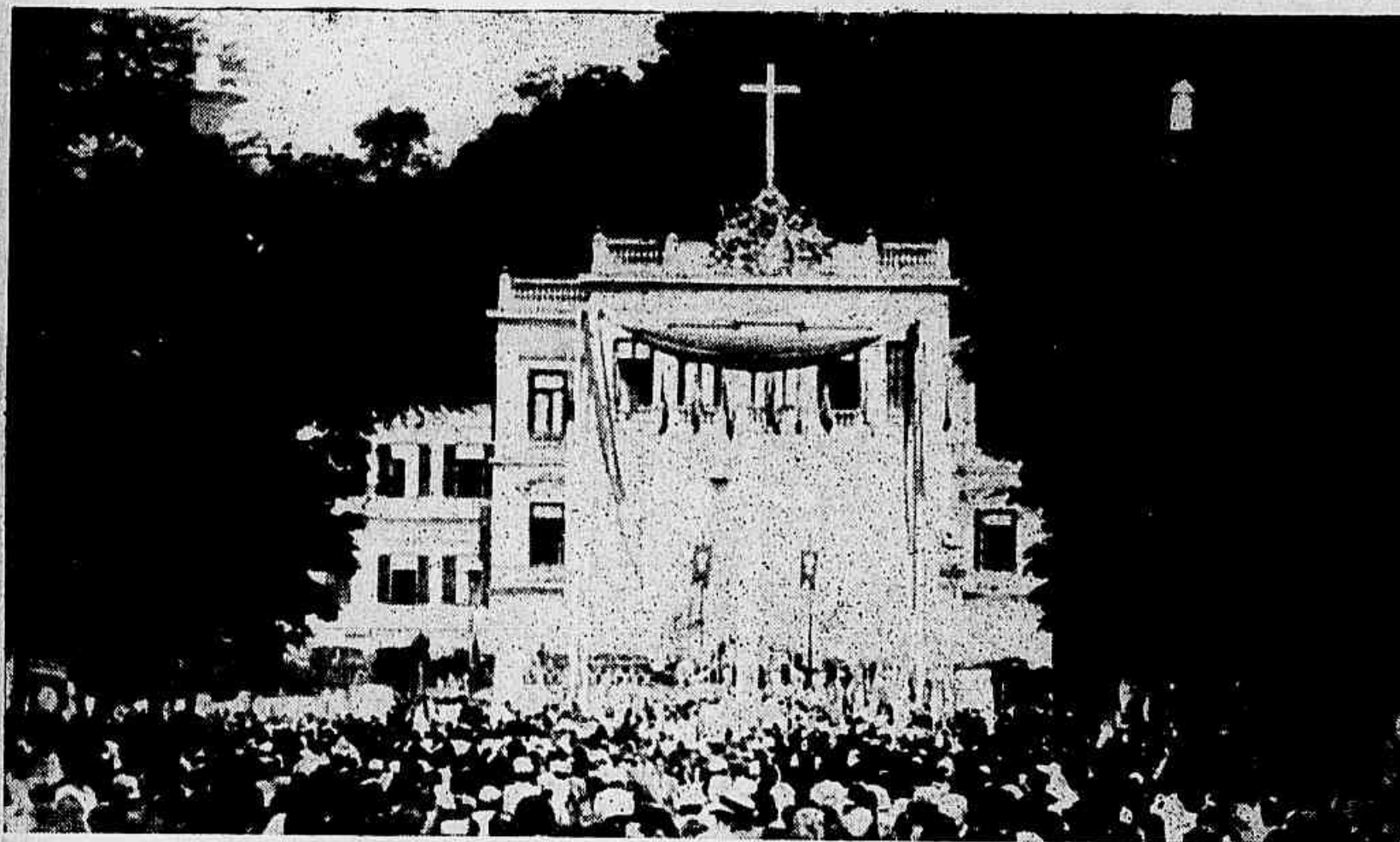
6 — Stalin é nomeado marechal da Rússia pelo Supremo Conselho. Os Aliados conquistam Pichon e Ousseltia na Tunísia. Divulga-se terem sido torpedeados os cargueiros nacional Brasileiro em 18 de Fevereiro e o navio Affonso Penna no dia 2 de Março.

28 — O 8.º exército inglês entra nos subúrbios de El Hama, na Tunísia.

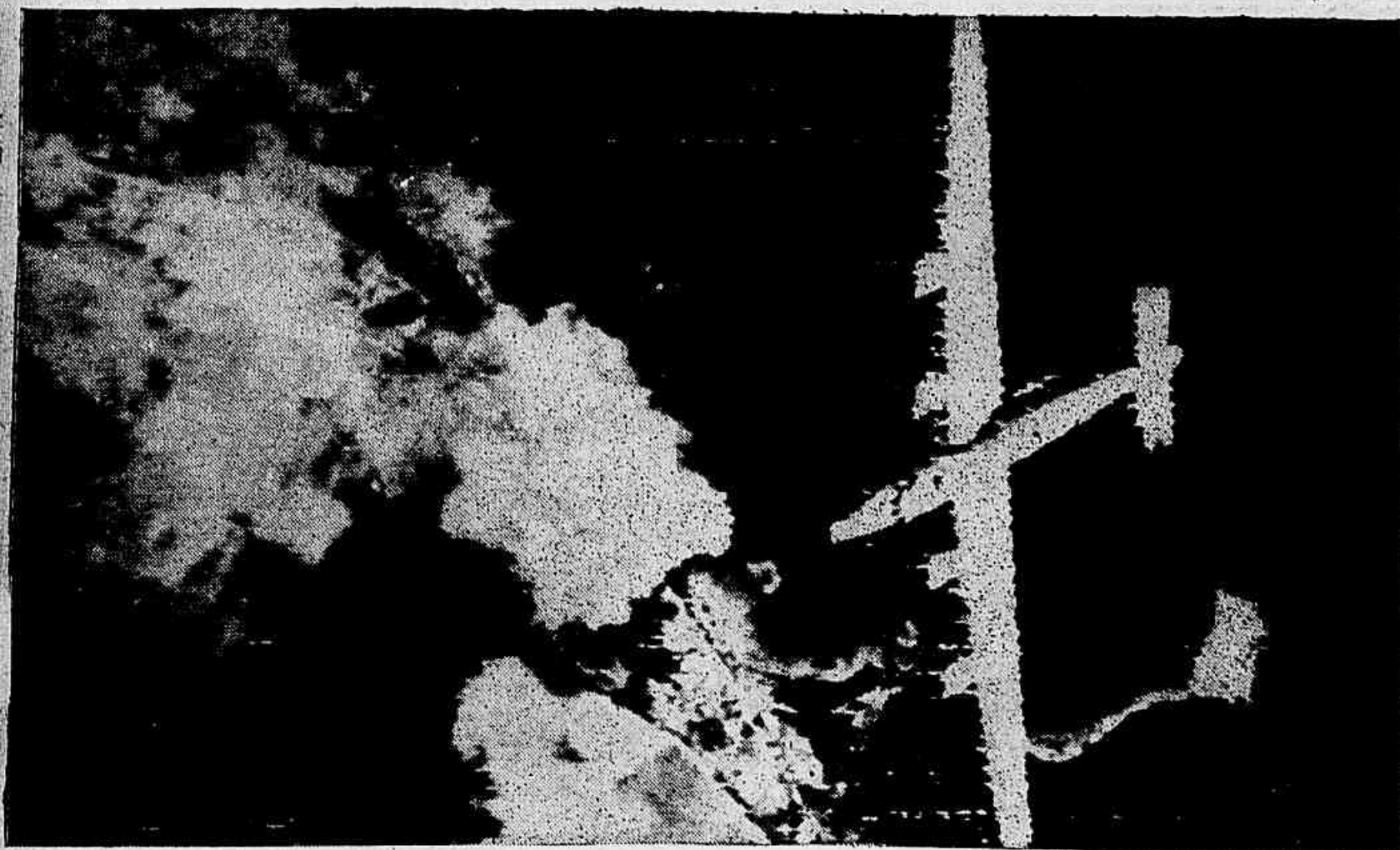
Mme. Chiang Kai-shek dirigindo-se à Câmara dos Representantes dos Estados Unidos.



Intensifica-se a luta pelo domínio do Mediterrâneo. A esquadra aliada não dá tréguas às unidades do Eixo que tentam abastecer suas tropas na África.



Encerramento do Congresso Eucarístico.



A aviação americana intensifica os seus ataques na área do Pacífico.

ABRIL

2 — A aviação brasileira anuncia que afundou em meados de Março um submarino do Eixo em águas brasileiras.

3 — Intensificação da luta naval no Mediterrâneo, com o afundamento de 25 navios de um comboio do Eixo.

8 — A Bolívia declara guerra aos países do Eixo.

9 — O Brasil assina a declaração das Nações Unidas.

14 — O 8.º exército Inglês ocupa Enfidaville, na Tunísia.

M A I O

8 — Os Aliados conquistam Bizerta e Tunis, últimos redutos do Eixo na África.

14 — Os Americanos desembarcam na ilha de Attu.

15 — A RAF bombardeia o porto de Messina. O general Giraud depõe o Bei de Tunis.

17 — Os Alemães bombardeiam Londres. A RAF destrói as represas do Mohe e do Eder, as duas maiores da Alemanha; um avião da FAB afunda um submarino do Eixo na altura do litoral de Alagoas.

22 — Moscou participa ao mundo a dissolução da Terceira Internacional Comunista.

30 — Cessa a resistência nipônica na ilha de Attu.

J U N H O

3 — Anuncia-se ter sido firmado acordo completo entre os generais De Gaulle e Giraud.

5 — Revolução na Argentina.

12 — Os aliados tomam a ilha de Lampedusa.

13 — Cói a ilha de Linosa em poder dos Aliados.

15 — Os Aliados capturam a ilha Lampiona.

16 — A Alemanha tenta a paz com a Rússia.

26 — É declarada praticamente arrasada a região industrial do Ruhr.

27 — Os Russos arrasam Briansk.

29 — A RAF bombardeia Colônia pela 117.ª vez.

JULHO

5 — Morre num desastre de aviação o general Sikorski, chefe do Governo da Polónia.

10 — Os Aliados desembarcam na Sicília.

11 — Os aliados completam o cerco de Munda.

23 — O 7.º exercito americano ocupa Palermo, Capital da Sicília.

25 — Cai do poder Benito Mussolini.



Os Aliados desembarcam na Sicília.

AGOSTO

1 — Os Americanos desembarcam em Kiska. A aviação americana bombardeia as usinas de petróleo de Ploesti, na Rumania.

5 — Os Norte Americanos ocupam o aerodromo de Munda. Os Aliados ocupam Paterno, na Sicília. Os Russos tomam Orel.

18 — Cessa a resistencia do Eixo na Sicília.

21 — Os Americanos ocupam a ilha de Kiska, nas Aleutas.

22 — Comemora-se o 1.º aniversário da entrada do Brasil na guerra.

23 — Os Alemães abandonam Karkow.

27 — Os guerrilheiros servios retomam Jace.

29 — Os Dinamarqueses afundam parte da sua esquadra.



Churchill é ovacionado pelo povo em Quebec, por ocasião da Conferência que se realizou naquela cidade.

SETEMBRO

2 — Os Russos capturam Sumy.

3 — As Forças Americanas sob o comando do General Eisenhower desembarcam no continente italiano.

5 — Os Aliados desembarcam em Lae, na Nova Guiné.

8 — A Italia rende-se incondicionalmente aos Aliados.

11 — Entregam-se em Malta aos Aliados 17 navios italianos.

12 — Os Aliados capturam o aeródromo de Salamaua, na Nova Guiné.

25 — Os Alemães evacuam Smolensk.



A morte do Arcebispo d. José Gaspar d'Afonseca e do jornalista Casper Líbero, num trágico desastre de aviação, veio enlutar o clero e os meios jornalísticos do país.

OUTUBRO

1 — Os guerrilheiros sérvios dominam Gorizia. Anuncia-se haverem os alemães deixado destruído o porto de Nápoles, que os Aliados acabavam de conquistar.

2 — Divulga-se o afundamento do navio brasileiro "Itapagé", torpedeado no dia 26 de Setembro nas costas de Alagôas. Munich sofre violento ataque aéreo.

3 — Instala-se no Rio de Janeiro o Terceiro Congresso Brasileiro de Urologia.

4 — As forças francesas ocupam Bastia na Córsega. Divulga-se estar incomunicável o Vaticano.

5 — Os alemães ocupam a ilha de Cós. Dá-se por terminada a luta na Córsega, com a completa evacuação da ilha pelos alemães.

8 — Os russos transpõem em massa o rio Dnieper. A RAF bombardeia Berlim e outros grandes centros alemães. Por decreto do dia 7 o Paraguai institui o Guaraní, dividido em cem centavos, como unidade monetária.

10 — O marechal Chiang Kai-shek assume a presidência da China.

12 — Portugal permite a utilização dos Açores como base para os Aliados.

13 — A Itália declara guerra à Alemanha. Os alemães evacuam Gomel.

20 — Realiza-se em Moscou a primeira sessão plenária da Conferência das Três Potências.

21 — Falece no Rio de Janeiro o general Manoel do Nascimento Vargas, pai do presidente Getúlio Vargas.

24 — Berlim confessa a perda de Melitopol, na Rússia.

29 — Notícia-se haver sido torpedeado no dia 23, na altura da ilha dos Alcatrazes, na costa do Estado de São Paulo, o navio brasileiro "Campos", do Lloyd Brasileiro.

NOVEMBRO

6 — Os alemães comunicam a evacuação de Kiev. A Argentina reafirma a sua neutralidade.

9 — A Fábrica Fiat é inteiramente destruída pela aviação Aliada.

10 — Inauguração no Rio do Palácio da Fazenda.

11 — É proclamada a Lei Marcial em todo o Líbano, dadas as divergências entre o governo desta República protegida e o Comité Francês de Libertação, de Argel. Nas negociações para o ajustamento definitivo da nossa dívida externa, os delegados do Conselho de portadores de títulos britânicos e americanos chegam a um entendimento com os delegados brasileiros.

12 — Notícia-se a morte de 800 pessoas nos distúrbios verificados em Lyon e Grenoble, na França, ao ser comemorada a data do armistício de 1918, na véspera.

13 — Anuncia-se a captura de Zitomir pelos russos.

14 — O governador do Iraque pede a suspensão da autoridade francesa no Líbano.

15 — É entregue em Miami à esquadra brasileira mais um caça-submarino. Chega ao Rio um grande dirigível americano.

19 — Os russos conquistam Korosten.

22 — Os alemães ocupam a ilha de Samos.

25 — Instala-se no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Brasileiro de Economia.

26 — Stalin anuncia a captura de Gomel.

27 — A Colômbia declara guerra à Alemanha. A Bolívia dá a sua adesão à Carta do Atlântico.

29 — Anuncia-se acharem-se já em conferência no Cairo Roosevelt, Churchill e Stalin. São incorporados à esquadra brasileira os contra-torpedeiros "Marcílio Dias", "Mariz e Barros" e "Greenhalg", e lançados ao mar os contra-torpedeiros "Araguaia" e "Amazonas", e o caça-submarino "Rio Pardo", todos construídos no Arsenal do Rio de Janeiro.

DEZEMBRO

1 — Stalin examina com Roosevelt os planos para a invasão do ocidente da Europa.

3 — Roosevelt, Churchill e Stalin reúnem-se em Tabriz.

5 — Os Aliados iniciam a acometida para Roma.

8 — Roosevelt, Churchill, Stalin e Inonu reúnem-se no Cairo. As Nações Aliadas anunciam dispor de vinte e cinco milhões de homens para derrotar o Eixo.

9 — Os russos atravessam o Dnieper médio em compactas formações.

10 — A Turquia anuncia que não entrará na guerra. Os chineses reconquistam Chang-Teh.

11 — Znamenka é tomada de assalto pelas tropas do general Konev.

14 — Notícia-se a chegada de generais brasileiros à África. Roosevelt visita a Sicília.

16 — Caldari, na Itália, cai depois de sangrenta luta.

21 — Notícia-se um golpe de Estado de caráter militar na Bolívia. É deposto o general Peñaranda.

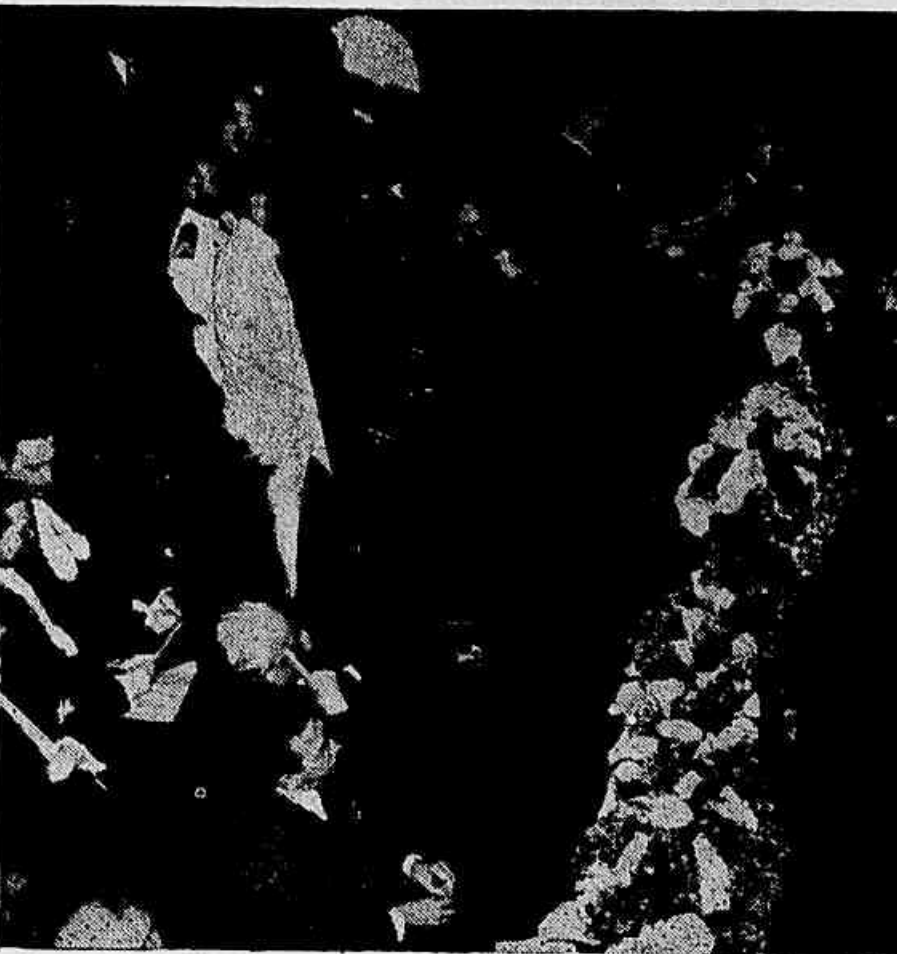
26 — Afundado o couraçado alemão Scharnhorst.



O General Molinari rende-se incondicionalmente aos Aliados.

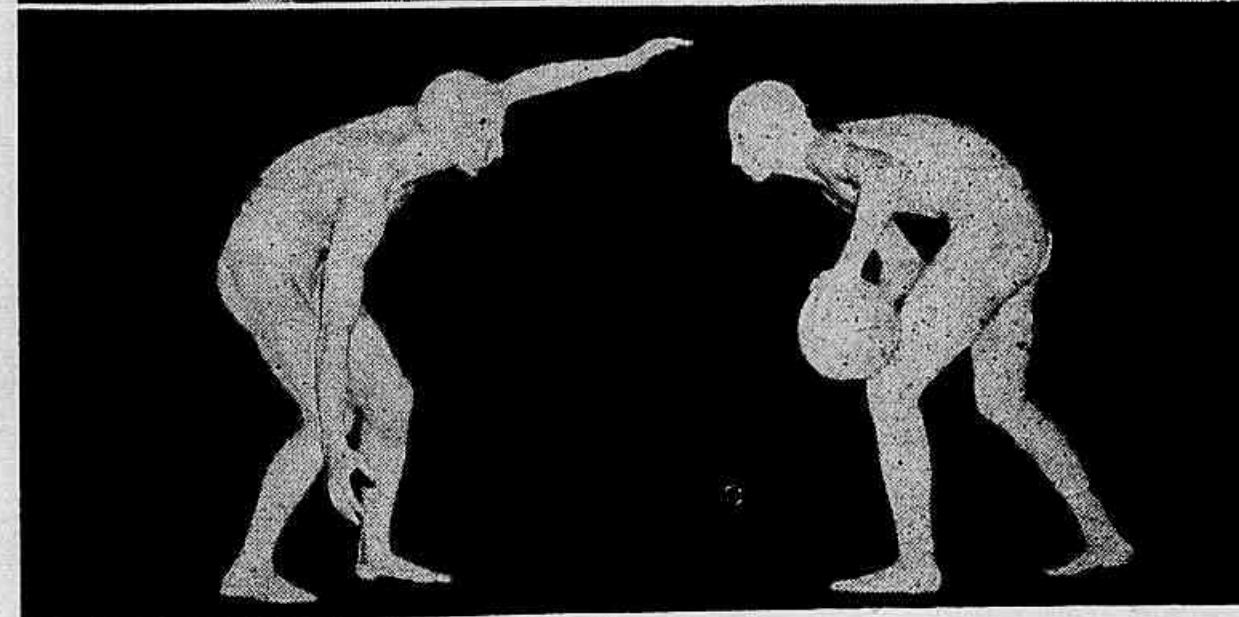
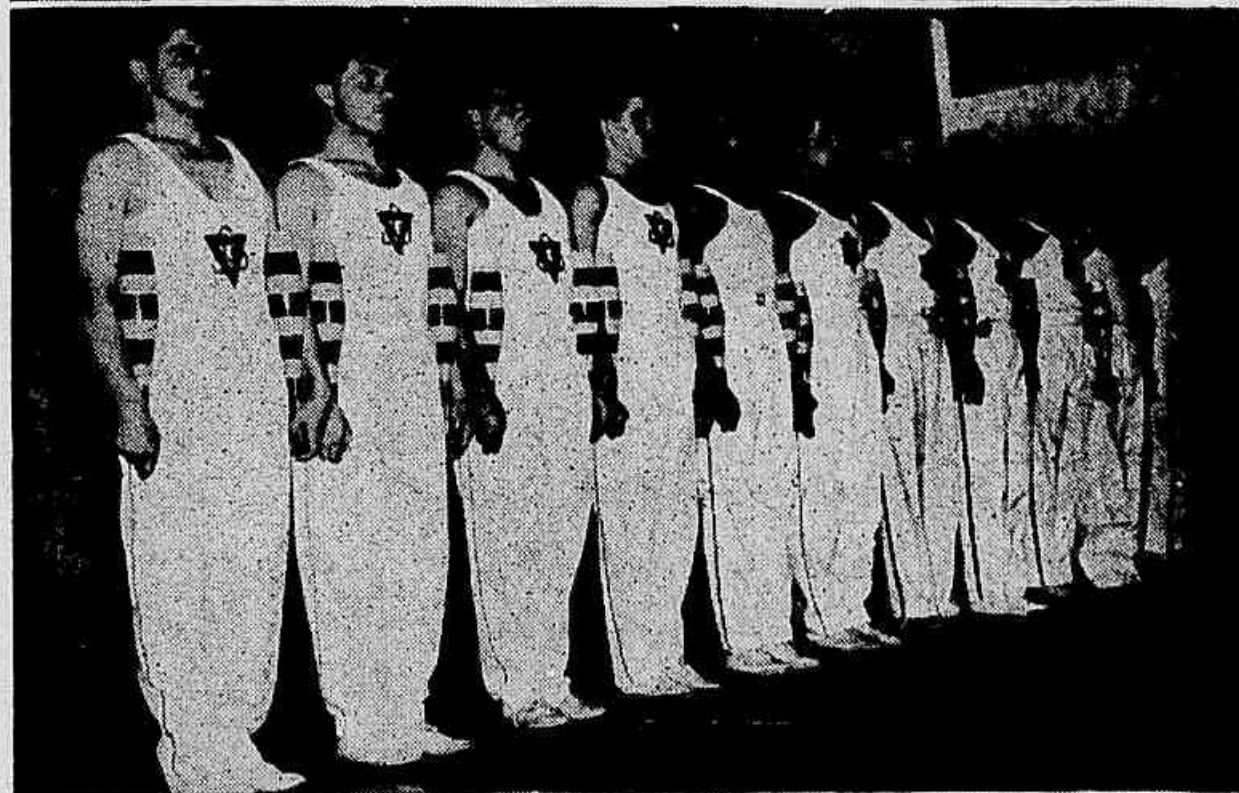


O Presidente Roosevelt, o Primeiro Ministro Churchill e o Presidente Inonu conferenciam em Ankara.



Busto de Clóvis Bevilacqua, figura de projeção internacional no mundo jurídico, inaugurado na Praça Paris. A cerimônia diz respeito ao Centenário do Instituto dos Advogados, quando se realizou também o Congresso Jurídico Nacional, de que reprovizmos um aspecto.

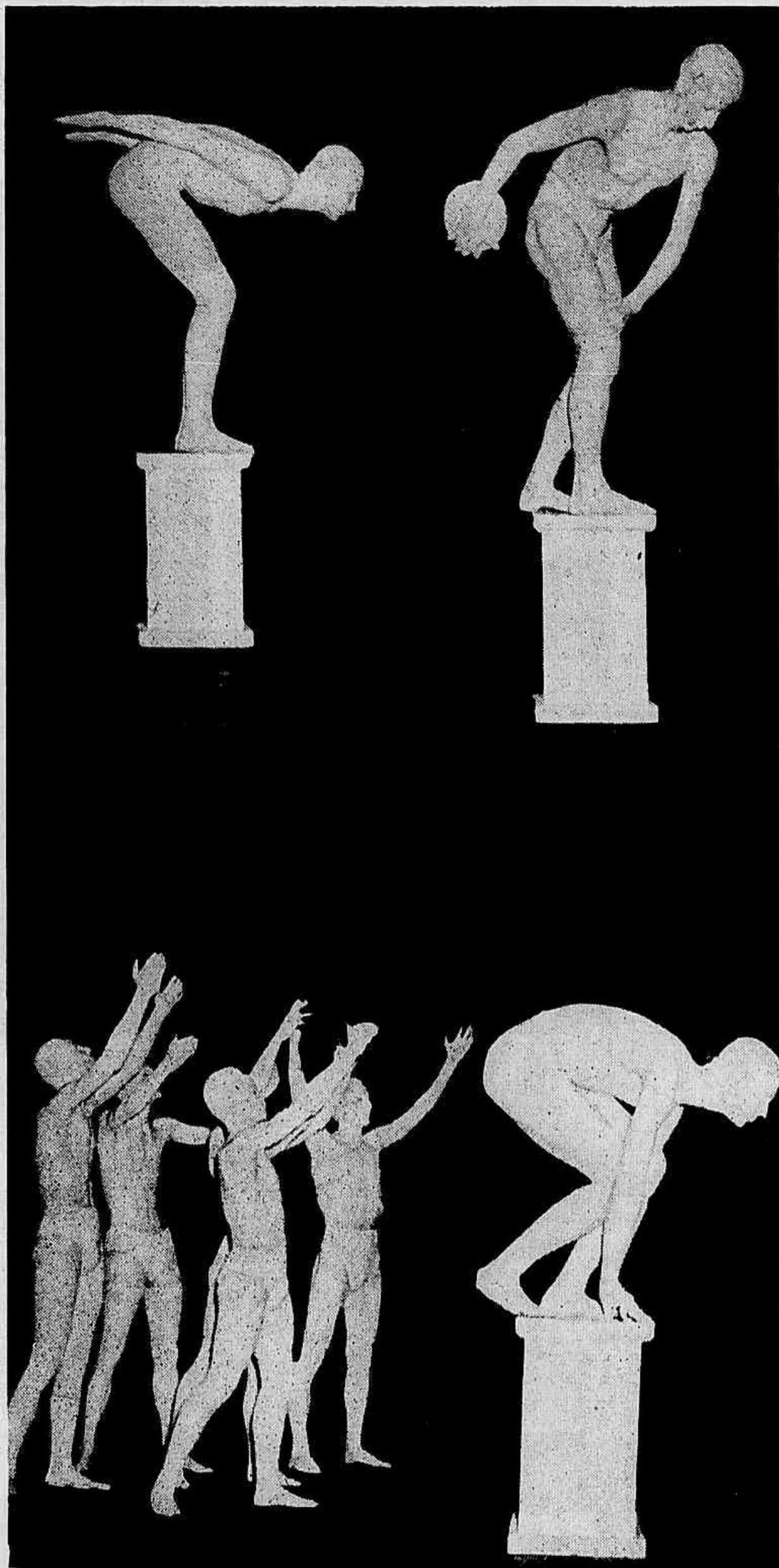
DE S. PAULO



O Dia da Camaradagem da Associação Cristã de Moços de S. Paulo, marcou um acontecimento de invulgar repercussão nos meios esportivos e sociais de S. Paulo, pois, reunindo na sua sede grande numero de seus associados, conseguiu como era seu objetivo, agracar e fraternisar a todos numa eloquente demonstração de amizade.

BIO-HEPAX
 PACIFICADOR DO FIGADO
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

...acontecimento de invulgar repercussão nos meios esportivos e sociais de S. Paulo, pois, reunindo na sua sede grande numero de seus associados, conseguiu como era seu objetivo, agracar e fraternisar a todos numa eloquente demonstração de amizade.



Varios numeros se fizeram apreciar, destacando-se entre eles aqueles apresentados pelos rapazes que compõem o Corpo de Lideres.

E' mister destacar o trabalho desses moços, que vêm emprestando o seu concurso à grande instituição paulista, trabalhando com os menores pobres que são abrigados pela A. C. M., dando-lhes, nos seus momentos vagos, educação física e moral.

Agora, esses moços, por sua propria iniciativa, organizaram o Natal do Menino Pobre da A. C. M., angariaram doativos e com eles, compraram fardamento esportivo para esses menores, que no dia de Natal, os envergaram orgulhosos.

No Ginasio foi servido um "lunch". E as estatuas vivas foram quadros que despertaram os maiores aplausos.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

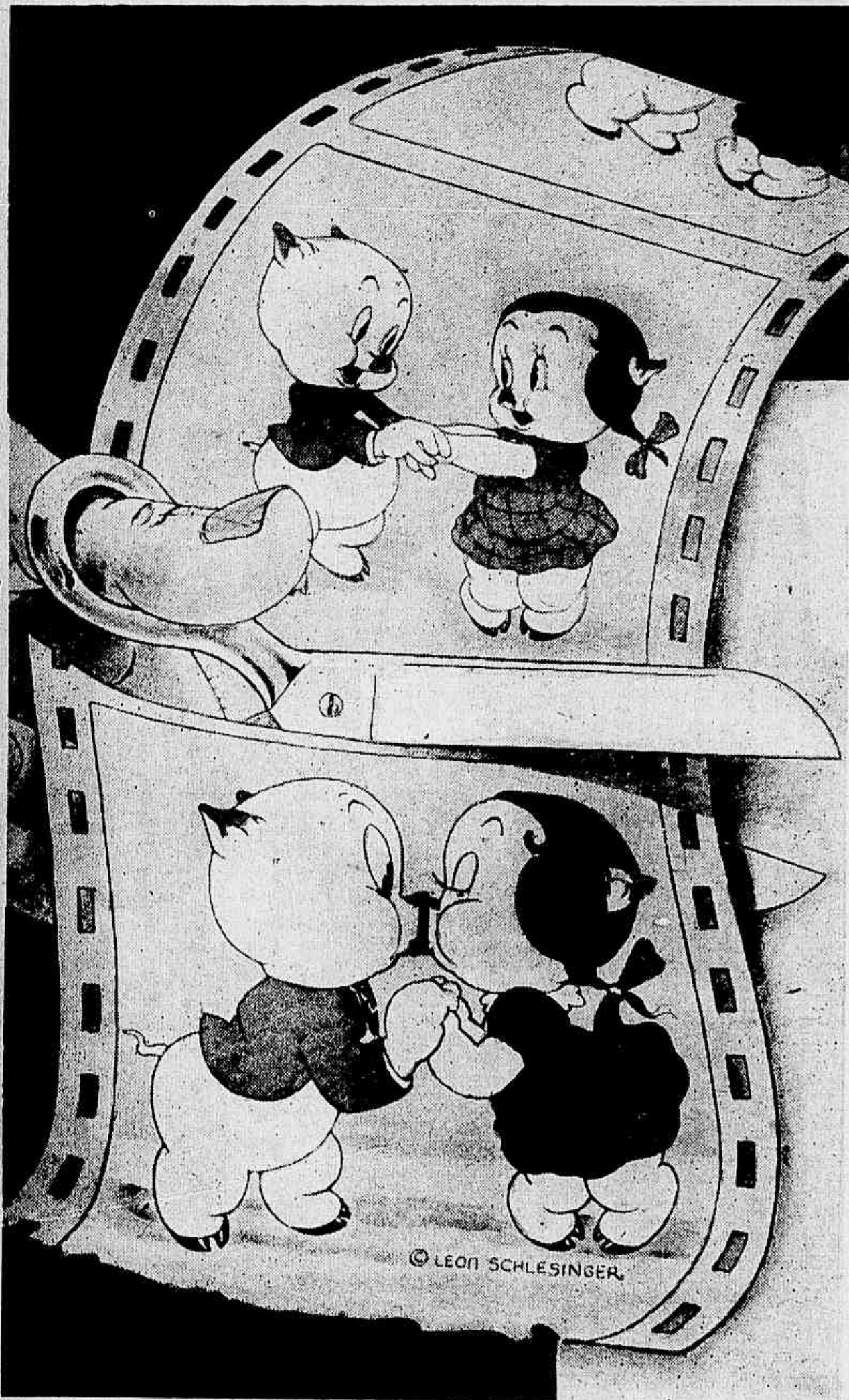
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succastora da **MAPPIN STORES**
 D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

COMO SE FAZ A CENSURA DOS DESENHOS ANIMADOS



Robert Taylor pôde beijar Greta Garbo assim num filme, mas Porky não pôde fazer o mesmo com Petunia num desenho animado. Os censores não permitem romances deste gênero nos desenhos.

Talvez o leitor nunca tenha ouvido falar na censura dos desenhos animados, salvo quando os previdentes Ditadores Europeus começaram a temer inimigos tão perigosos como o Pato Donald, Porky ou Popeye. Pois a censura dos desenhos animados começou em Hollywood. E não poucas vezes é muito mais difícil censurar um simples desenho do que um filme. Este trabalho está a cargo da organização de Will H. Hays, que os julga antes de serem apresentados. Os processos seguidos são diferentes. Os filmes podem e são censurados ainda no "script", ao passo que os desenhos sofrem a ação da censura somente depois de prontos. Assim, seus produtores devem ser extremamente cuidadosos. Leon Schlesinger, produtor das "Merrie Melodies" e de "Leoney Tunes" distribuídas pela Warner Bros., diz-nos a propósito:



Em 1930, Clarabela era uma nudista nos seus desenhos, e ninguém se opunha a que ela usasse apenas um sorriso e uma campainha.

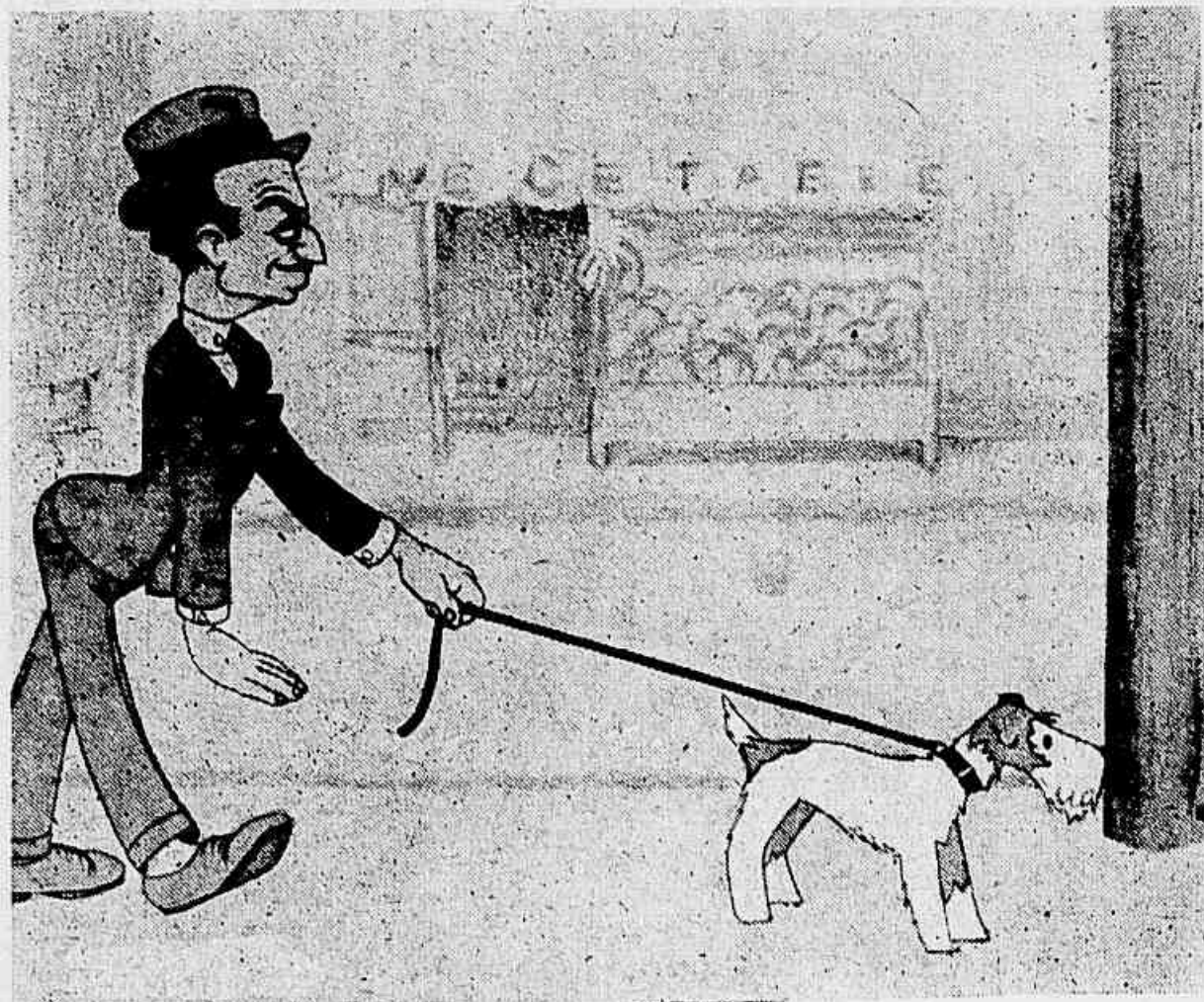
Não podemos esquecer-nos de que, se hoje em dia os desenhos constituem um divertimento enormemente procurado pelos adultos, eles se destinam especialmente ao povo miúdo. É preciso, pois, manter vivo o seu interesse, tornando os filmes apropriados às suas impressionáveis imaginações." Schlesinger fabrica 42 desenhos por ano.



Mas em 1932, a censura decretou que Clarabela deveria usar uma saia quando aparecesse ao público. Ela não parece ter gostado da inovação.



Em 1939, devia apresentar-se inteiramente vestida e andar como qualquer grã-fina. Não parece a você que ela está civilizada?



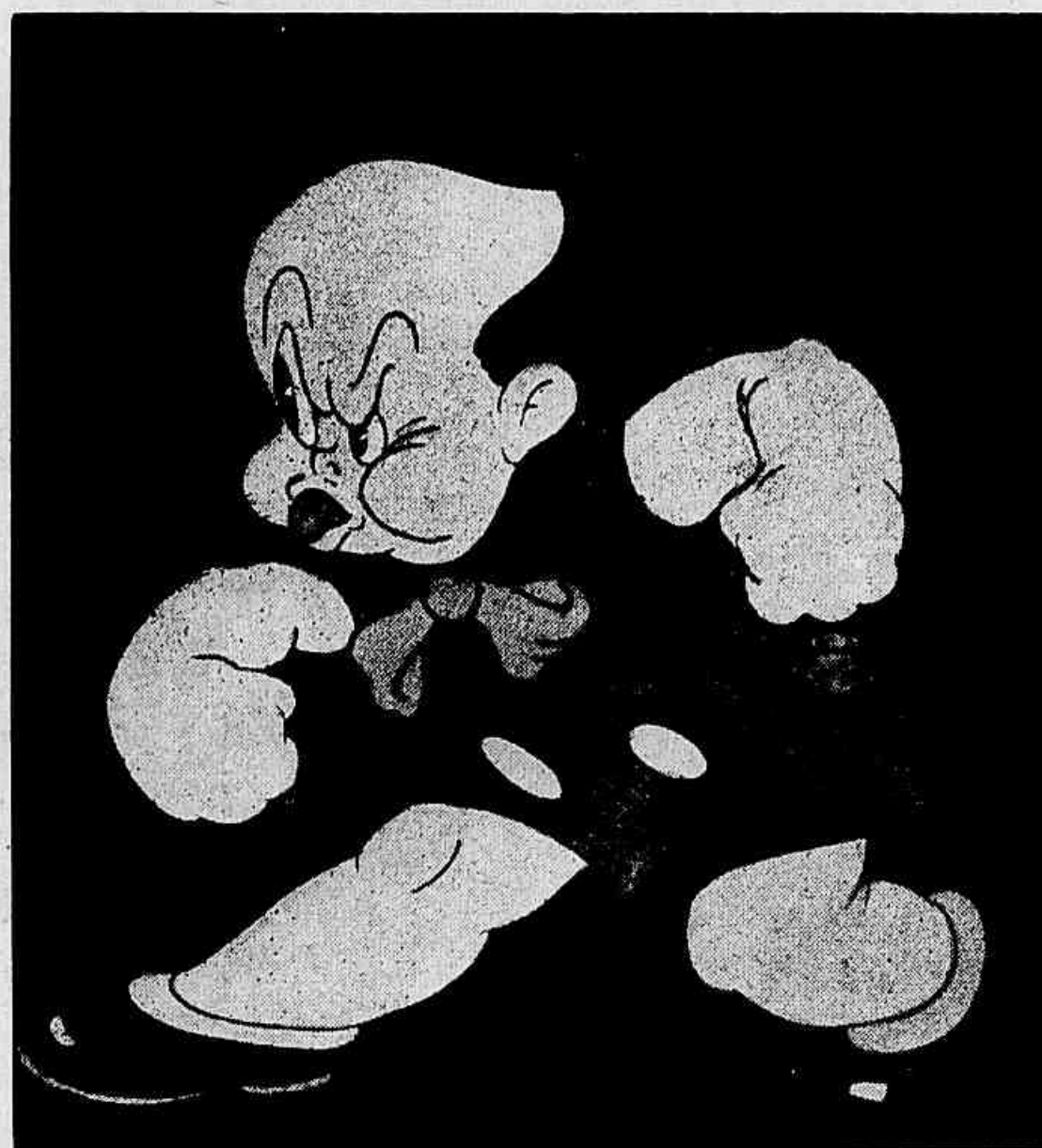
Os cachorros que saem a passeio nos desenhos devem comportar-se melhor do que os cães de verdade dos filmes para adultos. As cenas que aí vemos, por exemplo, são do desenho de Leon Schlesinger "Alegre Melodia". O desenho original era bem longo, mas depois de censurado pouco ficou. Quando o cão parou junto a um poste a camera teve de mudar rapidamente para focalizar o homem. Notem como o personagem do desenho se parece com William Powell.



Num super musical — uma bailarina pôde aparecer assim.

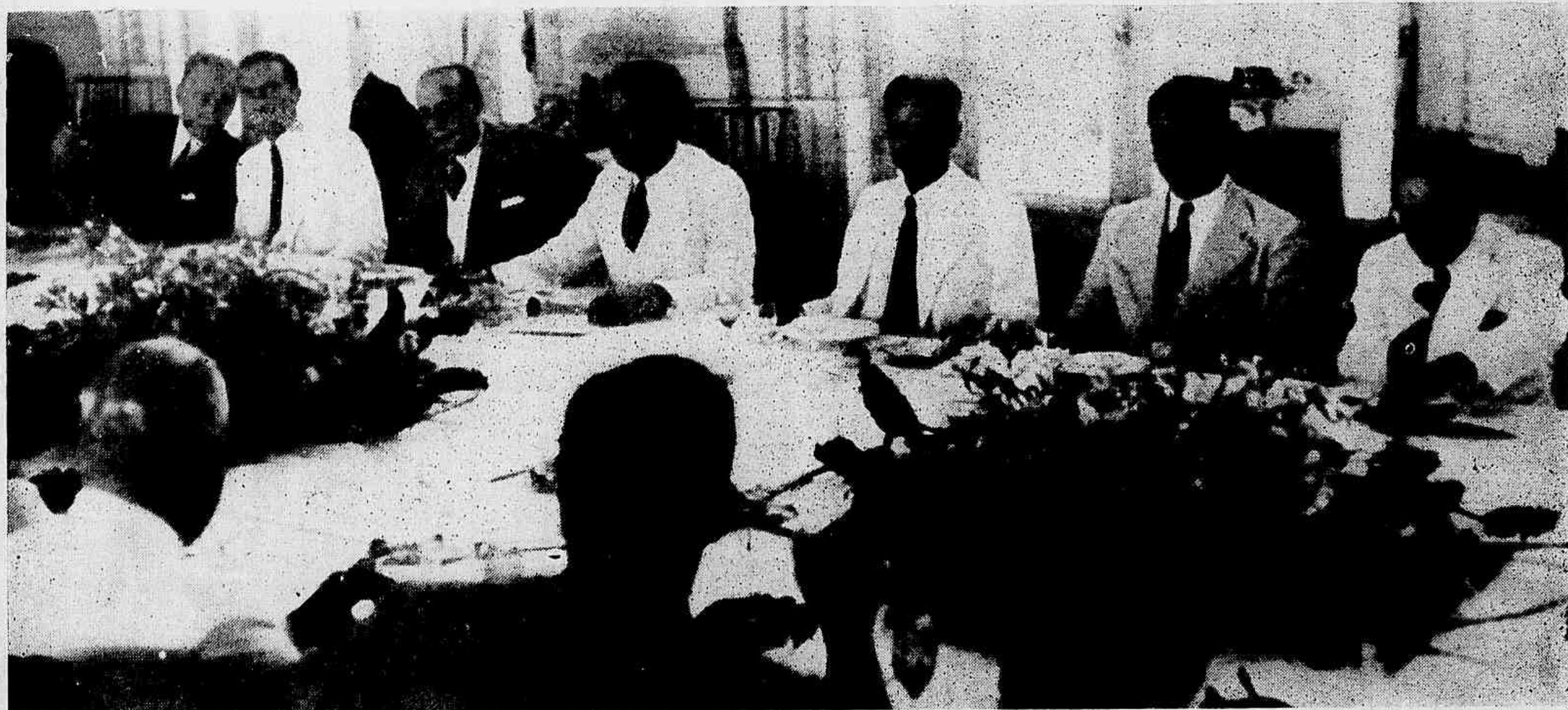


Mas num desenho animado é precisa mais compostura. Os censores aceitaram este quadro depois de rejeitarem o de cima.



Um bom menino não põe a língua de fóra como este. Cenas (ou sons) como esta são eliminadas nos desenhos animados. São também censurados os homens demasiadamente efeminados.

O JOCKEY CLUB MUNDANO



A Diretoria do Jockey Club Brasileiro homenageou domingo ultimo o seu presidente, Ministro Salgado Filho, oferecendo-lhe um almoço no Hipódromo da Gavea, que transcorreu num ambiente de distinta cordialidade.

Estampamos nesta pagina alguns aspectos desta brilhante festa de homenagem: Ao alto, um flagrante do almoço vendo-se membros da diretoria do Jockey ladoando o homenageado; ao centro, á esquerda o Ministro Aristides Guilhem, em companhia de Mme. Salgado Filho e á direita o Sr. George Taylor em palestra com a Sra. Nero Moura; em baixo, o Ministro da Aeronautica recebendo os cumprimentos dos convidados ao banquete e um expressivo retrato da cantora tipica Chello Flores, que compareceu á festa.



— Flores que enfeitam a beleza petulante de Rosalind Russell em "Amor a Percentagem" da Columbia.

No Teatro da Moda

por Wally

Há uma velha quadra popular, que diz:

"Até nas flores se encontra
a diferença da sorte:
umas enfeitam a vida,
outras enfeitam a morte."

Uma profunda e triste filosofia existe nestes versos impregnados de sabedoria. Se a estrofe perdeu muito de sua significação foi porque se vulgarizou.

No entanto se a nossa reflexão nele se detiver um momento sentiremos a verdade latejante e viva, na singeleza da trova.

Umas enfeitam a vida: Enfeitam a alegria cheia de interrogações de uma festa nupcial, a multi-colorida e alígera alegria da juventude inquieta e adejante. Os festins pagãos; os salões onde a vaidade humana se exhibe numa feira de frivolidades. Enfeitam a beleza petulante de Rosalind Russell para o seu filme "Amor a percentagem" sorrindo entre véus e perfumes, num destino de flor feliz, talvez de flor romantica, como essas que murcham por entre as folhas de um missal.

Outras enfeitam a morte. E lá seguem o prestígio funebre, brancas, roxas, amarelas, requeimadas pelos cirios palidos; vão apodrecer na terra, cumprindo o seu triste fadario.

Outras têm o litúrgico destino de enfeitar os altares, ardendo e murchando entre velas votivas, como almas enclausuradas que se entregaram a Deus.

Também assim é o destino humano, vário, cego, contraditório, bom ou mau. E'

tão comum ouvir dizer: A mulher tem um destino de flor. Mas, *até nas flores se encontra a diferença da sorte...*

"Umas enfeitam a vida": São as falenas irisadas, as musas inspiradoras, as sombras encantadas; são símbolos na lira dos poetas.

Outras são as valentes incitadoras da luta, da fama, do heroísmo, da glória. São troféus, ou são o prêmio de um mérito feliz.

Ha ainda o destino apagado das flores domesticas. A mulher que não vestiu um uniforme, que não arranhou uma profissão, que não fugiu ao mais comum de todos os destinos. Ela é a operaria do seu mundo; trabalha e, superintendendo aquele reservatório de vidas, sofre e ri, pesquisando no seu laboratório de almas... sente com todos e com cada um a alegria, a dor, a inquietude, a rebeldia e a tristeza, mas prossegue sem desânimo, porque tudo depende dela, do seu engenho e do seu poder de renúncia e sacrifício. A higiene, o arranjo, o conforto, a alimentação, a assistência aos que enfermam; a vigilância sábia e útil ao que se transvia, ao que sofre, ao que fraqueja. As vigílias são longas e às vezes dolorosas. A sua cooperação é necessaria ao marido cuja vida exterior vem se refletir no lar. Ela tem, também, lá fóra as suas obras de beneficência.

E' um destino heroico.

E' um destino de formiga laboriosa, útil, indispensável.

Para ela não ha "ordem do dia" louvando-lhe a ação benéfica; não ha a *medalha de mérito* das valentes; não ha o encomio facil — fogo de artifício da vaidade humana. Há no entanto o dever sagrado, a divina incumbência de criar o homem à sua semelhança para oferecê-lo em benefício da Pátria.

Destino heroico da mulher, flor do lar.



O Lar

O lar não é, propriamente, a casa onde moramos, é antes o ambiente por nós arranjado; é por isso que dizemos: "A casa reflete o espírito de sua dona". O bom gosto é precipuamente sobrio, linhas discretas e simplicidade. Ser original não é ser extravagante; estes dois vocabulos andam por aí muito confundidos. Temos aqui um exemplo de originalidade, neste quarto de linhas discretas e bastante simplicidade.

O quarto de três moças, cada cama tem a coleira de uma côr, todas três debruadas por um cordão castanho e amarelo. As cores são azul marinho, branco e vermelho; as cortinas, de correr, também são das três cores em bandas verticais; o tapete cobre o chão todo e é vermelho; as poltronas também vermelhas e debruadas com o mesmo cordão, as paredes são brancas e quadriculadas de castanho e amarelo. Os móveis são castanhos, os dois quebra luz nas mesinhas entre as camas são vermelhos e com o pé branco onde se destaca um desenho castanho. Algumas flores, dois ou três quadros alegres completam a elegância sóbria deste ambiente juvenil e confortável.

Estamos tentando satisfazer as nossas leitoras, apresentando-lhes móveis para apartamentos, móveis praticos que resolvem de algum modo a questão do espaço.

Nada há mais desagradavel do que uma sala onde os móveis se amontoam, não deixando, além de tudo, lugar para os movimentos livres dos seus habitantes. O espírito pratico e moderno, dos que vivem nas grandes cidades em apartamentos, já vai resolvendo com mais inteligencia esse problema.

Estão sendo abolidas as salas de visita, ou de jantar, bem como os quartos com os clássicos móveis fabricados em séries... Hoje procura-se simplificar tudo, e os móveis modernos para apartamento têm quasi sempre duas e mais aplicações.

Damos aqui o projeto de Paul Bry, de New York: uma mesa pratica para apartamento pequeno; é um móvel "transformavel", que fechado fica encestado à parede servindo como aparador moderno, ultimo tipo, tendo em cima um candelabro, ou uma lâmpada estilo "abat-jour", com três bugias pequenas. Como estamos vendo, este tipo de aparador bastante usado hoje, para o aparelho de prata, ou o jogo para drinks, é o mesmo que chamamos "consolo".

Este móvel em forma de V, conforme mostra a gravura, facilita o trabalho de transformar-lo em "consolo"; mas fica também todo fechado, dando comodamente lugar para 6 pessoas.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

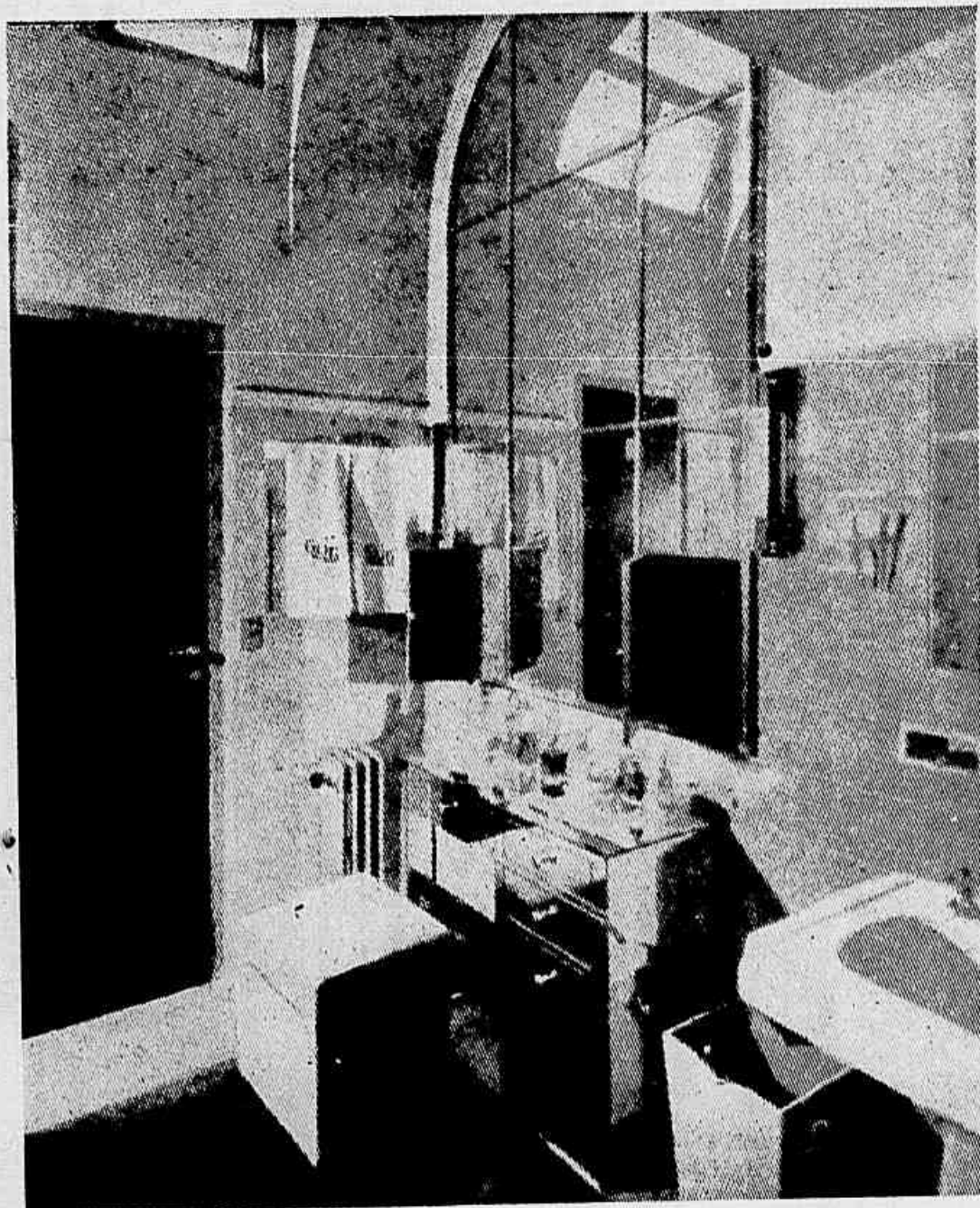
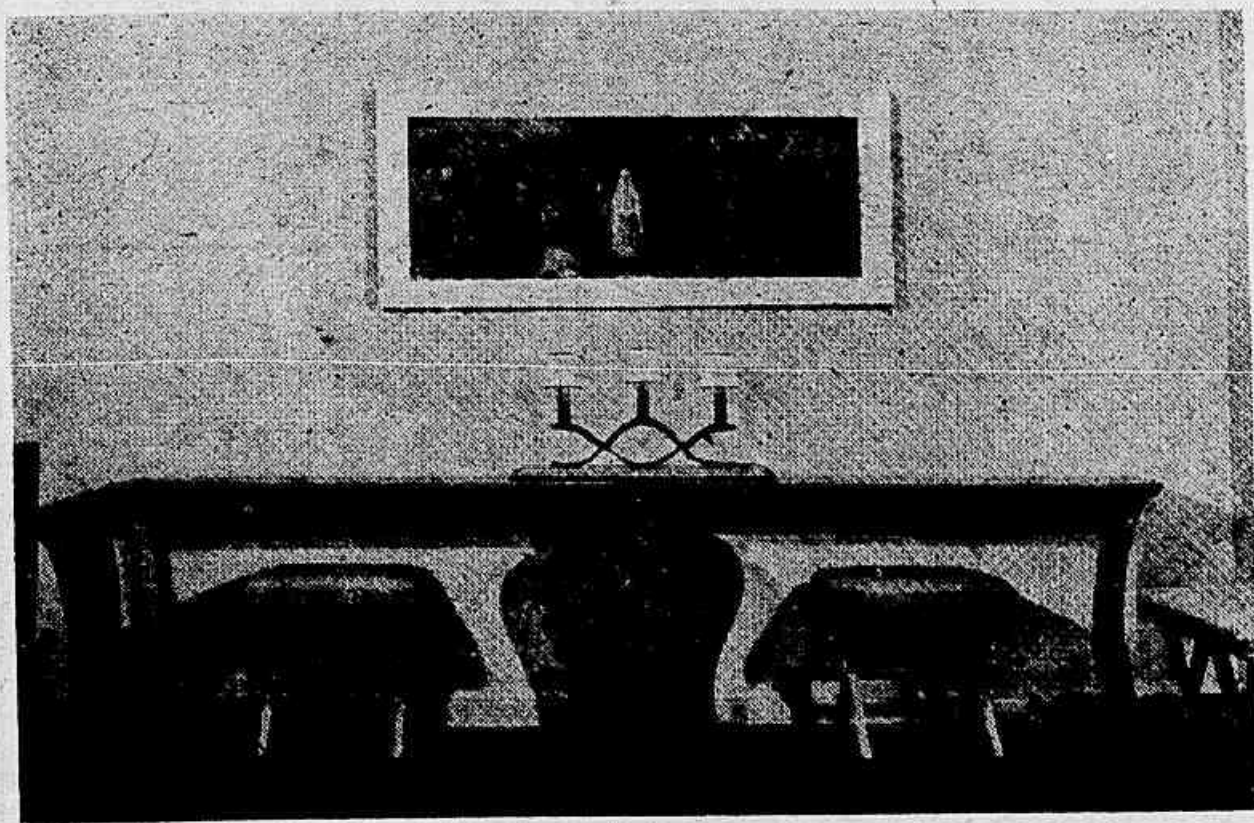
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

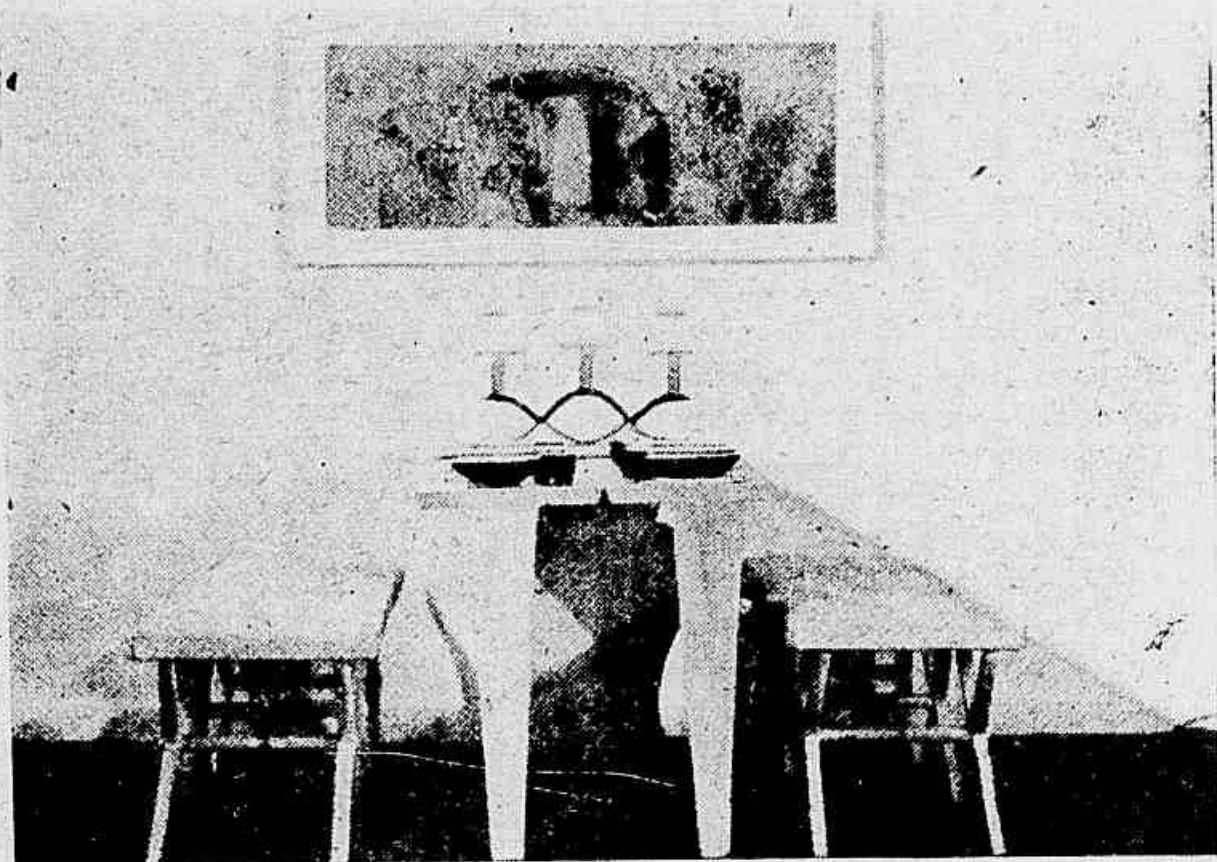
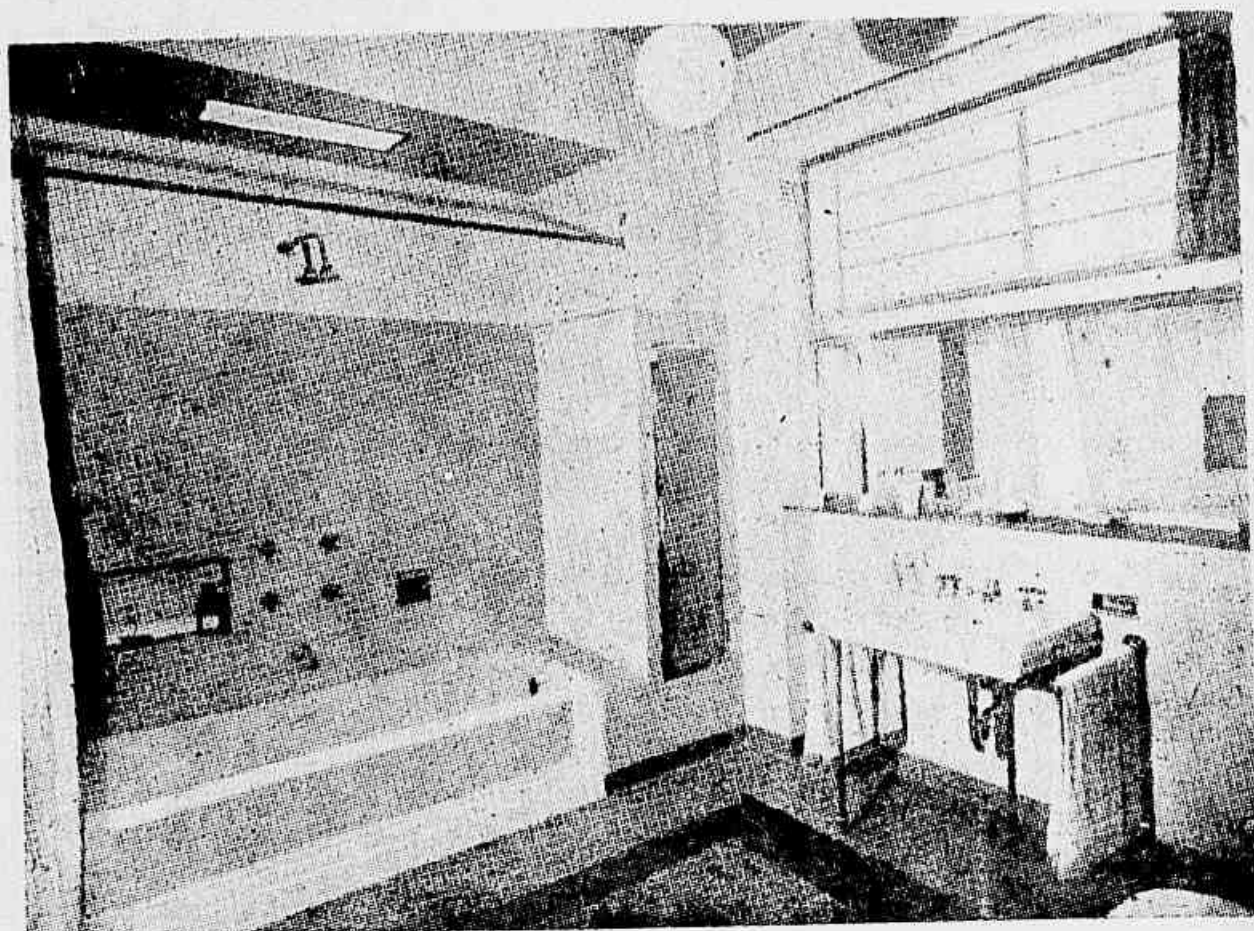
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



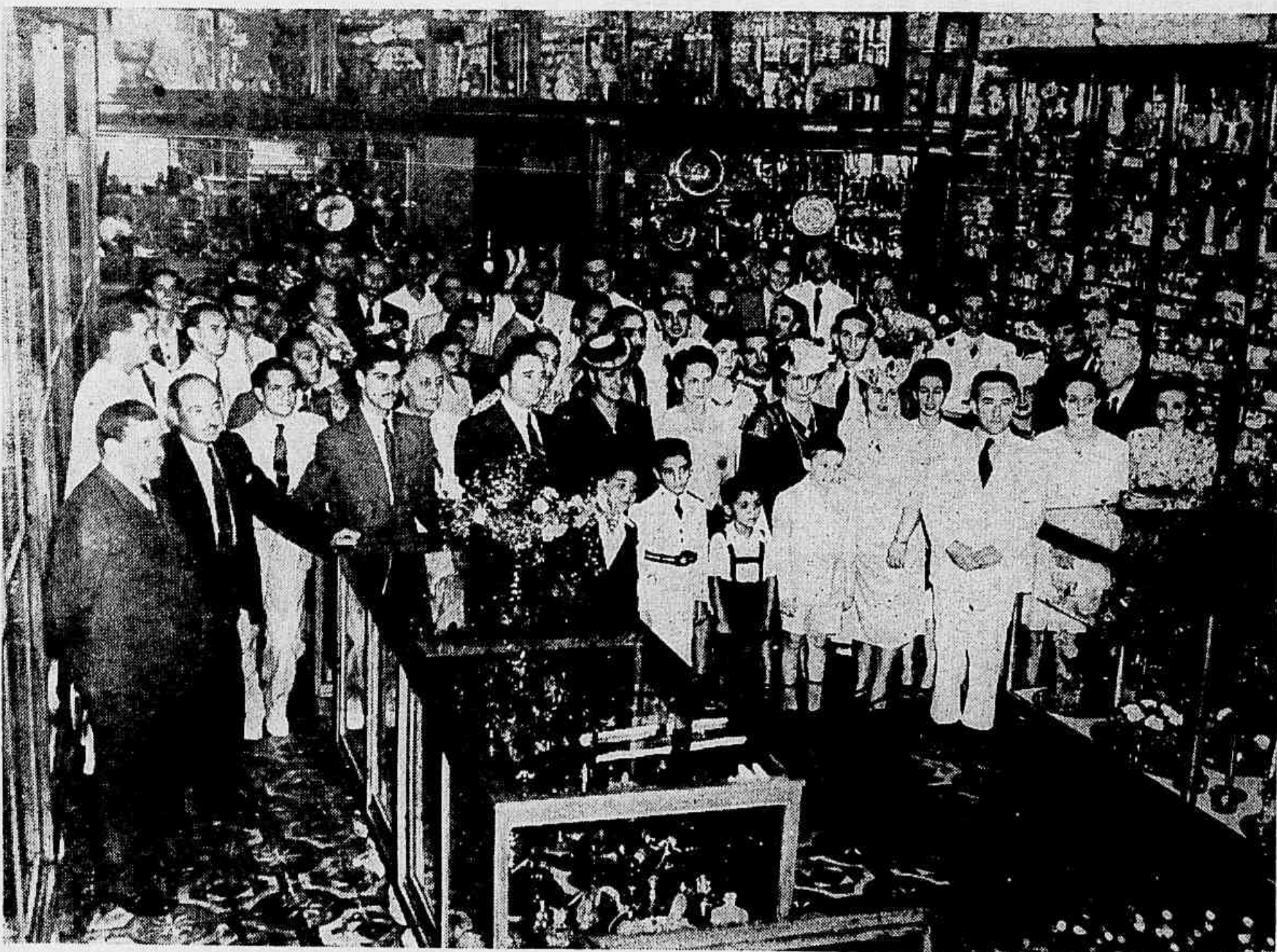
Quarto de Banho

Apresentamos aqui uma parte de interessante quarto de banho, bastante original e pratico para as senhoras que gostam de fazer a sua "toilette" no banheiro. E' todo em maiólica (azulejo) amarelo canario e branco. Ha ali, e isto é o detalhe original, uma mesa de "toilette" com tampa de espelho encimada por grande espelho curvo; em cima este espelho, por sua vez, é dividido como um vitral; mas as divisões são portas disfarçando as prateleiras embutidas, para os cosmeticos, pastas, etc... E' claro, porque tem claraboias de vidro fosco, dando portanto bastante comodidade; à noite, além da lâmpada do centro, existem em cada lado do espelho lampadas embutidas.



UM PRESENTE À CIDADE

JA' FORAM INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DO LEÃO D'AMERICA



Estabelecimento ainda novo inaugurado ha poucos anos, o Leão d'America, á rua Uruguaiana, 89, figura entretanto em primeiro plano entre as casas que se dedicam ao comercio de louças e artigos finos para presentes, por isto que os seus proprietarios, embora jovens, são profundos conhecedores do ramo a que se dedicam, não tendo poupado esforços para que sua firma faça já ao renome de que goza.

Assim fizeram inaugurar, dia 15 de dezembro ultimo, as novas instalações do Leão d'America, amplas e luxuosas, que veem trazer mais uma vitoria para o seu já grande cartél.

O aspecto ornamental do interior, a disposição dos mostruários, a originalidade das artisticas vitrines dão ao Leão d'America a feição elegante e distinta visada pelos seus proprietarios.

Justos foram pois os aplausos com que a elite carioca recebeu a noticia da inauguração das novas instalações da luxuosa casa de louças.

A festa inaugural compareceram, gentilmente convidados, representantes da imprensa e elementos da nossa alta sociedade componentes da distinta clientela do elegante estabelecimento, aos quais as amabilidades dispensadas pelos proprietarios da casa cativaram por completo.

Foi oferecida aos presentes uma taça de "champagne", sendo então erguidos brindes e formulados votos de prosperidade comercial e pessoal aos proprietarios do Leão d'America.

Durante a inauguração, a reportagem fotografica da REVISTA DA SEMANA fixou o grupo que aqui reproduzimos:

O caso da corôa

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 18)

porque eu não passava nos exames. Chamava-me de preguiçoso. Degenerado. Sim, uma vez usou esta palavra pesada. Eu teria ido embora há muito tempo, se não fosse por Madge. Ele era também ruim do mesmo modo para ela. Tornava-lhe a vida um inferno. Ela casara com ele por causa do dinheiro. Era isso que ele sempre pensava dela. Dinheiro, dinheiro, dinheiro! Mas eu não o envenenei e não sei quem o fez. Se o senhor não me acredita...

— Você é seu herdeiro?

— Creio que sim. Não sei.

— A que horas o viu à última vez?

Passou uma sombra pela face trêmula.

— Quando ele subiu para dormir, justamente antes de onze horas.

— Você não foi ao quarto dele depois?

— Não, não fui. Não fui, garanto-lhe! Não sei nada sobre isto.

— Muito bem. Vá se vestir. Não fale nisto a ninguém.

— O senhor acredita em mim, não acredita?

— Mais tarde eu lhe falarei de novo — disse Peake.

Novamente ficou olhando para a porta fechada.

— Este rapaz está mentindo, doutor — murmurou ele um momento depois.

— Também pensei isso.

— Não há nenhuma dúvida. Robert Lorrimer parece ter sido um gajo muito desagradável. Vamos dar uma palavra ao sócio dele, Herbert Cann, logo que... Ah! aqui está você, Staveley. Traga Mr. Cann até aqui, por favor. Não lhe diga nada.

— Devo vir com ele, sir?

— Sim. Mas espere do lado de fora até que eu lhe chame.

Não demorou muito para que Herbert Cann, estremunhado e desganhado, evidentemente arrancado àquela hora da cama, entrasse no quarto. Era um homem de cerca de quarenta anos, magro e de traços angulosos. Peake, observando-o atentamente, convenceu-se de que o gesto de surpresa à vista do cadáver sobre a lareira foi sincero.

— Agora, Mr. Cann — disse ele, depois de explicar a situação — o senhor compreenderá que a suspeita paira sobre todos da casa, até que este caso seja elucidado. Eu sei que o senhor estava em baixo, com os outros, quando Lorrimer subiu para dormir. O senhor não o viu outra vez?

— Não, Inspetor.

— O senhor passa muitas vezes o fim de semana aqui?

— Eu... Esta é a primeira vez.

— Não é bom sinal, não é mesmo?

— Não. — A garganta de Cann teve um espasmo, quando ele engoliu em seco.

— Será melhor que eu lhe diga a verdade. De qualquer modo o senhor descobriria.

Para falar a verdade, Inspetor, a morte de Lorrimer, neste momento, é a melhor coisa que me podia acontecer.

— Continue.

— Eu tenho andado em dificuldades financeiras. Ele estava aproveitando isso, para me botar para fora do negócio. Ele sabia muito bem que eu poderia tomar pé, desde que contasse com um pouco de tempo. Mas estava me forçando. Fez com que eu viesse aqui este fim de semana para falar sobre os detalhes duma dissolução de sociedade. Ele estava me pondo para fora, a custo de uma cifra que sabia que eu seria compelido a aceitar. Graças a Deus, não assinei nada ontem! Agora estou firme.

— Pode ser que sim — concordou Peake secamente. — Bem, vista-se. Mas não saia da casa, faça o favor. — Abriu a porta.

— Agora Mr. Roscoe, Staveley.

Houve o mesmo recuo de surpresa, sincero ou fingido, quando Philip Roscoe entrou no quarto. Esse era um rapaz atlético, de ombros largos, com as feições honestas e sadias. Peake sorriu sardonicamente quando repetiu as informações que havia dado a Cann.

— O senhor passa muitas vezes o fim de semana aqui? — perguntou.

— Muito frequentemente.

— O senhor está... perdoe-me... namorando Mrs. Lorrimer?

— O senhor não tem nada com isso.

— Lorrimer sabia?

— Ora! Dane-se... Mas, que é que adianta? — A boca de Roscoe endureceu. — Sim, sabia. E tornou a vida dela um inferno, porque sabia.

— O senhor então não vai sentir muito a morte dele, não é mesmo?

— O senhor tem o espírito mesquinho. Mas tem razão. Estou radiante com isto.

— O senhor não o viu desde que ele subiu para dormir e não esteve perto do quarto dele?

— Não.

— Obrigado, Mr. Roscoe. Por enquanto é só.

Quando Roscoe saiu, Peake chamou o mordomo.

— Agora olhe aqui, Staveley — disse ele. — Tive a oportunidade de observar as reações de todos na casa, exceto de você. Você tinha razão quando disse que nenhum deles gostava de Lorrimer. E que é que há com você? Que ressentimento você tinha dele?

A côr fugiu da cara de Staveley, deixando-a cinzenta e crispada. — Eu não tinha nenhum ressentimento de Mr. Lorrimer, sir — replicou ele.

— Você era a única pessoa na casa que poderia suportá-lo, hein?

— Ele era meu patrão, sir.

— Sim. Há uma diferença, naturalmente. Como ele o tratava?

— Eu estive com ele quinze anos, sir.

— E' um bom sinal. — Peake levantou um cinzeiro que estava na prateleira do fogão. — Ele fumava cigarros?

— Não, senhor. Charutos ou cachimbo.

— Há uma ponta de cigarro turco, aqui. Mr. Richard fuma cigarros desta espécie?

— Creio que sim, sir.

(CONTINUA NA PAG. 40)

O decimo-terceiro é o culpado

A's nove horas precisas, a porta da câmara do conselho de administração abriu-se bruscamente para dar passagem a um homem de estatura média, rosto bronzeado, cuja idade andava entre cinquenta e sessenta anos.

Parou no meio da sala e o seu olhar sombrio e grave fixou-se pesadamente em cada um dos doze membros que, sentados em volta de uma imensa mesa de carvalho esculpido, pareciam esperar com visível impaciência a chegada do presidente.

Voltaram a cabeça para o lado do homem; depois empalideceram uns, enquanto outros, tomados de subita emoção, tornaram-se extremamente nervosos.

O homem, Wallace Berg, presidente do conselho de administração da American Aviation Company, caminhou lentamente para a mesa.

— Então, Berg... vamos ouvi-lo!

— Sim — disse ele com uma voz fria, autoritária. Estaes, sem dúvida a par da horrível traição de que fomos vítimas. Senhores, o momento é grave... muito grave mesmo! Mas como as palavras nada valem e só as ações teem valor, vamos agir! Canson, tem as cartas?

— Sim... Ei-las, Berg.

Steve Canson, um homenzinho baixo e gordo, completamente calvo, e cujos olhinhos pardos pareciam enterrar-se nas órbitas quando os movia, apresentou ao presidente duas cartas do mesmo formato.

— Berg — disse Steve Canson num tom meigo — sendo seu confidente pessoal, assim como seu mais dedicado amigo, tomo a liberdade de aconselhar-lhe uma extrema prudência no que vai dizer, porque o menor erro, por ínfimo que seja, poderá ser-nos fatal!

— Compreendo — disse Wallace Berg inclinando a cabeça — e agradeço-lhe o conselho, Canson.

— Então, Berg... vamos ouvi-lo!

— O nosso conselho de administração compõe-se de treze membros, inclusive a minha pessoa — começou o presidente após um momento de silêncio. Senhores, cumprio o doloroso dever de participar que, entre esses treze membros... ha um traidor! Sim, um traidor, um pérfido miserável que, depois de ter vivido entre nós dez anos de felicidade, de despreocupação e de liberdade, mergulhou voluntariamente no abismo da traição, pondo-se ao serviço desse monstro sanguinário... de Hitler!

Dessa vez, ouviram-se entre os assistentes vários gritos de indignação e de revolta.

Como?!... Um traidor entre eles, quando cada um parecia cumprir o seu dever conscienciosamente, sem o menor desfalecimento nas horas mais graves e mais críticas?! Era impossível!

— Berg! Está mentindo impudentemente!... — bradou de repente um dos membros, levantando-se violentamente. As suas insinuações não passam de ignominiosas indecências!... Lamento, Berg, falar-lhe assim, mas é-me absolutamente impossível admitir que um de nós seja capaz de tal infâmia!

Henry Malone, um homenzarrão de nariz comprido e pontudo, cabelos grisalhos, proferira estas palavras com tamanha violência que uma justificada surpresa se espalhou nos olhares dos outros membros.

— Entretanto, meu caro Malone, juro que digo a verdade! Tenho provas concludentes, irrefutáveis, da culpabilidade de um dos membros do conselho. Os planos do novo bombardeiro K-53 desapareceram misteriosamente! Esses planos eram de uma importância capital, porque se trata de um dos mais temíveis bombardeiros jamais vistos no mundo. Esses planos estavam na casa-forte da abóbada numero 2... Mas por meios maquiavélicos, abriram essa casa-forte, já que se apoderaram dos documentos. Soube esta manhã que os planos tinham partido com destino à Alemanha!

Esta horrível revelação caiu como um raio na vasta sala do conselho.

Era esse, pois, o misterio horroroso que envolvia essa estranha reunião: os planos do famoso bombardeiro K-53 haviam desaparecido, e estariam em breve nas mãos do inimigo!

Conto de Jean-Paul Deguise

Nem um só deles poudes pronunciar uma palavra. Os infelizes pareciam agora petrificados pela trágica catástrofe que desabava sobre a companhia.

Apenas Henry Malone continuava calmo, frio, indiferente, sem nenhum traço visível de emoção.

— De fato — disse Malone — o desaparecimento dos planos do bombardeiro K-53 é horrivelmente deplorável, do ponto de vista militar naturalmente, mas isso não prova que um de nós se tenha apropriado infamemente desses planos afim de transmiti-los ao poder inimigo! Diga-me, meu caro Berg... Quem poderia ser, na sua opinião, esse "traidor"?

Wallace Berg não respondeu imediatamente, mas um sorriso irônico passou-lhe pelos lábios.

— Na abóbada numero 2, perto da casa forte, encontrei uma carta...

— Ah!

— Creio que agora levará a cousa a sério, hein... meu caro Malone? — disse Steve Canson, rolando comicamente os olhinhos nas órbitas.

— Miserável!... — bradou Malone irritado. Se eu não me...

— Senhores, eu lhes peço!... — disse Wallace Berg dando um sóco na mesa. Quanto a Canson, ordeno-lhe que não me interrompa mais. Entretanto, senhores — prosseguiu Berg — além de haver encontrado a carta... encontrei também um *casse-tête* chinês!

Dessa vez, uma risada ecoou na sala, e os membros começaram a imaginar que o velho Wallace Berg enlouquecera subitamente.

— E que concluiu desse *casse-tête*? — indagou Malone, sarcástico. Terá encontrado o culpado?

— Exatamente, meu caro Malone!... Mas quem lhe disse? É obra sua esse *casse-tête*?

— Berg!

— Está bem: eu me calo! Entretanto, esse *casse-tête*, quando subi ao meu escritório para examiná-lo, constatei que era apenas uma fotografia, rasgada em varios pedaços. Mas á custa de paciência, conseguí reunir esses pedaços, e sabe o que me apareceu?... O traidor!... o que roubou os planos para transmiti-los ao governo de Hitler! No que concerne á carta, estava escrita em alemão, e estava assinada por Fritz Kaulmanz! Quer vêr, Malone? Olhe!

— Não... não é preciso! — respondeu Malone numa voz estranha.

— Cheguei à conclusão — disse Berg — que o autor da carta e o homem da fotografia são a mesma pessoa!

— Mas então — gritou Malone no auge da cólera — desde que, aparentemente, foi esse Fritz Kaulmanz quem deu o golpe, por que cá sobre um de nós, a sua infame acusação?

— Justamente, meu caro Malone, esse Fritz Kaulmanz não é outro senão...

— Atenção no que vai dizer, Berg! — vociferou Malone, lívido. — Estou inteiramente inocente em tudo o que se passa, e se cair no erro de pôr o meu nome em jogo, juro lhe que se arrependerá amargamente, Berg!

Essa luta áspera entre Henry Malone e o presidente Wallace Berg tornava-se extremamente interessante, e os espectadores acompanhavam a evolução da discussão atentamente, porque se pressentia então que um dos dois homens era, seguramente, o culpado!

Wallace Berg parecia levar a acusação ao exagero, e era evidente que acusava claramente Henry Malone!

Essa maneira de agir induzia a crêr que o velho presidente procurava livrar-se de toda suspeita, acusando um dos membros, e fazê-lo confessar uma traição que talvez não tivesse cometido.

Mas por que Henry Malone proclamava tão vivamente a sua inocência?

Por que empalidecera ao vêr as duas cartas que Berg tinha? Por que, finalmente se mostrava agora sacudido por esse tremor nervoso e acusador que se apodera geralmente dos culpados que se sentem descobertos?

— Não trema assim, Malone. De resto, antes de pronunciar o nome do traidor... vou provar que estou falando a verdade. O que nós traiu é um americano de nascimento, mas é alemão pelo coração e pelo sangue! Após haver encontrado a carta, assim como a fotografia, mandei fazer uma minuciosa investigação por um dos melhores policiais do Federal Bureau of Investigation. A investigação revelou-me que esse Fritz Kaulmanz nascera na América, mas que seu pai era alemão e sua mãe prussiana. Entretanto, como era dotado de certa inteligência, preferiu abandonar o nome verdadeiro para adotar um nome puramente americano, sob o qual viveu durante dez anos. As provas são concludentes, Malone. O traidor, eu o conheço! Dentro de alguns instantes estará preso!... Um agente do F. B. I. aguarda, neste momento, na antesala. Que me diz, Malone?

Henry Malone não respondeu imediatamente, mas um suor frio começou a correr-lhe abundantemente pela testa e as faces pálidas. As mãos tremeram-lhe sob um choque violento.

— Cale-se, Berg!... cale-se!

— Tenho aqui duas cartas — continuou Berg, implacável. Uma delas contém a assinatura de Fritz Kaulmanz e a outra, a fotografia do culpado! Malone, prepare-se para assistir a uma cena que nunca mais esquecerá!

Wallace Berg apertou com força uma campainha perto da mesa; logo depois a porta abriu-se a um impulso forte, para dar passagem a um homem de alta estatura e de aspecto hercúleo. Numa das mãos levava algemas e na outra... um revólver! Era Dick Volges, o possante e temível detective do Federal Bureau of Investigation.

— Senhor Volges — disse Wallace Berg com a voz ligeiramente trêmula, peço-lhe cumpra o seu dever. O culpado... ei-lo!

— Está muito bem Berg!... Sou eu o culpado! Fui eu quem roubou os planos. E' como disse: eu sou alemão de coração e de sangue! Foi uma desgraça que tivesse encontrado essa carta que, sem dúvida, caiu do meu bolso, e essa fotografia que deixei no local, após havê-la dilacerado, porque sem isso... sem essa inaudita imprudência, nunca teria sabido a verdade. Mas assim mesmo eu o logrei, hein... meu velho Berg! Dentro de alguns dias, os planos do famoso bombardeiro K-53 estarão nas mãos do governo alemão! Que me importa agora morrer, se já cumprí o meu dever? *Heil Hitler!*...

Subito soou um tiro lugubremente na sala; depois um corpo caiu, o rosto contra o chão, sem vida... a fonte esquerda horrivelmente furada por uma bala.

Depois... silêncio completo.

— Quando me perguntou quem era o culpado, senhor Volges — disse Wallace Berg — respondi-lhe: "o décimo terceiro é o culpado!" Ei-lo aqui... morto agora! Fez justiça pelas próprias mãos! Felizmente, os planos que mandou para a Alemanha são praticamente falsos! Os verdadeiros, estão aqui, no meu bolso!... Pois bem, meu caro Malone, teve um medo horrível, não foi? Eu sabia que era inocente, mas precisava usar desse estratagema afim de não despertar a atenção do verdadeiro culpado!

Henry Malone não respondeu, porque o seu olhar, cheio de horror e espanto, não se podia desviar do corpo que jazia ali... a seus pés... num mar de sangue!...

O traidor que acabava de fazer justiça a si mesmo, não era outro senão o confidente pessoal do presidente... Steve Canson!

— Mas como foi que...

— Ele compreendeu que estava perdido — interrompeu Wallace Berg, voltando-se para o detective — quando eu pronunciei o nome de Fritz Kaulmanz... e falei da fotografia!

— Muito engenhoso o seu estratagema, senhor Berg, e minhas mais sinceras felicitações. Mas o caso é que vou chegar agora ao escritório do F. B. I... com um cadaver! Diabos me levem!

ESCOLHA UM DESTES

1 — Costume com recortes debruados. 2 — Estilo saia-blusa, para usar com diversas blusas. 3 — Vestido "chemisier". Cinto preso com cordões. 4 — Vestido bordado no recorte dos ombros e ao redor dos bolsos. 5 — Vestido corte inteiro, as mangas são bordadas.



Estilo moderno os bolsos deste vestido são vivados; grupo de pregas dos lados da saia.



1



3



4



Narciso Azul

de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO
PEQUENO Nº 1504
GRANDE Nº 1517

LOÇÃO
Nº 1575
Nº 1576

COLONIA
1 LIT. Nº 1531 1/2 LIT. Nº 1532
3/4 LIT. Nº 1533 1/4 LIT. Nº 1534

Nº 1533-8
Nº 1534-8

BRILHANTINA
Nº 1512

Nº 1513

A VENDA EM TODO O BRASIL

O caso da corôa

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 36)

— Muito bem. Você faria bem tratando do **breakfast**, não era mesmo? Se pensar que ninguém fará objeção, eu tomarei parte na mesa.

A ambulância chegou e o dr. Fraser partiu com a sua carga sinistra. Pouco depois Masson veio relatar suas pesquisas que tinham sido completamente infrutíferas.

— Isso quase não dá para surpreender — disse Peake. — Não aconteceu nada de anormal ontem, que pudesse tê-lo induzido ao suicídio. Não creio que ele se matasse na hora de se ver livre de um sócio indesejável. Isto é um assassinato, Masson. O veneno agiu tão rapidamente que não lhe poderia ter sido administrado lá embaixo. Alguém entrou neste quarto à noite passada e de qualquer modo o persuadiu a engulir a dose fatal.

— Quem? — perguntou Masson imbecilmente.

— Está ficando falador, hein! Há uma ponta de cigarro despercebida naquele cinzeiro. E eu achei isto — Peake abriu a mão para mostrar um lençinho amarrado — em cima daquele bureau. É melhor revistar o quarto com um pente-fino, Masson, enquanto eu entrevisto os proprietários destas coisas insensatas.

Madge Lorrimer reconheceu o lenço como sendo seu. Sim, ela estivera no quarto do marido à noite passada. O fato lhe fugira momentaneamente da memória, quando fora interrogada antes. Queria ter uma noite tranquila e sabia que ele guardava alguns tabletes soporíferos no bureau.

— A porta de comunicação estava afeita deste lado — disse Peake.

— Sempre estava. Eu vim pelo corredor.

Defrontado com o cigarro, Richard Lorrimer admitiu também que havia visitado o quarto do pai à noite passada. Tivera uma oferta de sociedade num negócio de motores, desde que achasse o capital necessário. O pai recusara-se a financiá-lo, e ele fizera um último esforço desesperado para o persuadir.

— Por que foi que você me mentiu? — perguntou Peake.

— Eu... eu estava com medo. Percebi que o senhor suspeitava de mim.

— Eu suspeito de qualquer um, especialmente quando não me diz a verdade.

O **breakfast** não foi uma refeição animada. Ninguém tinha apetite, exceto Peake. Ninguém falou muito, senão para responder a perguntas. Ele não soube mais nada.

— Estou ficando paspalhão — confessou ele a Masson em seguida. — Não tenho a menor dúvida de que Lorrimer foi assassinado e que alguma dessas pessoas foi que o matou. Todos tinham motivos suficientes para o fazer, e todos tiveram sua oportunidade. Uma coisa singular é que todos parecem bem decentes.

— Staveley? — sugeriu Masson.

— Há quinze anos que trabalha com ele. Por que haveria de resolver repentinamente matar o patrão? Tenho uma desconfiança de que não vamos arranjar nenhum indício neste caso. Telefone para o dr. Fraser e veja se há alguma esperança dele ser capaz de nos dizer sob que forma foi administrado o cianido. Vou revistar a casa de uma ponta à outra, porém não espero obter resultado. O assassino é esperto.

Cerca de dez horas apareceu um carro no pátio. O chauffeur tocou a buzina e não desligou o motor. Peake saiu para ver o que era.

— Quem é o senhor? — fez ele irritadamente.

O homem pareceu surpreendido. — Eu sou Henry Glaister. Vim apanhar Mr. Lorrimer para jogar golf.

— Lorrimer não vive mais aqui — disse Peake. — Morreu.

— O senhor não está falando sério. — O homem arregalou os olhos. Mecanicamente girou a chave de ignição. — O senhor está pilheriando?

— Estou falando sério. Não estou pilheriando.

— Mas ele foi examinado ontem e achado perfeitamente sadio.

— Onde que ele foi examinado? Por que foi examinado? E como é que o senhor sabe?

A surpresa de Henry Glaister aumentou. Era um rapaz bonito, com qualquer coisa de um **dandy**, com um bigodinho aparado que lhe acentuava os dentes cintilantes.

— O senhor está fazendo um bocado de perguntas, não é mesmo? — observou.

— Eu sou o inspetor Peak. Estou investigando um assassinato.

— Santo Deus! Desculpe. Eu... eu não tinha idéia. Eu sou o dentista da Clínica Stevenson, inspetor. Todos são tidos lá como peritos na sua especialidade. O cidadão paga uma taxa combinada e tem o direito de ser completamente examinado por meia dúzia de nós. Robert costumava ir lá duas vezes por ano. Era muito cioso de sua saúde. Ontem obteve um laudo limpo, segundo me disse. E agora está... quase não posso acreditar nisso. Que foi que aconteceu?

Peake descreveu rapidamente a situação. Glaister saiu do carro.

— Madge deve estar terrivelmente acabrunhada.

— Ela não está nada abatida. O senhor é amigo da família?

— Naturalmente. Hoje eu vinha almoçar aqui. Preciso dar uma palavra a ela.

Mesmo o dentista não parecia ter ficado muito perturbado com a morte do amigo, refletiu Peake enquanto se afastava de lado para deixar Glaister entrar na casa. Não havia jeito de arranjar carpideiras para Robert Lorrimer. Levantando os ombros, entrou na casa, para continuar nas suas buscas.

O resultado foi nulo. Embora examinasse cuidadosamente todos os objetos pessoais de cada um na casa, não achou coisa que valesse por um indício. O dr. Fraser telefonou para dizer que a autópsia verificara a presença de cianido no estômago, mas que era impossível declarar sob que forma ele fora tomado. Peake sentiu que havia dado num beco sem saída.

Durante o almoço, correu a notícia de que o inquérito seria realizado na manhã seguinte, às onze horas.

— Quem é que tem de comparecer, inspetor? — perguntou Herbert Cann timidamente.

— Os senhores todos. — Peake olhou para as faces perturbadas em redor da mesa. — Todos são suspeitos, exceto, naturalmente, Mr. Glaister.

— Não preste atenção, Madge — disse Philip Roscoe rapidamente. — Ele está apenas querendo assustar alguém de responsabilidade, para ver se arranja uma declaração.

— Madge de qualquer maneira está fora disto — acrescentou Lorrimer. — Porque eu vi papai depois que ela esteve com ele.

— Há de se descobrir com certeza que ele mesmo tomou o veneno — continuou Roscoe. — É ridículo supor que qualquer um de nós... Mas não vamos falar nisto. Olhe aqui, Henry. Se eu tenho de comparecer a esse inquérito idiota, não posso estar com você na hora marcada. Você pode arranjar para terça-feira?

Glaister consultou um caderninho de notas.

— Não — replicou ele. — Estou com o dia todo tomado. Poderia ver você amanhã de tarde, às seis e meia, se você quizesse.

— Muito bem. Tome nota.

Qual deles tinha assassinado Robert Lorrimer? Sua mulher pecadora ou o amante? O sócio arruinado ou o filho estroina? Peake observava-os atentamente, mas se achava inteiramente incapaz de saber.

No entanto, devia haver qualquer indício, fosse lá como fosse. Teimosamente continuou as buscas pela casa. Era um assassinato desusadamente astuto. Uma razão a mais para que descobrisse exatamente como fora praticado.

Certa hora da tarde, tomando um fôlego, foi passear pelo jardim bem cuidado. Suas passadas pela grama primaveril não faziam ruído. Aproximando-se dum rústico caramanchão de estio, num canto do parque, ouviu vozes. Sem hesitação, aproximou-se furtivamente e escutou. Tinha que saber o que estava se passando. Num momento percebeu que dera em cima de Henry Glaister e Madge Lorrimer.

— Eu acho que não devia falar deste modo — estava dizendo Glaister. — Mas de que serve ser hipócrita? Estou satisfeito que Robert tenha morrido.

— Você não deveria dizer isto, Henry.

— Eu sei. Mas é isto mesmo. Madge, eu acho que você sabe que eu gosto de você há muito tempo. Quando... quando as coisas se acomodarem, haverá alguma chance para mim?

Houve uma longa pausa antes de Madge Lorrimer falar.

— Sinto muito, Henry — fez ela.

— Você quer dizer que você... que você não me quer?

— Sinto muito — repetiu ela. — Eu tenho sido ruim. Tratei você canalhamente.

— Você foi sempre tão amável comigo.

— Sim. Mas foi uma infâmia, um fingimento. Oh, Henry, como posso explicar isto? Só agora estou vendo como isso foi harrível. Procurei ser muito amável com você... mas apenas para que Robert não suspeitasse de que eu estava gostando doutra pessoa.

— Oh — Houve nova pausa. — Philip Roscoe?

— Eu gosto dele, Henry.

— E quando tudo isto passar, você vai casar com ele?

— Eu... penso que sim.

— Foi ele que liquidou Robert?

— Oh, você sabe que não foi ele! Você sabe que ele não faria semelhante coisa. Não... não é justo que você sugira isto, nem ao menos brincando. Está ficando frio, não está? Vamos entrar?

Peake esgueirou-se, indagando de si mesmo se poderia dar crédito ao que ouvira. Seguramente não dava a idéia de que Madge Lorrimer soubesse qualquer coisa sobre a morte do marido. E se Philip Roscoe a tivesse planejado ela certamente saberia. Isto apertava o cerco em torno de Richard Lorrimer e Herbert Cann. Não, diabos o levem! Isso não era prova nenhuma. A pequena tinha evidentemente jogado cabra-cega com Glaister. Ela podia ter afundado mais do que parecia.

Quando a noite caiu, não se achava mais próximo da solução do problema. Cansado e desanimadíssimo, mandou ao diabo aquele dia e foi tratar de dormir.

O inquérito na manhã seguinte não era mais do que uma formalidade, com a polícia simplesmente fazendo a identificação dos depoentes e marcando sessão para futuras indagações. Quando o inquérito acabou, Peake saiu para ver o dr. Fraser.

— Estou entupido — confessou ele. — Inteiramente no ar. Um daqueles sujeitos é o culpado mas não tenho a mínima prova contra qualquer deles. Temos que nos afastar dos métodos de trabalho habituais. Escute, doutor. Desde manhã que ando com uma idéia bulindo na cabeça. Como foi que Lorrimer foi levado a tomar o veneno? Ele não desconfiaria do cheiro?

— Podia estar numa capsula ou numa pílula.

— Mesmo assim, por que motivo ele iria tomar alguma coisa que lhe oferecessem? Tenho pensado se não teriam empregado a força.

— Eu o examinei muito cuidadosamente. Não há o menor sinal de equimoses.

— Ele sabia que não gostavam dele. Não suspeitaria de uma capsula, mesmo se sua mulher a oferecesse?

— Eu não creio que ele tenha sido levado a tomar veneno. Todavia ele está no necrotério. Vá ver você mesmo.

— Acho que vou ver.

Acompanhado pelo fiel Masson, Peake examinou cuidadosamente o corpo de Robert Lorrimer, e teve que admitir que o dr. Fraser estava com a razão. Não havia o menor indício de ter sido empregada qualquer violência.

— Naturalmente a droga deve ter sido dada num chocolate ou coisa semelhante — murmurou ele, — embora eu não possa imaginar que ele tomasse uma coisa dessas. Você examinou as roupas, não examinou?

— Sim, senhor.

— Cheirou, para o caso de se ter derramado algum líquido nelas?

— Sim, senhor.

— Ele não poderia ter sido forçado a tomar a droga... Vamos ver de novo.

Os dois homens juntos perquiriram as roupas que Robert Lorrimer estava usando

(CONTINUA NA PAG. 46)

Desfile de Modelos



1 Vestido para a tarde ou reunião, em seda fosca, cor de rosa seco, com blusa cinza prateada em georgette ou setim "lingerie".

A sua originalidade está na pala da saia em forma de colete com dois laços pequenos.

2 Elegante vestido para senhoras, em seda azul com bordados e botões da mesma seda. O chapéu em 'tricórnio' tem uma renda fina caindo sobre os cabelos.

3 Costume simples em linho. Chapéu e bolsa tipo "sport".

4 Bonito vestido para jovem. Saia ampla com pregas, botões da mesma fazenda.

5 Original vestido de seda para festas, em seda de uma cor só e babadinhos de tafetá franzido. Chapéu Stuart, com véu caindo atrás.

6 Este vestido, de corpo inteiro, fica muito bem às que, sendo um pouco gordas, têm os quadris estreitos, pois o folho estreito dará a impressão de maior largueza.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

inencarelli

O caso da corôa

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 36)

— Muito bem. Você faria bem tratando do **breakfast**, não era mesmo? Se pensar que ninguém fará objeção, eu tomarei parte na mesa.

A ambulância chegou e o dr. Fraser partiu com a sua carga sinistra. Pouco depois Masson veio relatar suas pesquisas que tinham sido completamente infrutíferas.

— Isso quasi não dá para surpreender — disse Peake. — Não aconteceu nada de anormal ontem, que pudesse tê-lo induzido ao suicídio. Não creio que ele se matasse na hora de se ver livre de um sócio indesejável. Isto é um assassinato, Masson. O veneno agiu tão rapidamente que não lhe poderia ter sido administrado lá embaixo. Alguem entrou neste quarto à noite passada e de qualquer modo o persuadiu a engulir a dose fatal.

— Quem? — perguntou Masson imbecilmente.

— Está ficando falador, hein! Há uma ponta de cigarro despercebida naquele cinzeiro. E eu achei isto — Peake abriu a mão para mostrar um lençinho amarrado — em cima daquele bureau. É melhor revistar o quarto com um pente-fino, Masson, enquanto eu entrevisto os proprietários destas coisas insensatas.

Madge Lorrimer reconheceu o lenço como sendo seu. Sim, ela estivera no quarto do marido à noite passada. O fato lhe fugira momentaneamente da memória, quando fora interrogada antes. Queria ter uma noite tranquila e sabia que ele guardava alguns tabletes soporíferos no bureau.

— A porta de comunicação estava aferrolhada deste lado — disse Peake.

— Sempre estava. Eu vim pelo corredor.

Defrontado com o cigarro, Richard Lorrimer admitiu também que havia visitado o quarto do pai à noite passada. Tivera uma oferta de sociedade num negócio de motores, desde que achasse o capital necessário. O pai recusara-se a financiá-lo, e ele fizera um último esforço desesperado para o persuadir.

— Por que foi que você me mentiu? — perguntou Peake.

— Eu... eu estava com medo. Percebi que o senhor suspeitava de mim.

— Eu suspeito de qualquer um, especialmente quando não me diz a verdade.

O **breakfast** não foi uma refeição animada. Ninguém tinha apetite, exceto Peake. Ninguém falou muito, senão para responder a perguntas. Ele não soube mais nada.

— Estou ficando paspalhão — confessou ele a Masson em seguida. — Não tenho a menor dúvida de que Lorrimer foi assassinado e que alguma dessas pessoas foi que o matou. Todos tinham motivos suficientes para o fazer, e todos tiveram sua oportunidade. Uma coisa singular é que todos parecem bem decentes.

— Slaveley? — sugeriu Masson.

— Há quinze anos que trabalha com ele. Por que haveria de resolver repentinamente matar o patrão? Tenho uma desconfiança de que não vamos arranjar nenhum indício neste caso. Telefone para o dr. Fraser e veja se há alguma esperança dele ser capaz de nos dizer sob que forma foi administrado o cianido. Vou revistar a casa de uma ponta à outra, porém não espero obter resultado. O assassino é esperto.

Cerca de dez horas apareceu um carro no pátio. O chauffeur tocou a buzina e não desligou o motor. Peake saiu para ver o que era.

— Quem é o senhor? — fez ele irritadamente.

O homem pareceu surpreso. — Eu sou Henry Glaister. Vim apanhar Mr. Lorrimer para jogar golf.

— Lorrimer não vive mais aqui — disse Peake. — Morreu.

— O senhor não está falando sério. — O homem arregalou os olhos. Mecanicamente girou a chave de ignição. — O senhor está pilheriando?

— Estou falando sério. Não estou pilheriando.

— Mas ele foi examinado ontem e achado perfeitamente sadio.

— Onde que ele foi examinado? Por que foi examinado? E como é que o senhor sabe? A surpresa de Henry Glaister aumentou. Era um rapaz bonito, com qualquer coisa de um **dandy**, com um bigodinho aparado que lhe acentuava os dentes cintilantes.

— O senhor está fazendo um bocado de perguntas, não é mesmo? — observou.

— Eu sou o inspetor Peak. Estou investigando um assassinato.

— Santo Deus! Desculpe. Eu... eu não tinha idéia. Eu sou o dentista da Clínica Stevenson, inspetor. Todos são tidos lá como peritos na sua especialidade. O cidadão paga uma taxa combinada e tem o direito de ser completamente examinado por meia dúzia de nós. Robert costumava ir lá duas vezes por ano. Era muito cioso de sua saúde. Ontem obtive um laudo limpo, segundo me disse. E agora está... quasi não posso acreditar nisso. Que foi que aconteceu?

Peake descreveu rapidamente a situação. Glaister saiu do carro.

— Madge deve estar terrivelmente acabrunhada.

— Ela não está nada abatida. O senhor é amigo da família?

— Naturalmente. Hoje eu vinha almoçar aqui. Preciso dar uma palavra a ela.

Mesmo o dentista não parecia ter ficado muito perturbado com a morte do amigo, refletiu Peake enquanto se afastava de lado para deixar Glaister entrar na casa. Não havia jeito de arranjar carpideiras para Robert Lorrimer. Levantando os ombros, entrou na casa, para continuar nas suas buscas.

O resultado foi nulo. Embora examinasse cuidadosamente todos os objetos pessoais de cada um na casa, não achou coisa que valesse por um indício. O dr. Fraser telefonou para dizer que a autópsia verificara a presença de cianido no estômago, mas que era impossível declarar sob que forma ele fora tomado. Peake sentiu que havia dado num beco sem saída.

Durante o almoço, correu a notícia de que o inquérito seria realizado na manhã seguinte, às onze horas.

— Quem é que tem de comparecer, inspetor? — perguntou Herbert Cann timidamente.

— Os senhores todos. — Peake olhou para as faces perturbadas em redor da mesa. — Todos são suspeitos, exceto, naturalmente, Mr. Glaister.

— Não preste atenção, Madge — disse Philip Roscoe rapidamente. — Ele está apenas querendo assustar alguém de responsabilidade, para ver se arranja uma declaração.

— Madge de qualquer maneira está fora disto — acrescentou Lorrimer. — Porque eu vi papai depois que ela esteve com ele.

— Há de se descobrir com certeza que ele mesmo tomou o veneno — continuou Roscoe. — É ridículo supor que qualquer um de nós... Mas não vamos falar nisto. Olhe aqui, Henry. Se eu tenho de comparecer a esse inquérito idiota, não posso estar com você na hora marcada. Você pode arranjar para terça-feira?

Glaister consultou um caderninho de notas.

— Não — replicou ele. — Estou com o dia todo tomado. Poderia ver você amanhã de tarde, às seis e meia, se você quizesse.

— Muito bem. Tome nota.

Qual deles tinha assassinado Robert Lorrimer? Sua mulher pecadora ou o amante? O sócio arruinado ou o filho estroina? Peake observava-os atentamente, mas se achava inteiramente incapaz de saber.

No entanto, devia haver qualquer indício, fosse lá como fosse. Teimosamente continuou as buscas pela casa. Era um assassinato desusadamente astuto. Uma razão a mais para que descobrisse exatamente como fora praticado.

Certa hora da tarde, tomando um fôlego, foi passear pelo jardim bem cuidado. Suas passadas pela grama primaveril não faziam ruido. Aproximando-se dum rústico caramanchão de estio, num canto do parque, ouviu vozes. Sem hesitação, aproximou-se furtivamente e escutou. Tinha que saber o que estava se passando. Num momento percebeu que dera em cima de Henry Glaister e Madge Lorrimer.

— Eu acho que não devia falar deste modo — estava dizendo Glaister. — Mas de que serve ser hipócrita? Estou satisfeito que Robert tenha morrido.

— Você não deveria dizer isto, Henry.

— Eu sei. Mas é isto mesmo. Madge, eu acho que você sabe que eu gosto de você há muito tempo. Quando... quando as coisas se acomodarem, haverá alguma chance para mim?

Houve uma longa pausa antes de Madge Lorrimer falar.

— Sinto muito, Henry — fez ela.

— Você quer dizer que você... que você não me quer?

— Sinto muito — repetiu ela. — Eu tenho sido ruim. Tratei você caninhamente.

— Você foi sempre tão amável comigo.

— Sim. Mas foi uma infâmia, um fingimento. Oh, Henry, como posso explicar isto? Só agora estou vendo como isso foi harrível. Procurei ser muito amável com você... mas apenas para que Robert não suspeitasse de que eu estava gostando doutra pessoa.

— Oh — Houve nova pausa. — Philip Roscoe?

— Eu gosto dele, Henry.

— E quando tudo isto passar, você vai casar com ele?

— Eu... penso que sim.

— Foi ele que liquidou Robert?

— Oh, você sabe que não foi ele! Você sabe que ele não faria semelhante coisa. Não. ... não é justo que você sugira isto, nem ao menos brincando. Está ficando frio, não está? Vamos entrar?

Peake esgueirou-se, indagando de si mesmo se poderia dar crédito ao que ouvira. Seguramente não dava a idéia de que Madge Lorrimer soubesse qualquer coisa sobre a morte do marido. E se Philip Roscoe a tivesse planejado ela certamente saberia. Isto apertava o cerco em torno de Richard Lorrimer e Herbert Cann. Não, diabos o levem! Isso não era prova nenhuma. A pequena tinha evidentemente jogado cabra-cega com Glaister. Ela podia ter afundado mais do que parecia.

Quando a noite caiu, não se achava mais próximo da solução do problema. Cansado e desanimadíssimo, mandou ao diabo aquele dia e foi tratar de dormir.

O inquérito na manhã seguinte não era mais do que uma formalidade, com a polícia simplesmente fazendo a identificação dos depoentes e marcando sessão para futuras indagações. Quando o inquérito acabou, Peake saiu para ver o dr. Fraser.

— Estou entupido — confessou ele. — Inteiramente no ar. Um daqueles sujeitos é o culpado mas não tenho a mínima prova contra qualquer deles. Temos que nos afastar dos métodos de trabalho habituais. Escute, doutor. Desde manhã que ando com uma idéia bulindo na cabeça. Como foi que Lorrimer foi levado a tomar o veneno? Ele não desconfiaria do cheiro?

— Podia estar numa capsula ou numa pílula.

— Mesmo assim, por que motivo ele iria tomar alguma coisa que lhe oferecessem? Tenho pensado se não teriam empregado a força.

— Eu o examinei muito cuidadosamente. Não há o menor sinal de equimoses.

— Ele sabia que não gostavam dele. Não suspeitaria de uma capsula, mesmo se sua mulher a oferecesse?

— Eu não creio que ele tenha sido levado a tomar veneno. Todavia ele está no necrotério. Vá ver você mesmo.

— Acho que vou ver.

Acompanhado pelo fiel Masson, Peake examinou cuidadosamente o corpo de Robert Lorrimer, e teve que admitir que o dr. Fraser estava com a razão. Não havia o menor indício de ter sido empregada qualquer violência.

— Naturalmente a droga deve ter sido dada num chocolate ou coisa semelhante — murmurou ele, — embora eu não possa imaginar que ele tomasse uma coisa dessas. Você examinou as roupas, não examinou?

— Sim, senhor.

— Cheirou, para o caso de se ter derramado algum líquido nelas?

— Sim, senhor.

— Ele não poderia ter sido forçado a tomar a droga... Vamos ver de novo.

Os dois homens juntos perquiriram as roupas que Robert Lorrimer estava usando

(CONTINUA NA PAG. 46)

Desfile de Modelos



1 Vestido para a tarde ou reunião, em seda fosca, cor de rosa seco, com blusa cinza prateada em georgette ou setim "lingerie".

A sua originalidade está na pala da saia em forma de colete com dois laços pequenos.

2 Elegante vestido para senhoras, em seda azul com bordados e botões da mesma seda. O chapéu em tricornio tem uma renda fina caindo sobre os cabelos.

3 Costume simples em linho. Chapéu e bolsa tipo "sport".

4 Bonito vestido para jovem. Saia ampla com pregas, botões da mesma fazenda.

5 Original vestido de seda para festas, em seda de uma cor só e babadinhos de tafetá franzido.

Chapelinho Stuart, com véu caindo atrás.

6 Este vestido, de corpo inteiro, fica muito bem às que, sendo um pouco gordas, têm os quadris estreitos, pois o folho estreito dará a impressão de maior largueza.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

ienicarelli

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Aos intelectuais

O ALMANAQUE EU SEI TUDO á venda publica completa resenha do ano literário 42-43, além de contos ilustrados, artigos, diversos de interesse geral.

Calendários, informações sobre o ano. Centenários de 1943, conselhos praticos informações sobre nossa terra, assuntos rurais, quebra cabeças, etc.

300 páginas ricamente ilustradas, á venda em toda parte por Cr. \$ 8,00.

Pedidos pelo reembolso do Correio ou mediante vale postal á Companhia Editora Americana, Maranguape 15, Rio.

14 CONTOS

Primorosamente ilustrados, rigorosamente escolhidos, são os 14 contos do ALMANAQUE EU SEI TUDO á venda com 300 páginas cheias de leitura variada e de interesse para o homem e a mulher. Preço: oito cruzeiros em todo o Brasil. Pedidos á Cia Editora Americana, Maranguape 15, Rio. Pelo reembolso ou vale postal.

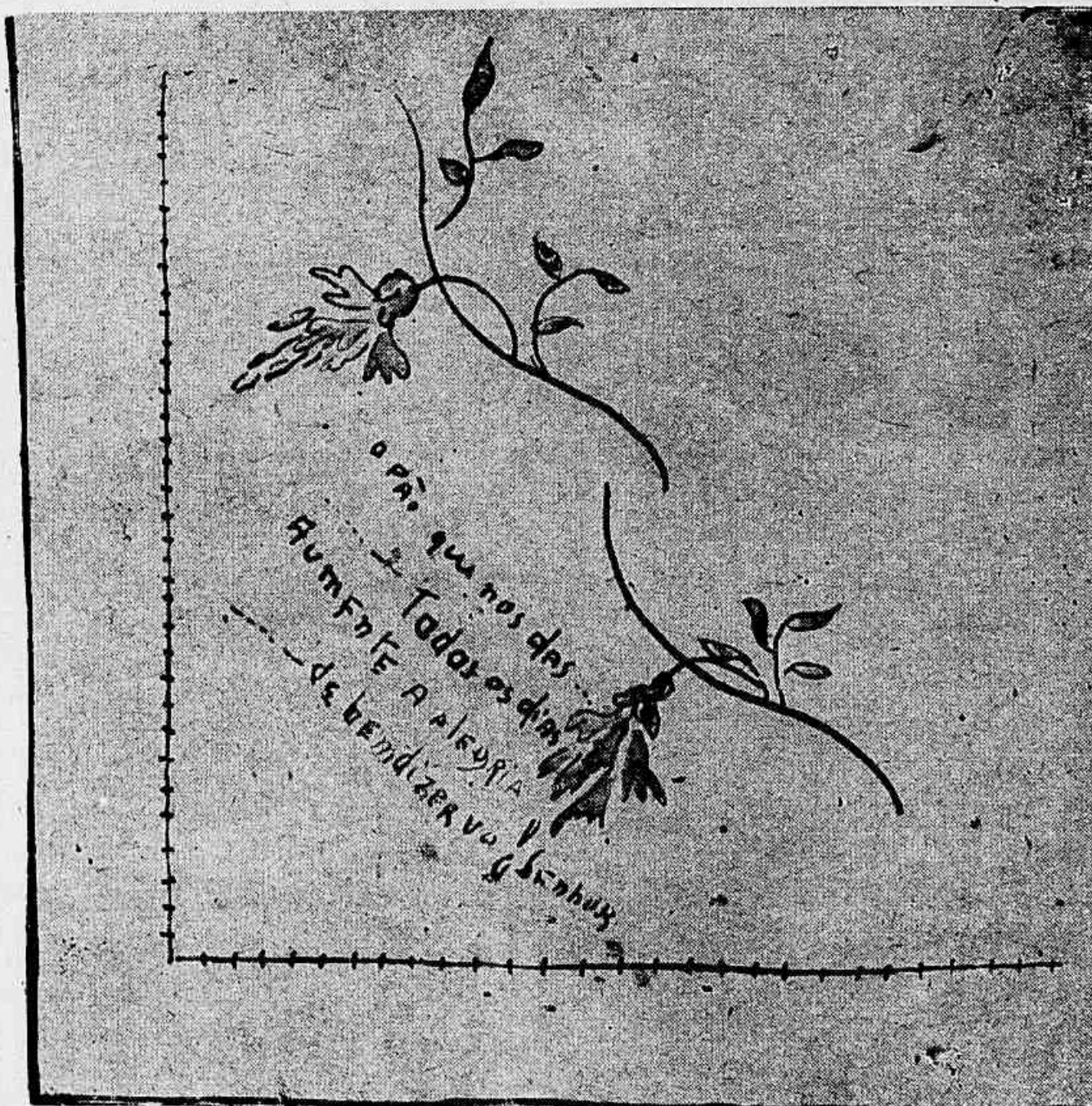


NUMEROS ATRASADOS DESTA
REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

Trabalhos Manuaes

PARA A SUA CASA DE CAMPO



O pão que nós dás, todas
----- as vezes

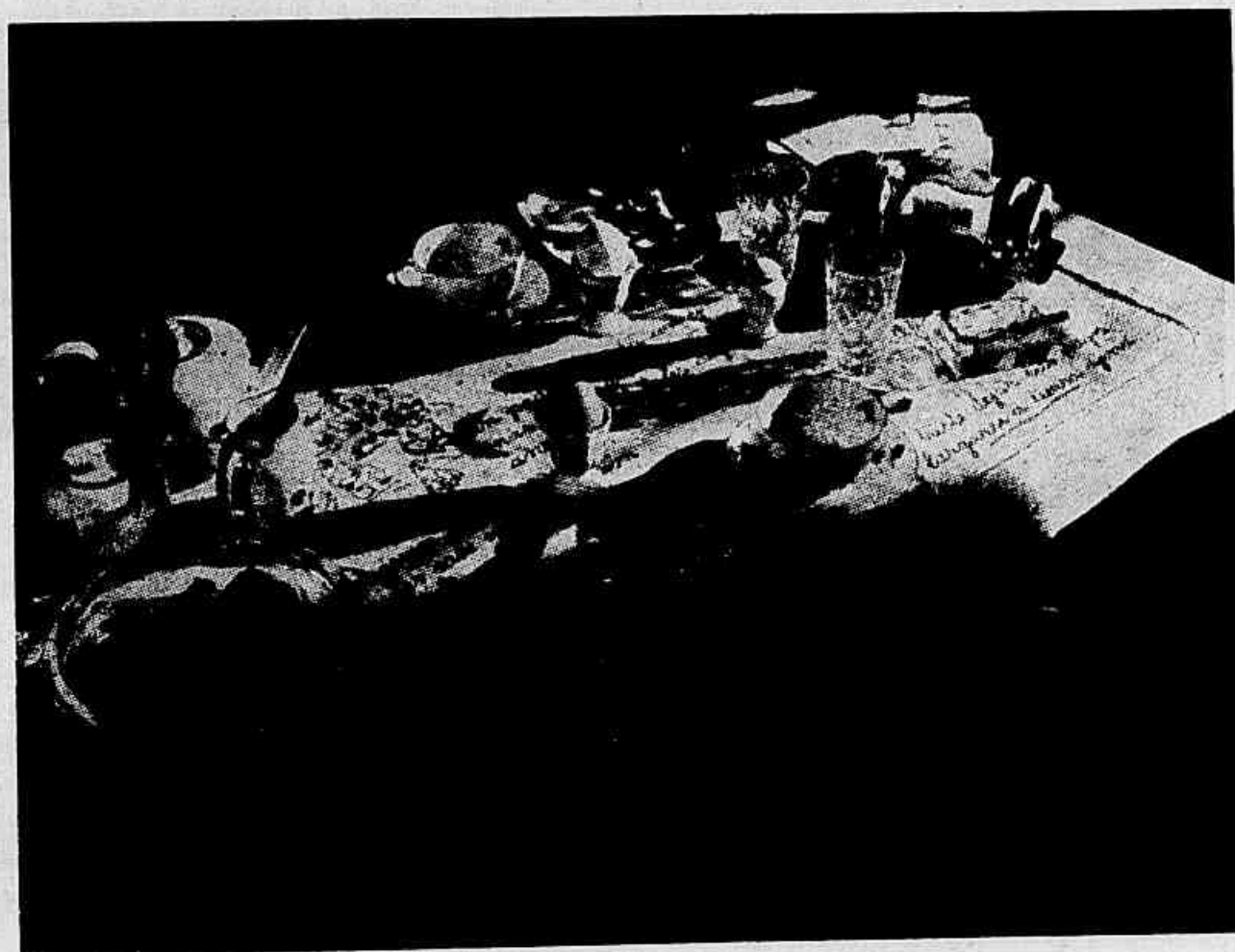
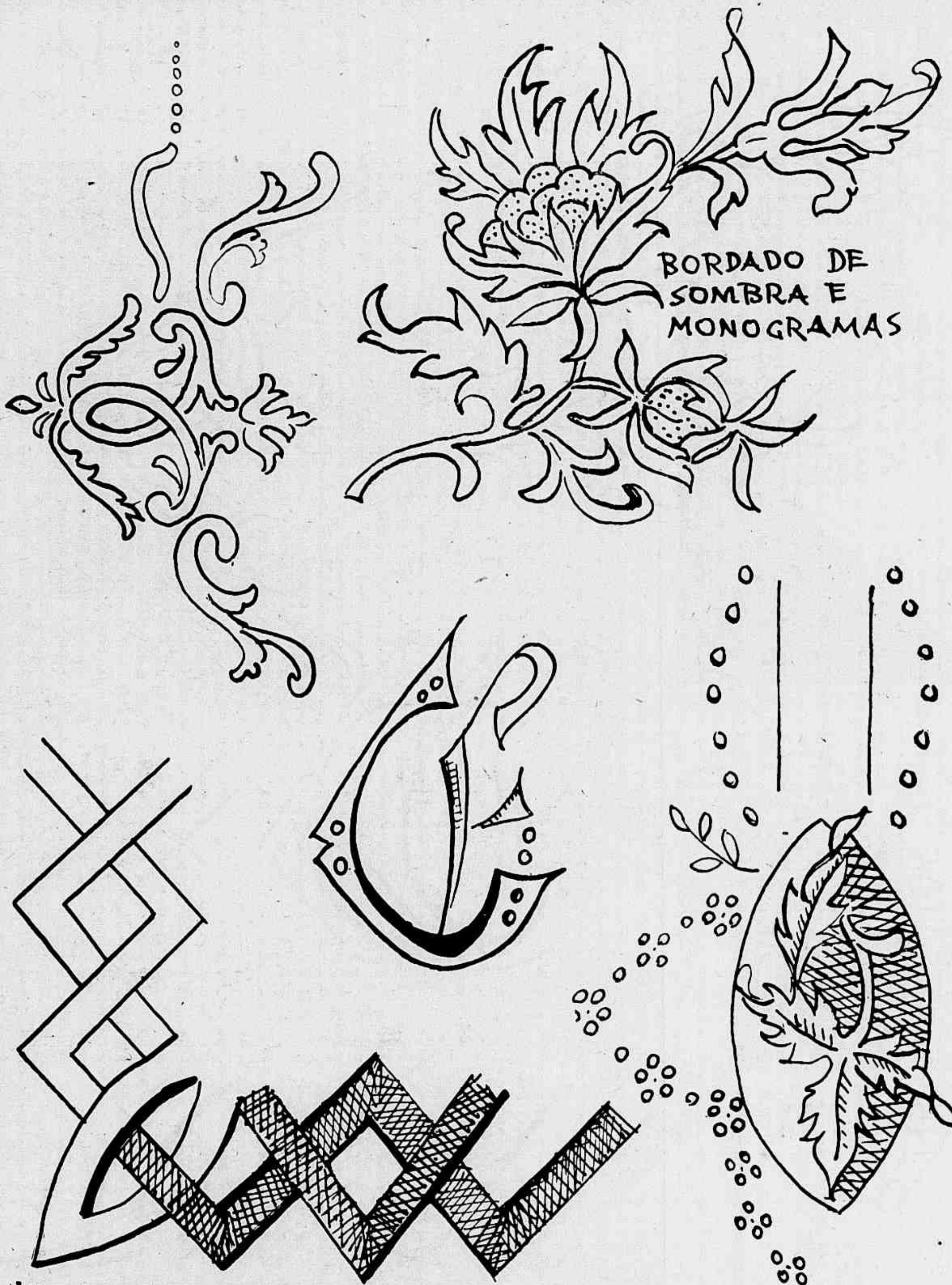
..... aumenta a alegria
..... de bendizer-vos Senhor

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", em seus grandes mostruários anexos às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para residências e escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.



Como nota chic e de originalidade damos aqui o desenhode uma toalha de mesa com "frases" ou quadras apropriadas.

A ideia da toalha veio naturalmente da moda dos azulejos, também com frases expressivas, e versos que servem de motivo decorativo, a vestibulos e salas de jantar rusticas.

Os desenhos de sombra estão em voga; para blusas, vestidos de crianças e trabalhos em fazendas transparentes dão um aspecto muito delicado.



Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

OS BANCOS E A SUA FUNÇÃO SOCIAL NA VIDA DOS POVOS

de autoria do Dr. Vieira de Alencar, cuja importância se adivinha através deste substancioso sumário:

"Visão panorâmica" — "Origem e evolução dos bancos" — "Classificação dos sistemas bancários" — "Bancos ingleses" — "Bancos franceses" — "Bancos alemães" — "Bancos norte-americanos" — "Atualidade bancária brasileira" — "Síntese e evolução dos bancos no Brasil" — "Bancos estrangeiros e sua nacionalização" — "Expansão bancária no Brasil".

A' venda em toda parte.

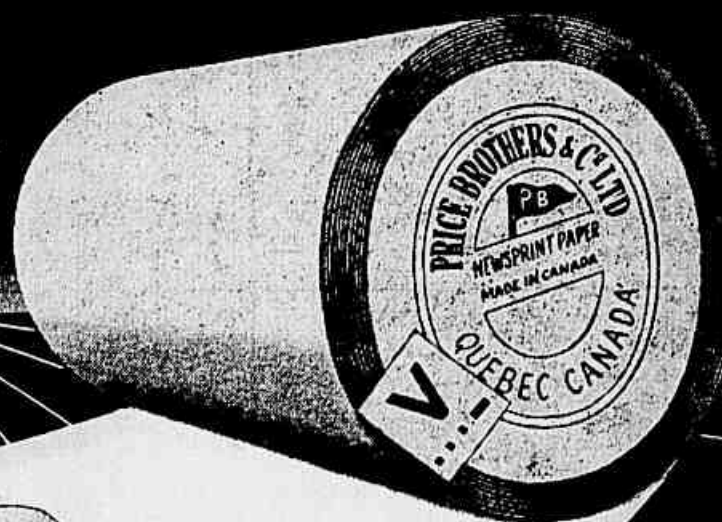
Preço em todo o Brasil Cr \$ 8,00

Atende-se pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio.

Pedidos á

Cia. Editora Americana
MARANGUAPÉ, 15 - RIO.

Que o Novo Ano encerre **O GLORIOSO
DIA DA VITÓRIA!**



FORNECEDORES DE
PAPEL DE IMPRENSA * * *

Apresentam seus votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, à Imprensa e ao público brasileiros. Price Brothers Sales Corporation, de Quebec, Canadá, fabricantes de papel de imprensa, através de seus distribuidores exclusivos para o Brasil.

Murray, Simonsen & Cia. Ltda.

AV. RIO BRANCO, 85 - RIO DE JANEIRO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,**

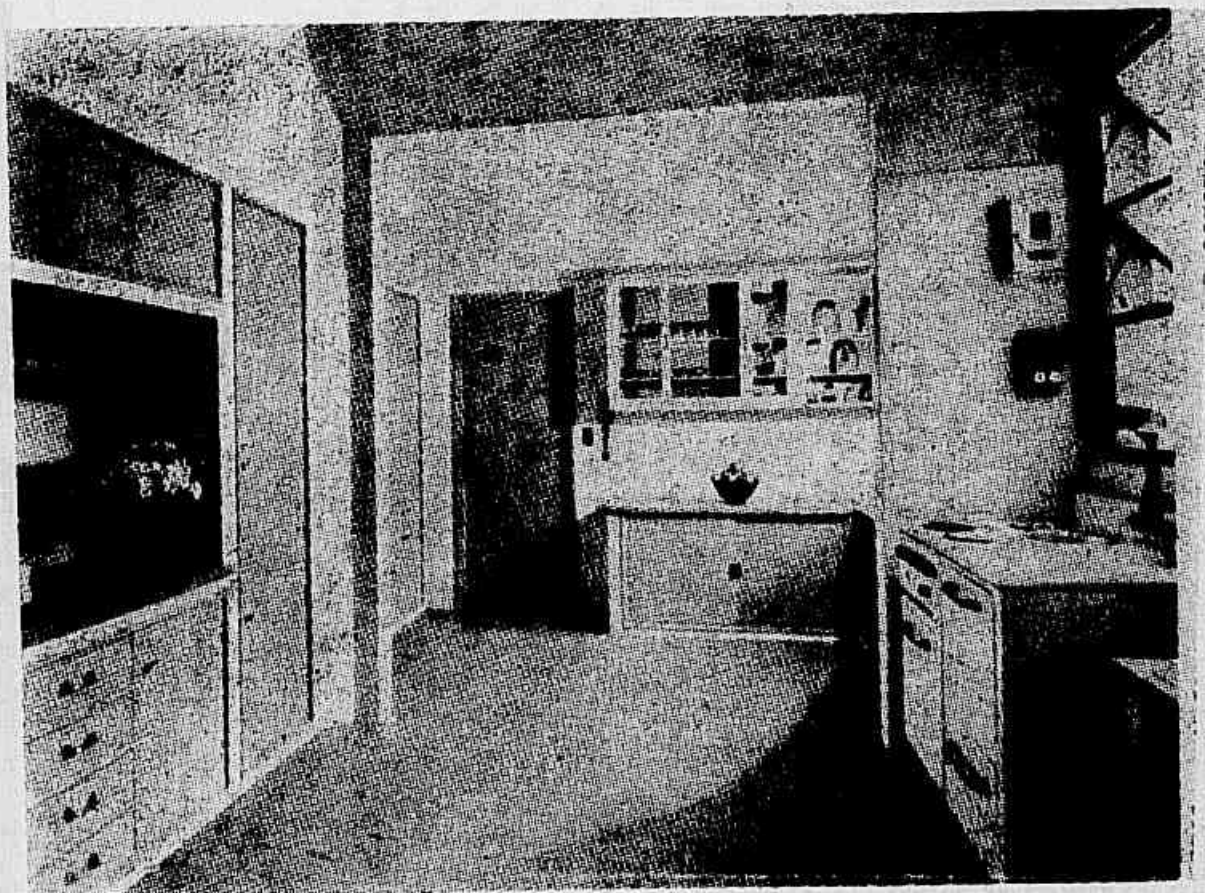
**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

COPA E COSINHA

Por MME. RISOLETA



Não é difícil encontrar nos livros de receitas, almoços e jantares complicados; contudo o que nos convém obter é umas receitas praticas e ligeiras, receitas de emergência, que possam ser preparadas com elementos comuns e que geralmente temos em casa.

A's vezes o almoço é pouco, não foi possível conseguir o peso de carne, ou o peixe; outras vezes é algum conviva inesperado que vem almoçar. Para a merenda também daremos algo facil de fazer e com o qual você poderá convidar a amiga que veio sem ser esperada.

TORTA DE PÃO

Pão, leite (de côco é melhor) 3 ovos, tempêro, manteiga. Ponha o pão de mólho em leite. Faça um refogado em azeite e uma colher de manteiga, com cebola picada, cebolinha, um dente de alho, salsa, sal, uma pitada de noz moscada; passe o pão na peneira e junte-o ao refogado, deixando-o cosinhar. Bata os ovos, misture um pouco ao pão, mexa, depois despeje o resto, cubra bem e deixe corar.

A mistura de azeite, manteiga e leite de côco dá a esta fritada um gosto pronunciado de marisco. E' claro que se pôde acrescentar ao pão camarão, "petits pois", ou outra cousa qualquer, ao gosto de quem cosinha.

BOLINHOS RAPIDOS PARA O CHÁ

Bate-se três ovos, com uma colherinha de fermento (uma colher grande de queijo ralado), 1 chicara de leite; junta-se farinha de trigo, batendo sempre, e tempera-se com 1 pitada de sal; quando estiver uma massa móle frita-se às colheradas em banha bem quente; servem-se com mel ou açúcar por cima.

PÃO E MEL

Torre umas 10 fatias finas com manteiga, frite outras tantas fatias de queijo, arrume no prato, uma fatia de pão e por cima uma de queijo, salpique canela e despeje o melado.

Deve ser servido logo, pois o queijo endurece.

PARA A SUA COPA

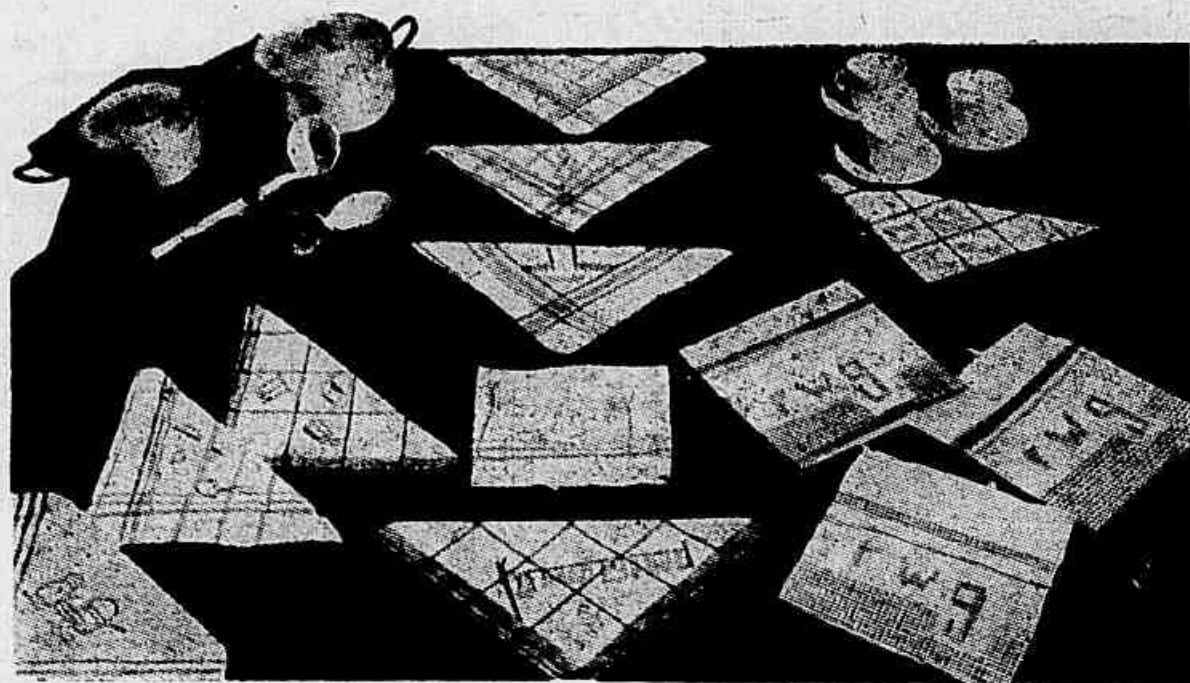
Alguns conselhos uteis pôdem ser repetidos vez por outra, pois existem sempre as que se iniciam nos afazeres domesticos e tropeçam com os pequenos problemas da copa ou cosinha.

A questão de panos para a copa e panos para a cosinha é um dos taes problemas, que amola a dona da casa. Os panos para copa devem ser confeccionados de material melhor e feitos com mais gosto e capricho; ha-os bordados com motivos culinários, ou pintados com tinta lavavel ou nanquim; os de cosinha podem ser feitos com a bainha em côr e marcados. Uma boa medida é marcar os panos, com a inicial dos objetos a que se destinam exemplo; para copos, um C. para chicharas, um Ch. Isto evitará que os panos destinados ao serviço de copa fiquem engordurados. Aqui estão alguns modelos; os objetos colocados do lado dos panos dão à leitora idéia de sua utilidade.

VOCE SABIA?

As azeitonas são excelente aperitivo e estimulam a formação do suco gastrico.

O cheiro da cebola sae das mãos, com sal, carbonato e agua.



Não cometa esse erro...

Dra. SILVIA ROGERS



Humphrey Bogart, da Warner.

QUERIDA M. D.

Não cometa o erro de julgar tudo superficialmente, reflita um pouco antes de resolver o problema tão complexo de uma separação definitiva. Seu marido não tem "vícios" que justifiquem essa deliberação, capaz de afetar profundamente a vida futura de seus filhos; ele tem apenas "defeitos" de má educação, e você, se quizesse, poderia, com tato, corrigi-lo, sem que ele "se sentisse como uma criança". Somos culpadas, quase sempre do mal que nos fêz. Ouça o que diz Leopold Stern sobre o "Amor Conjugal", e me diga, sinceramente, se não é isso mesmo que acontece:

"Antes do casamento reconhecemos perfeitamente todos os defeitos que nos separam do nosso futuro companheiro, mas tentamos iludir-nos dizendo: Eu o corrigirei; o que é erroneo, pois deveríamos dizer: Eu me adaptarei. E' o egoísmo ou o interesse que nos levam a pensar assim, é também um orgulho ingenuo e uma tola vaidade; porque a mulher moderna casa conhecendo biologicamente o casamento, e a psicologia do amor; não há "camouflages", nem imposições; além disso a convivência com os futuros esposos é tal que não podem existir mais as surpresas e os atritos de hábitos e gostos que se chocam. A mulher vai deliberadamente "tentar a sorte", atirar-se a uma aventura da qual ela conta tirar partido, seja qual for o resultado. Isto chama-se agir de má fé, ou agir levemente; em qualquer dos casos, não há justificativa para uma separação. O homem também carrega com o seu quinhão de culpa, pois a ele, como esteio, compete sustentar a cumieira; a ele, que se arroga qualidades superiores, cabe ter a suficiente coragem moral de evitar à custa de renúncias, o sacrifício de inocentes. O homem, pelo seu egotismo, tanto quanto pelo seu egoísmo, não vê, não compreende, não sente as suas falhas de caráter ou de educação; ele não vê nada que esteja um pouco além da sua augusta pessoa, para a qual todas as contribuições são poucas..." Mas, minha amiga, o caso aqui não é para apurar culpas ou culpados, pois, si o fizemos, teremos de convir que a moral humana baixou de nível nestes últimos anos, devido a fatores múltiplos e complexos, e que é também a isso que devemos a *débâcle* da família.

Sinão, compare a esposa antiga e a mulher casada de hoje. Esta conhece tudo sobre o casamento e escolhe livremente o companheiro, com o qual vai fazer a difícil travessia da vida; pois estando melhor aparelhada falha. Por que? Simplesmente porque há falta de compreensão dos deveres e dos direitos, de ambos. Você acha que não deve suportar o mau gênio do seu marido, a sua falta de ordem, a indiferença com que ele

julga o seu esforço; e até porque com os sapatos empoeirados sujou a sua colcha, naquele dia em que chegou cansado e, vestido e calçado como estava, atirou-se sobre a cama, você ficou zangada quase uma semana, a remoer-lhe os ouvidos com recriminações. Por que essa falta de paciência, si você atura as grosserias do chefe da sua repartição, os maus modos da sua empregada, do padeiro, do açougueiro? Além disso, você perdoa a amiga que a ofendeu e magoou; e desculpa com boa vontade as suas próprias faltas, achando para elas, sempre, uma desculpa qualquer...

Então só [o seu marido não merece que você considere e perdoe as falhas do seu caráter ou da sua educação, quando foi justamente com ele que você assinou um contrato, por toda vida, de mútua compreensão e condescendência? Agora você veja como era diferente outrora. A moça casava sem nada conhecer do casamento, nem mesmo o homem com o qual a casavam. Ia para o seu novo lar, levando além do enxoval, ou do dote, um a lista dos seus deveres de esposa, mãe e senhora; com essa bagagem ela se propunha ser feliz; isto é ter a felicidade relativa; única possível na vida humana, e tudo por que? Porque o respeito à família era a base da moral social.

Minha amiga, vá protelando a decisão tomada; quando um dia for intolerável pense que ele tem só 24 horas e que elas passam, levando o irremediável. Dia virá que a velhice e a experiência acertarão todas as arestas da vida tornando-a mais polida.

Não deixe de pensar nesta frase de Stern, cuja significação você poderá alargar entre linhas, refletindo nas reticências que ela esconde: — "As primeiras rugas separam os amantes, enquanto que aproxima os esposos". Lembre-se, querida, que o inverno é nevoento e triste, muito triste sobretudo quando irrefletidamente destruimos tudo quanto poderia ser segurança, consolo, compensação.

"A felicidade é como a neblina: quando estamos dentro dela não a vemos".

Carta
Roberto
Joalheiros



Belíssima coleção
de joias para pre-
sentes -- Prataria
-- Objetos de arte

Uruguayana, 39

CAVALCANTI, JUNQUEIRA S. A.

CAPITAL: CR \$ 10.000.000,00

ENGENHARIA — ARQUITETURA — CONSTRUÇÕES
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRAULICASAv. Almirante Barroso 97 -- 6.º
RIO DE JANEIRO.Rua José Bonifácio 250 -- 9.º
SÃO PAULO.**AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES
DESTA REVISTA****Rogamos indiquem sempre, com as suas
remessas de dinheiro, nome, endereço
e fins a que as mesmas se destinam****O Caso da Corôa**

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 40)

quando morreu. Não acharam nada, exceto um fragmento do que parecia um pedacinho de giz, aderente ao paletó, justamente do lado de dentro da lapela.

— Que é que você acha que é isto? — perguntou Peake examinando cuidadosamente o fragmento.

— Não sei — disse Masson.

— Isto não pode ter nenhuma ligação com o crime. No entanto, vou levar para o laboratório, para ver o que eles podem dizer-me.

O químico encarregado do laboratório sorriu, quando Peake mostrou o pedaço de giz do tamanho da cabeça dum alfinete.

— Você está pródigo com o seu material, hein?

— É tudo o que eu tenho, doutor. Quando é que o senhor pode dizer-me alguma coisa?

— Volte esta tarde. Digamos, por volta de cinco horas.

Nenhum vestígio de cianido pôde ser encontrado em parte alguma, em Redcourt. Nenhum indício fosse de que espécie fosse. Nenhuma clareira. Nenhum progresso. As cinco horas, Peake, sentindo-se tapeado, voltou ao laboratório.

— Isto é uma espécie de cimento que os dentistas usam — disse o químico.

— Oh! — Peake ficou desapontado. — Lorrimer esteve com o dentista no sábado. Este fragmento poderia ter caído, nessa hora, no paletó.

— Evidentemente. É um produto sintético, é claro, mas eu posso descobrir o nome e o fabricante, se você quiser. A singularidade a respeito é que ele se dissolve em doze a quatorze horas.

— Não tem importância o nome — disse Peake. — Não me adianta nada.

Pouco depois, contudo, ocorreu-lhe que poderia ter algum sentido o fato de ter sido encontrado no paletó de Robert Lorrimer aquele fragmento de uma substância que se dissolvia em doze a quatorze horas. Voltando ao necrotério, iluminou com uma lâmpada elétrica muito forte o interior da boca do morto e lhe examinou os dentes. Um deles tinha sido excavado, naturalmente com um motor de dentista.

— Vou ver que é que Cunningham acha disto — murmurou ele.

Seu dentista ficou francamente intrigado com o dente.

— Está preparado para uma corôa — disse ele. — Mas ninguém mandaria um cliente embora nestas condições. Haveria uma corôa temporária ou qualquer coisa dessa espécie. Lorrimer deve ter perdido.

— Perdido? — Os olhos de Peake apertaram-se. — Suponha que um dentista tivesse posto uma corôa aí, mas por engano tivesse usado material errado... aquela substância que se dissolve em doze a quatorze horas.

— O resultado seria justamente o que você está vendo. Mas nenhum dentista cometeria tal engano.

— Você tem toda a razão — disse Peake. — Não cometeria tal engano. Desculpe-se tenho de sair.

Tomou um taxi para ir à Clínica Stevenson. Ao subir a larga escadaria, encontrou Philip Roscoe, que vinha descendo.

— Alô — disse Philip, com um sorriso amarelo. — Ainda farejando?

— Glaister está aí?

— Está. Acabou agora mesmo de me atender. Doeu como o diabo. Graças a Deus já acabei há um pedaço.

Pelo espírito de Peake passou a visão de um caramanchão estival e o som de vozes.

— Que foi que ele esteve fazendo com você? — perguntou.

— Pondo uma corôa num dente.

— Venha cá. Eu preciso de você.

Tomando pelo braço o companheiro aturdido, Peake largou-se pela escada abaixo, meteu-se no taxi que estava à espera e mandou o homem tocar para o consultório de Cunningham. Recusou-se a dar uma palavra pelo caminho, e ficou passeando impaciente pela sala de espera, até que o dentista entrou.

— Henry Glaister acaba de pôr uma corôa num dente de Mr. Roscoe, na Clínica — disse ele. — Eu quero que você veja isto.

— Oh, eu não posso intervir...

— Diabos levem sua etiqueta profissional. Não é hora de bobagem. Examine o dente, estou lhe dizendo.

A cara de Cunningham ficou intrigada, quando ele pôs o espelho na boca de Philip Roscoe.

— Não posso compreender isto — murmurou ele. — É uma corôa perfeita. Mas é feita de...

— Da substância que se dissolve em doze a quatorze horas?

— Sim.

— Arranque. Mas forre a boca com algodão, de maneira que não haja perigo de engulir nada. E pelo amor de Deus, tenha cuidado! Isto é uma questão de vida e de morte, Cunningham!

Ao primeiro toque do motor do dentista, a corôa saltou fora. Seus olhos se arregalaram quando uma pequena capsula rolou de dentro, sobre a camada de algodão preservadora. Cautelosamente ele extraiu a capsula com uma pinça e a apresentou.

— Você me botou em cima de brasas, inspetor — disse ele. — Não tenho a menor idéia do que isto possa ser.

— Mas eu tenho — disse Peake. — É simplesmente ácido hidrocianídrico... do laboratório da Clínica Stevenson. Foi assim que Robert Lorrimer foi assassinado.

Philip Roscoe deu um pulo da cadeira.

— O senhor não está falando sério, inspetor!

— Não estou? Quando eu voltar à Clínica, serei o homem mais sério da Inglaterra. Glaister queria a mulher de Lorrimer. Não tinha a menor idéia de que ela estava... bem, comprometida. Lembrou-se deste meio infernal de remover o obstáculo. Acontecesse o que acontecesse a quem quer que fosse, nenhuma suspeita poderia recair sobre ele, porque Lorrimer morreria doze a quatorze horas depois do veneno lhe ter sido metido na boca. Tanto a corôa como a capsula se dissolveriam imperceptivelmente, e ele não sentiria nada enquanto não estivesse nos estertores da agonia. Glaister soube que estava em segurança assim que chegou à casa ontem de manhã. Mas, à tarde, descobriu que não tivera sorte com Mrs. Lorrimer, porque você se achava no caminho. Portanto, resolveu livrar-se de você também. — O sorriso de Peake era muito sarcástico. — E se traiu, porque não teve paciência de esperar algum tempo mais. Mesmo porque poderia não ter outra oportunidade. Eu duvido que eu pudesse ligar a ele o primeiro crime. Mas agora... — O sorriso alargou-se — Não estou falando sério, hein? Venha e me veja prendê-lo!

ALMANAQUE
EU SEI TUDO
PARA 1944

A' venda em toda parte.

Cr. \$ 8,00 em todo o Brasil



na URCA



CONTINUA O SUCESSO DE

YES, CARNAVAL!

OS MELHORES SAMBAS E MARCHAS DO CARNAVAL DE 44
O MAIOR "CAST" EM CENA--O MAIS LINDO GUARDA-ROUPA

RESERVA DE MESAS PELO TEL. 26-5550

Na alegria das Festas não esqueça a poupança



*Comece bem 1944
abrindo uma
CADERNETA DE
ECONOMIA!*